

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

REGINA MARIA DE MENEZES

**SOCIABILIDADE E ORGANIZAÇÃO SOCIAL NA CIDADE DE PRIMAVERA/SP.
ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES CONSTRUÍDAS PELOS TRABALHADORES
DA USINA HIDRELÉTRICA ENGENHEIRO SERGIO MOTTA**

Maringá, 2013

REGINA MARIA DE MENEZES

SOCIABILIDADE E ORGANIZAÇÃO SOCIAL NA CIDADE DE PRIMAVERA/SP.
ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES CONSTRUÍDAS PELOS TRABALHADORES DA
USINA HIDRELÉTRICA ENGENHEIRO SERGIO MOTTA

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Departamento de Ciências Sociais, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Área de Concentração: Dinâmicas Urbanas e Políticas Públicas

Orientadora:
Prof.^a Dr.^a Marivânia Conceição de Araujo

Maringá, 2013

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá – PR., Brasil)

M543s Menezes, Regina Maria de
Sociabilidade e organização social na cidade de Primavera/SP. Análise das representações construídas pelos trabalhadores da usina hidrelétrica engenheiro Sergio Motta / Regina Maria de Menezes. -- Maringá, 2013.
129 f. : il. col., figs., tabs., mapas, gráficos.
Orientadora: Prof.ª Dr.ª Marivânia Conceição de Araujo.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2013.
1. Espaço urbano - Sociologia. 2. Sociologia urbana. 3. Representações sociais - Primavera-SP. 4. Questão da habitação - Primavera-SP. 5. Segregação socioespacial. 6. Questão da habitação - Primavera/SP. 7. Comunidades urbanas - Primavera/SP. 8. Antropologia urbana. 9. Sociabilidade urbana. I. Araujo, Marivânia Conceição de, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. III. Título.

CDD 21.ed. 307.76

MN-0001100

REGINA MARIA DE MENEZES

SOCIABILIDADE E ORGANIZAÇÃO SOCIAL NA CIDADE DE PRIMAVERA/SP. ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES CONSTRUÍDAS PELOS TRABALHADORES DA USINA HIDRELÉTRICA ENGENHEIRO SERGIO MOTTA.

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Departamento de Ciências Sociais, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Área de Concentração: Dinâmicas Urbanas e Políticas Públicas

Aprovado em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Marivânia Conceição de Araujo
Orientadora

Prof^a. Dr^a. Maria Nilza Silva
Membro da banca

Prof^a. Dr^a. Wânia Rezende Silva
Membro da banca

DEDICATÓRIA

Aos meus amados pais.

A quem devo tudo o que sou e o que conquistei. Pelo amor e dedicação sempre presentes e principalmente pelo apoio e compreensão nesta fase de minha vida.

AGRADECIMENTOS

Ao finalizar esse trabalho não poderia deixar de agradecer as inúmeras pessoas que participaram e colaboram para que ele fosse possível começando por:

Joaquim e Aparecida, meus pais, que sempre me apoiaram e não pouparam esforços para criar três filhos com muita dedicação.

Aos meus irmãos *Aparecido Junior e Antonio José* grandes companheiros nessa vida, as minhas queridas cunhadas *Julieta e Kátia* pelo estímulo.

A minha grande amiga *Solange Santos* que me acompanha desde a graduação sempre me incentivando e me socorrendo nos momentos difíceis.

Ao amigo *Rodrigo Guimarães* pelo incentivo e apoio, e conselhos. Aos meus queridos sobrinhos pela alegria que trazem à minha vida.

A todos os meus amigos, que conquistei nessa cidade ao longo de minha vida, pela compreensão e por me desejarem o melhor.

A *Osmilda e Joseli Peicher* que me receberam em sua casa em nome da amizade e consideração.

Aos professores do programa de pós-graduação em Ciências Sociais dessa universidade, e especial as professoras *Wânia Rezende e Ana Lúcia Rodrigues* pela contribuição na banca de qualificação.

A CAPES pelo financiamento desta pesquisa, através do fornecimento de bolsas de estudo, sem a qual o trabalho não seria possível. Aos funcionários da secretaria do programa de pós-graduação em Ciências Sociais.

Aos entrevistados dessa pesquisa pela colaboração e atenção dedicados a essa pesquisadora, vocês são a o coração desse trabalho.

A minha orientadora *Marivânia Conceição de Araujo* por abraçar essa causa e me acolher, pelo incentivo, paciência e por tudo que aprendi ao longo dessa caminhada.

Aos colegas do mestrado pela amizade conquistada e pelos momentos de descontração e apreensão compartilhados.

Enfim a todos aqueles que contribuíram de alguma forma, ou de outra, mas que não cito nomes aqui, muito obrigada.

Não se trata de uma descrição de “como as coisas realmente eram” ou de privilegiar a narrativa da história como imperialismo como a melhor versão da história. Trata-se, ao contrário, de oferecer um relato de como uma explicação e uma narrativa da realidade foram estabelecidas como normativas.

GayatriChakravortySpivak

O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja a produção não é de competência das palavras.

Pierre Bourdieu

O humilde habitante tem seu sistema de significações (ou antes seu subsistema) ao nível ecológico. O fato de habitar aqui ou ali comporta a recepção, a adoção, a transmissão de um determinado sistema, por exemplo o do habitat pavilhonista. O sistema de significações do habitante diz das suas passividades e das suas atividades; é recebido, porém modificado pela prática. É percebido.

Henri Lefebvre

RESUMO

SOCIABILIDADE E ORGANIZAÇÃO SOCIAL NA CIDADE DE PRIMAVERA/SP. ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES CONSTRUÍDAS PELOS TRABALHADORES DA USINA HIDRELÉTRICA ENGENHEIRO SERGIO MOTTA

A presente pesquisa tem como tema o estudo das representações sociais construídas pelos moradores de Primavera, no estado de São Paulo. A cidade é planejada para abrigar os funcionários-operários contratados para a edificação da usina hidrelétrica Engenheiro Sergio Motta, obra de responsabilidade da Companhia Energética de São Paulo (CESP). A investigação dessa temática tem como objetivo verificar em que medida a organização espacial, realizada pelo corpo técnico responsável pelo projeto urbanístico do núcleo residencial Primavera, interferiu nas relações pessoais e sociais dos moradores e de que forma isso aconteceu. Para tanto, será utilizado como método investigativo um estudo de caso com a análise de documentos e entrevistas que permitirão compreender em que medida o padrão de moradia desenvolvido no projeto urbanístico da Divisão de Arquitetura da CESP, interferiu na sociabilidade dos habitantes dessa cidade.

Palavras – chave: Primavera/SP; Espaço Urbano; Organização Espacial; Representações Sociais.

ABSTRACT

SOCIABILITY AND SOCIAL ORGANIZATION IN THE CITY OF SPRING / SP. ANALYSIS OF REPRESENTATIONS BUILT BY THE PLANT WORKERS HYDROELECTRIC ENGENHEIRO SERGIO MOTTA

This research theme is the study of social representations by residents of Primavera in the state of São Paulo. The city is planned to house the workers-employees hired for the construction of the hydroelectric engineer Sergio Motta, work responsibility Companhia Energetica de Sao Paulo (CESP). The theme of this research is to verify to what extent the spatial organization, held by staff responsible for designing urban core residential spring interfered with personal and social relationships of the residents and how it happened. For this purpose, will be used as an investigative method with a case study analysis of documents and interviews that will understand to what extent the pattern of housing developed in urban project of the Division of Architecture of CESP, interfered in sociability of the inhabitants of this city.

Keywords - **Keywords:** Primavera/SP; Urban Space, Space Organization, Social Representations.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Foto aérea da cidade de Ilha Solteira – São Paulo.....	18
Figura 2 –Foto aérea das casas da cidade de Primavera - São Paulo.....	18
Figura 3 – Foto aérea da cidade de Primavera- São Paulo.....	22
Figura 4 – Foto do modelo residência A4.....	33
Figura 5- Foto do modelo de residência A3.....	33
Figura 6 – Foto do modelo de residência A2.....	34
Figura 7 – Foto modelo de residência A2.....	34
Figura 8 – Foto do modelo de residência B5.....	35
Figura 9– Foto do modelo de residência B3.....	35
Figura 10 – Foto do modelo de residência B3.....	36
Figura 11 – Foto do modelo de residência B3.....	36
Figura 12 – Foto do modelo de residência B1.....	37
Figura 13 – Foto do modelo de residência B6.....	37
Figura 14 – Foto do modelo de residência B4.....	38
Figura 15 – Foto do modelo de residência B4.....	38
Figura 16 – Foto do modelo de residência B4.....	39
Figura 17– Foto do modelo de residência C3.....	39
Figura 18 – Foto do modelo de residência C2.....	40
Figura 19– Foto do modelo de residência C2 com 2 dormitórios.....	40
Figura 20 – Foto do modelo de residência C e C1.....	41
Figura 21 – Alojamento.....	41
Figura 22- Folder distribuído pela CESP na década 80/90.....	60

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Parâmetros para Dimensionamento da cidade de Primavera.....	15
Tabela 2 - Descrição da hierarquia de classificação das categorias profissionais.....	25
Tabela 3 – Quantidade de funcionários casados e solteiros divididos por categoria profissional.....	26
Tabela 4 - Estimativa do índice populacional da cidade de Primavera – 1982.....	29
Tabela 5 - Estrutura dos modelos de residências para cada nível ocupacional.....	31
Tabela 5– Número de habitações construídas por categoria profissional.....	41

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Pontal do Paranapanema no Estado de São Paulo.....	23
Mapa 2- Localização geográfica do município de Rosana/SP.....	24

LISTA DE GRAFICOS

Gráfico 1 – Porcentagem dos níveis de categoria profissional.....	28
---	----

LISTA DE ABREVIações

CESP – Companhia Energética do Estado de São Paulo

FAEC – Fundação de Assistência aos Funcionários da CESP

SUMÁRIO

FOLHA DE ROSTO
FOLHA DE APROVAÇÃO
DEDICATÓRIA
EPÍGRAFE
RESUMO
ABSTRACT
LISTA DE ILUSTRAÇÕES
LISTA DE TABELAS
LISTA DE MAPAS
LISTA DE GRAFICOS
LISTA DE ABREVIACÕES

INTRODUÇÃO.....	12
1-Considerações Iniciais.....	12
CAPITULO 1-CONSIDERAÇÕES SOBRE O OBJETO DE ESTUDO.....	21
1 – Conhecendo a cidade de Primavera- SP.....	22
CAPÍTULO 2 - CONSIDERAÇÕES SOBRE O MÉTODO DE TRABALHO.....	43
2 – Desenvolvimento da Pesquisa.....	44
2.1 – Procedimentos Metodológicos.....	45
CAPITULO 3 - TRAJETÓRIA URBANA E ORGANIZAÇÃO SOCIOESPACIAL DA CIDADE DE PRIMAVERA- SP.....	56
3 – Trajetória espacial de Primavera.....	56
3.1 – Organização socioespacial da cidade de Primavera.....	62
CAPÍTULO 4- PRIMAVERA E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS CONSTRUÍDAS POR SEUS HABITANTES/TRABALHADORES.....	72
4 – Considerações sobre o conceito de Representações Sociais.....	72
4.1 – A representação do habitante sobre a cidade de Primavera – SP.....	74
4.2 – A postura da iniciativa privada em relação à classificação de níveis.....	79
4.3 – A relação entre os habitantes de diferentes níveis.....	82
4.4 – O procedimento de distribuição das habitações.....	86
4.5 – As opções de lazer na “vila”	87
4.6 – As regras de disciplina da CESP – Companhia Energética de São Paulo.....	89
4.7- Considerações sobre o conceito de Segregação.....	91
CAPÍTULO 5-CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	96
BIBLIOGRAFIA.....	103
APENDICE.....	108
ANEXOS.....	110

INTRODUÇÃO

Vila operária, fazenda, usina, bairro proletário, núcleo urbano, núcleo residencial, núcleo fabril, cidade operária, cidade - companhia, cidade – empresa e cidade – nova são algumas das designações que essas aglomerações têm recebido entre nós dependendo de suas características quanto ao tamanho, à forma, à localização e à condição político – administrativo, do tipo de atividade à qual estão ligadas e do momento histórico em que surgem.

Telma de Barros Correia

1- CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O interesse pela organização espacial de vilas operárias para a construção de usinas hidrelétricas surgiu há alguns anos após iniciar a graduação em ciências sociais, mas naquele momento, não havia no curso uma disciplina com questões propostas para o tema. As pesquisas desenvolvidas sobre o universo de usinas hidrelétricas, até mesmo pelas ciências sociais, priorizam a discussão sobre a “política das águas” (MARTINS, 2010). Há muitos estudos sobre vilas operárias em geral, porém especificamente sobre vilas de apoio à construção de usinas hidrelétricas existem poucos.

A composição espacial do objeto de estudo, Primavera, é significativa, uma vez que se trata de uma localidade dividida por quadras, com modelos de casas específicos para cada nível profissional dos funcionários contratados para a construção da usina hidrelétrica Eng. Sergio Motta¹, por isso ela desperta a curiosidade do observador. Com a absorção dessa divisão no tecido social a temática proposta é de uma investigação sobre uma possível segregação espacial, fruto do planejamento e da administração desse núcleo urbano, feita pela Companhia Energética de São Paulo - CESP.

O estudo de representações sociais é importante porque esse conceito é entendido como um “termo filosófico que significa a reprodução de uma percepção retida na lembrança ou conteúdo do pensamento” (MINAYO, 2012 p.73), as lembranças dos moradores serão fonte para a construção de documentos em relação a esse universo ainda não discutido.

Para essa discussão será utilizado o conceito de representações de Serge Moscovici que o introduziu em seu estudo pioneiro sobre as maneiras como a psicanálise penetrou o

¹ Inicialmente conhecida como Usina hidrelétrica Porto Primavera. Em homenagem ao ex - ministro da comunicação, governo Fernando Henrique Cardoso, falecido em 1998, um ano antes da conclusão das obras, o nome foi alterado para Usina Hidrelétrica Engenheiro Sergio Motta.

pensamento popular na França (MOSCOVICI, 2011 p. 09). Para o autor, as representações sociais devem ser vistas como uma maneira específica de compreender e comunicar o que nós já sabemos, pois, têm como objetivo abstrair sentido do mundo e introduzir nele ordem e percepções, que reproduzam o mundo de uma forma significativa (MOSCOVICI, 2011 p.46).

As representações têm como finalidade tornar familiar algo não familiar (MOSCOVICI, 2011 p. 54), o novo espaço que se apresentava ao funcionário, enquanto morador tem como égide regras proveniente do ambiente de trabalho e que transferidas para o cotidiano de modo coercitivo, levando-o a adaptar-se a nova forma de interação com o meio que o rodeia.

Segundo o Dicionário Houaiss representar é ser a imagem ou a reprodução, significar, desempenhar (papel) como ator, interpretar (HOUAISS & VILLAR, 2004). Essa perspectiva nos permite ver as implicações práticas sugeridas por “Wittgenstein (1953) e pelos interacionistas simbólicos por ele influenciados: somos atores sociais engajados na construção de identidades funcionais que nos permitem negociar as relações sociais” (SPINK, 1993 p.303).

Quais representações os sujeitos fazem desse universo e dessa relação? Como interpretam o seu modo de vida, no passado, e também no presente, no que tange as consequências de terem pertencido a esse determinado espaço? Para responder a essas questões e refletir sobre o espaço social estudado as entrevistas compõem a metodologia desta pesquisa com o objetivo de produzir documentos a respeito desse universo, uma vila de barrageiros² funcionários de uma usina hidrelétrica, que com o passar do tempo transforma-se num distrito, uma cidade, com especificidades próprias e que conta atualmente com 10.289 habitantes³.

Foram realizadas dez entrevistas, cinco homens ligados diretamente ao canteiro de obras, e cinco mulheres ligadas indiretamente à usina hidrelétrica, mas todos moradores e moradoras há vinte anos. A identidade dos entrevistados foi preservada a pedido dos mesmos, sendo os nomes substituídos por letras do alfabeto, escolhidas aleatoriamente.

² Barrageiro é o indivíduo que trabalha na construção de barragens para geração de eletricidade. Nem todos trabalhadores envolvidos na construção de barragens se autodenominam como barrageiros, para alguns, esse título é ofensivo. O barrageiro tradicional é aquele que se dedica a produção de eletricidade, que se desloca de região, de tempos em tempos, para trabalhar na construção de usinas hidrelétricas. No do universo da produção de energia elétrica no Brasil se estabelece a cultura do barrageiro, também chamado de peão para distinguir entre o barrageiro de cargo com qualificação profissional e aquele sem especialização, ou seja, a produção intelectual da produção braçal (trabalho manual que exige especificamente a força física, produção mecânica). Descrição feita pela pesquisadora por não haver uma definição desse conceito. A pesquisadora se autodenomina barrageira pela sua história de vida.

³CENSO IBGE 2010: <http://www.ibge.gov.br/cidades>. Acesso: junho de 2011

Foram analisados documentos produzidos pela Companhia Energética de São Paulo, para tanto foram realizadas visitas ao núcleo CESP na cidade de Primavera e na central que fica localizada na cidade de São Paulo. A Prefeitura Municipal de Rosana também fora visitada porque administra o núcleo residencial de Primavera desde 2000, tendo por tanto recebido documentos da CESP sobre a construção da usina hidrelétrica. As entrevistas ocorrem entre os meses de Junho e Julho de 2012 e as visitas ocorrem no período de Junho de 2011 até Outubro de 2012.

Uma característica comum entre vilas de operários construídas pela CESP é a divisão de tipos de moradias seguindo os critérios de organização do canteiro de obras. Ilha Solteira, primeira cidade construída pela CESP foi planejada para abrigar operários da construção da Usina hidrelétrica Ilha Solteira - SP. Os arquitetos que desenvolveram o projeto de construção da cidade de Primavera espelham-se no modelo de Ilha Solteira devido à semelhança das “condições regionais e necessidades dos programas de Rosana e Porto Primavera” (TSUKUMO, 1994:129-121). No caso deste estudo, a investigação está pautada nos critérios de classificação das categorias profissionais representadas pela terminologia: níveis. Essa terminologia fora elaborada pela empresa responsável pelo empreendimento, e refere-se a uma classificação numérica de ocupação no local de trabalho. A classificação de cargos profissionais que definia a hierarquia no ambiente de trabalho era utilizada, também, para a distribuição das moradias construídas com a finalidade de alojar os trabalhadores.

Os dados referentes à implantação de vilas foram encontrados no registro de documentos da CESP, que mantém um núcleo na cidade de Primavera e a sede na cidade de São Paulo. Através de uma visita à sede da CESP esses documentos foram localizados. No núcleo de Primavera, foram encontrados registros de fotos das residências. Alguns documentos foram repassados ao poder municipal.

Os documentos referem-se a relatórios que apresentam estudos realizados para implantação da cidade de Primavera, e outros, sobre a experiência da CESP na construção de vilas de operadores. Alguns relatórios foram feitos pela empresa HIDROBRASILEIRA S.A, Engenharia e Consultoria Técnica contratada para a construção do núcleo urbano. A CESP terceirizou serviços não só da construção da cidade, como também da usina hidrelétrica, por isso a existência de várias empresas na contratação de funcionários. Um trecho desse

relatório⁴ apresenta a divisão entre os funcionários, por categoria profissional, baseada em experiências anteriores descrevendo que:

Os estudos realizados para dimensionamento da necessidade de pessoal para a obra de Porto Primavera indicavam a necessidade de 10.000 empregados no período de pico de obra. Esse número foi adotado como parâmetro para o dimensionamento do núcleo residencial baseados na experiência obtida em Ilha Solteira e Água Vermelha e que apresentam os seguintes números:

Tabela 1- Parâmetros para Dimensionamento da cidade de Primavera.

NÍVEL	ILHA SOLTEIRA	ÁGUA VERMELHA	PRIMAVERA
1	33%	29%	30%
2	44,7%	51%	47,4%
3	12,9%	12,3%	13%
4	6%	4,2%	6%
5	1,8%	1,9%	2%
6	1,6%	1,3%	1,6%

(SGARBOZA, OLIVEIRA, RODRIGUES, 1986 p. 30).

Para a construção da usina hidrelétrica de Ilha Solteira, optou-se pela construção de um núcleo permanente, e para a usina hidrelétrica de Água Vermelha por um núcleo transitório com vilas de operadores nas cidades da região entre elas: Fernandópolis, Jales, Guarani D' oeste, Indiaporã e Ouroeste⁵. A tabela construída nesse relatório técnico confirma a forma de organização dos funcionários da CESP por divisão de categorias profissionais através da terminologia: níveis.

Independente do tipo do núcleo implantado, transitório ou permanente, as regras administrativas foram as mesmas, assim como a organização no canteiro de obras e das vilas de operadores. O sistema de classificação hierárquica de níveis que representam as categorias profissionais foi utilizado em todas as estruturas construídas pela CESP, tanto nas obras de apoio, como nas obras de geração de energia elétrica. As vilas de operadores, ou de maneira formal, os núcleos residenciais são obras de apoio à construção de usinas hidrelétricas.

Buscar a representação desses níveis para os sujeitos envolvidos no processo de construção da cidade de Primavera permitirá verificar se houve segregação e se os habitantes, de alguma forma, sentiram-se segregados. A segregação é dinâmica, envolve espaço e tempo e é própria do capitalismo (CORRÊA, 1989 p. 69). O conceito de segregação adotado se remete a duas dimensões principais: os padrões de concentração espacial de determinados grupos sociais e o grau de homogeneidade social de determinadas áreas (TORRES, 2005 p.

⁴ SAGARBOZA, Bento Carlos; OLIVEIRA, Antonio C. Nunes; RODRIGUES, José Antonio. Vilas temporárias e permanentes como estrutura para a construção de usinas hidrelétricas. A experiência CESP. Relatório técnico Companhia Energética de São Paulo: Junho de 1996.

⁵ Cidades localizadas no Estado de São Paulo. Não há trabalhos acadêmicos sobre essas cidades, apenas trabalhos sobre a CESP na área de exatas, voltados para a geração de energia. A composição das vilas operárias construídas pela CESP é apresentada no Livro publicado pela mesma: Arquitetura na CESP. A única vila construída pela CESP estudada até então é a cidade de Ilha Solteira com a discussão da quantidade e da qualidade do seu espaço público.

82). Destaca-se, contudo que a segregação já pode ser percebida, por exemplo, na proposta de construção das áreas de lazer, com dois clubes destinados a membros de níveis diferentes a empresa faz uma descrição sobre os clubes:

Primavera conta com dois clubes construídos pela CESP e que são administrados por diretoria própria constituindo em pessoa jurídica próprias em que os associados concorrem para as despesas operacionais e promoções sociais/esportivas. A Associação Atlético Porto Primavera (AAPP) é um clube com características populares congregando indistintamente, todos os moradores da cidade. O Rosana Esporte Clube (REC) é um clube mais fechado, com condições rígidas para a admissão de associados (SGARBOZA, OLIVEIRA, RODRIGUES 1986 p. 52).

A divisão da área de lazer traz indicativos de uma separação social entre os moradores. A separação também é observada na localização das residências classificadas por níveis, ou seja, apresenta-se uma segregação residencial. Todavia, é preciso deixar evidente o que significa a segregação entre os grupos, pois existem diferentes formas de se caracterizá-la. Na América Latina esse conceito tem sido utilizado como se fosse um mero reflexo das diferenças entre os grupos sociais, encarado como sinônimo de desigualdade, exclusão e pobreza (TORRES, 2005 p. 82). Nesta pesquisa parte-se do princípio que:

[...] a segregação residencial pode ser vista como um meio de reprodução social, e nesse sentido o espaço age como um elemento condicionador sobre a sociedade. Nesse sentido, enquanto o lugar de trabalho, fábricas e escritório, constitui-se no local de produção, as residências e os bairros, definidos como unidades territoriais e sociais, constituem-se no local de reprodução. Assim, a segregação residencial significa não apenas um meio de privilégios para a classe dominante, mas também um meio de controle e reprodução social para o futuro (CORRÊA, 1989 p. 65 -66).

Sob essas condições, segregação residencial, as relações são supostamente mediadas por influência da classificação de níveis, em que os membros de cada categoria acabam por interagir com outros da mesma categoria em função da estrutura organizacional desenvolvida pela CESP.

Com o trabalho de campo, com a transcrição dos relatos dos moradores, coletado nas entrevistas foi possível investigar se há existência da influencia da organização do espaço sobre as relações sociais entre os moradores/funcionários. O trecho do relatório citado acima demonstra a separação entre os moradores quando afirma que um clube é aberto a todos, enquanto o outro é fechado com condições rígidas para admissão de associados. Os critérios para associação nos clubes caracterizava-se em uma exclusão social porque o AAPP poderia admitir qualquer associado, enquanto o clube REC admitiria apenas os funcionários dos níveis 5 e 6.

Essa forma de separação das áreas é herança do modelo de construção adotado em Ilha Solteira, como ressalta Dourado (2007)⁶, “a segregação socioespacial, gerada pela distribuição da população em níveis e de acordo com a posição que o trabalhador ocupava na empresa, na época da construção da usina e da cidade, mantêm-se até os dias atuais” (DOURADO, 2007. p.162).

A comparação entre as cidades de Primavera e Ilha Solteira é inevitável, pois o planejamento da primeira teve como base a experiência na construção da segunda. Assim como a pesquisa de Dourado, esta pesquisa parte do pressuposto de que o padrão de planejamento urbano da Companhia Energética de São Paulo produziu a segregação socioespacial em função da estratificação de residências pautada na classificação profissional.

O procedimento de classificação de níveis para organizar as atividades de trabalho no canteiro de obras usado como critério para a distribuição de residências separa os habitantes no espaço urbano pelo nível classificação profissional e, conseqüentemente, por sua renda. Lembrando que cada categoria tem sua remuneração estipulada pelos valores do mercado de trabalho, e nesse caso a diferença de salários está implícita na divisão de níveis.

A discussão sobre a interferência desse planejamento urbano será realizado adiante, no capítulo 3, por ora cabe descrever como se desenvolveu a estrutura organizacional da Companhia energética de São Paulo - CESP dentro da cidade de Primavera e suas inspirações para o planejamento e projeção na construção desta. Com a necessidade de fixar contingentes humanos envolvidos na construção de obras de geração de energia, usinas hidrelétricas, a empresa elaborou projetos para a implantação de núcleos residenciais permanentes e transitórios.

Os primeiros núcleos desenvolvidos foram os transitórios, assim chamados em função da desativação dos mesmos no final das obras. Os núcleos permanentes, por sua vez, foram edificados em regiões de difícil acesso, ou seja, distante de centros em que pudessem se instalar núcleos transitórios, vilas de operadores. As vilas de operadores eram também chamadas de acampamento, mas o termo técnico são núcleos habitacionais, ou residenciais.

O objetivo de ambos é abrigar os funcionários envolvidos na construção de usinas hidrelétricas, a diferença entre eles é que o primeiro por ser instalado dentro de uma cidade e no término da construção desativado, enquanto o segundo por ser construído numa região onde não havia nada anteriormente ficará para integrar a região, tornar-se efetivamente uma cidade (TSUKUMO, 1994). Na sequência, as figuras 1 e 2 apresentam os núcleos

⁶ Pesquisa acerca do espaço público de lazer inserido no espaço urbano de Ilha Solteira/SP.

residenciais permanentes construídos pela CESP ao longo de sua trajetória no setor de geração de energia elétrica. As fotos são das casas da cidade de Ilha Solteira e de Primavera, pode-se perceber que, em ambas, as casas são agrupadas, geminadas⁷. Esse é modelo adotado pela CESP na construção de moradias, os núcleos temporários também seguem esse padrão⁸.

Figura 1: Foto aérea da cidade de Ilha Solteira – São Paulo, núcleos permanente construído em 1967 como apoio a construção da usina hidrelétrica Ilha Solteira.



Fonte: TSUKUMO, Nina M. J. (Org.) Arquitetura na CESP. São Paulo: CESP, 1994.

Figura 2 – Foto aérea da cidade de Primavera - São Paulo, núcleo permanente construído em 1980 como apoio a construção da usina hidrelétrica Rosana e Engenheiro Sergio Motta.



Fonte: TSUKUMO, Nina M. J. (Org.) Arquitetura na CESP. São Paulo: CESP, 1994.

⁷ Geminado: diz-se de cada uma de duas casas encostadas uma na outra com uma às duas; que se dispõe aos pares. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa. 2.ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.**

⁸ Modelo de vilas temporárias, núcleos transitórios, em anexo.

Ao longo da sua trajetória no setor elétrico, a Companhia Energética de São Paulo – CESP - construiu mais de vinte usinas hidrelétricas, todas com núcleo de habitação, como apoio, para abrigar funcionários. Desenvolveu dois modelos de núcleos: transitório e permanente, de acordo com a necessidade da obra em questão. Entre os inúmeros núcleos construídos, apenas dois foram permanentes, ou seja, a CESP construiu duas cidades durante sua atuação na construção de obras de geração de energia elétrica.

As duas cidades construídas foram Ilha Solteira e Primavera, por isso a primeira é referência para a projeção da segunda. A iniciativa para a construção deve-se à distância das cidades próximas ao empreendimento, à impossibilidade de núcleos transitórios próximos ao canteiro de obras. A CESP registra na sua trajetória a participação na história do setor elétrico e na engenharia brasileira.

A CESP foi constituída em 1966 pelo Governo do Estado, mediante a fusão de 11 empresas paulistas. Até o fim dos anos 1990, a Companhia era verticalmente integrada, atuando nas atividades de geração, transmissão e distribuição de eletricidade no Estado de São Paulo. Em julho de 1996, a Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo aprovou a Lei Estadual nº 9.361, autorizando a reestruturação societária do setor energético do Estado de São Paulo e a venda da participação detida pelo Governo do Estado nas empresas por ele controladas, incluindo a Companhia.

A usina hidrelétrica Engenheiro Sergio Motta foi a última construção realizada pela Companhia Energética de São Paulo. Sua construção começa em 1981 e vai até o ano de 1999, tendo o repasse da administração da cidade de Primavera para o poder municipal no ano de 2000, quando a CESP retira-se da região ficando a sede para a operação e geração de energia. A partir desse período, a cidade, antigo núcleo, tornou-se responsabilidade do município de Rosana- São Paulo.

O primeiro capítulo inicia-se com uma apresentação da cidade de Primavera, sua composição geográfica e a forma como foi projetada, será descrita com objetivo de situar o leitor no universo da pesquisa. No segundo capítulo encontra-se a descrição do desenvolvimento da pesquisa e seu instrumental teórico. O terceiro capítulo foi reservado para demonstrar a trajetória urbana através de uma discussão sobre a organização socioespacial. No quarto capítulo conceitua-se a pesquisa no campo da teoria das Representações Sociais e no conceito de Segregação para refutar ou confirmar a hipótese deste trabalho. Cabe ressaltar que o objetivo desta investigação é verificar em que medida a organização espacial realizada pelo corpo técnico da CESP interferiu, ou não, nas relações sociais dos moradores, por isso conhecer e entender a estrutura física e social da cidade é requisito fundamental para a

construção deste trabalho. Após a discussão realizada no capítulo 4 encerra-se o trabalho com a conclusão da pesquisa.

CAPITULO 1**CONSIDERAÇÕES SOBRE O OBJETO DE ESTUDO**

LUGAR / AQUI!

Alexandre de Castro

Lugar de se ir!
Bom pra ficar,
Quando chego aqui,
Não quero voltar!

Aconchego, sossego,
À noite, de dia,
Silêncio que reina,
Faz-se poesia.

Adoro!
Adormeço!
A fala fica mole,
Os compromissos esqueço!
A alma fica leve,
O ar sempre fresco

Aqui, sente-se liberdade,
Alegria de verdade,
Percebe-se a alma,
Cultiva-se a calma.

Daqui todos gostamos,
Tudo é legal!
A mata é mais verde,
Brilha mais o sol
Beleza celestial,
Satisfação pessoal,
Paz!

1 – Conhecendo a cidade de Primavera- SP

Figura 3 – Foto aérea da cidade de Primavera- São Paulo.



Fonte: Portal Prefeitura Municipal de Rosana - <http://www.rosana.sp.gov.br>. Acesso: 08 Março de 2011.

A cidade de Primavera, distrito do município de Rosana/SP está localizada no interior do Oeste paulista, mais precisamente no Pontal do Paranapanema⁹, divisa com os estados do Mato Grosso do Sul e do Paraná. Rosana tem 19.691 habitantes entre população rural e urbana. A população rural é composta por 3.833 habitantes e a urbana por 15.858, sendo 5.569 a população da sede municipal (Rosana), e o distrito de Primavera conta com 10.289 habitantes (IBGE, Censo Demográfico 2010).

⁹ Mapa - 1 Fonte: IGC- 2003 Org. Thomaz Jr., Unesp.

De 1970 a 2010 a população de Rosana decresceu de 24.000 para 19.691 devido à retirada em massa da população trabalhadora das usinas hidrelétricas de Rosana, finalizada em 1994, e de Porto Primavera finalizada em 1999. Em 1963 a Companhia Energética de São Paulo começa o investimento em geração de energia elétrica no Pontal do Paranapanema.

O distrito de Rosana foi criado em 28 de fevereiro de 1964 pela Lei nº 8092/64, como território pertencente ao município de Presidente Epitácio/SP. Em 27 de janeiro de 1966 ocorre a sua instalação através de um plebiscito, o distrito de Rosana passa a pertencer ao município de Teodoro Sampaio/SP.

Mapa 2- Localização geográfica do município de Rosana no mapa do Estado de São Paulo e República Federativa do Brasil.



Fonte: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1503308>.
Acesso: 20 de outubro de 2012.

Em 1992 o distrito de Porto Primavera foi criado, construído pelos trabalhadores da usina hidrelétrica Engenheiro Sergio Motta e da usina hidrelétrica de Rosana. O município de Rosana foi emancipado em 1º de janeiro de 1993 com a eleição do primeiro prefeito¹⁰.

A distância entre Primavera e Rosana é de, aproximadamente, sete quilômetros. Os dados citados, até o momento, sobre de Rosana são suficientes para o contexto desta pesquisa uma vez que o objetivo aqui é realizar um estudo sobre a cidade de Primavera.

É preciso ressaltar que a pesquisadora deste trabalho pertence ao campo social a ser investigado, moradora da cidade há vinte e três anos, filha de ex-funcionário da

¹⁰Fonte: Prefeitura Municipal de Rosana/SP.

usina hidrelétrica de classificação profissional nível – 3 que tinha por direito o modelo de residência B6¹¹, onde ainda reside.

Estudar o “nós” é um problema já resolvido pela Antropologia Social. Gilberto Velho, ao realizar o estudo sobre o bairro de Copacabana no Rio de Janeiro, onde morou por dezoito anos, menciona, na primeira edição, que a Antropologia Urbana engatinhava nessa direção e enfrentava sérios problemas metodológicos (VELHO, 1975 p. 11). Durante a quarta edição, o antropólogo afirma que seu trabalho abriu caminho para uma linha de pesquisa que hoje não precisa de maiores justificativas (VELHO, 1982 p. 05).

Caminho ao encontro de Gilberto Velho que assume sua posição no campo de investigação, não para desfiar recordações sentimentais, e sim para situar-se enquanto investigador, diante do objeto de pesquisa (1982 p.13). O uso do ponto de vista, enquanto moradora além de pesquisadora, será realizado com o propósito de apresentar o ambiente a ser pesquisado por entendê-lo como relevante na descrição da cidade. A exposição inicia-se neste momento e segue retrocedendo até início da década de 90.

Ao chegar à cidade de Primavera, o visitante encontra uma cidade arborizada, a maioria das casas têm muros altos e foi construída sob o mesmo modelo em cada quadra. Não há divisão por bairros, e sim por quadras. Para entender o porquê de casas agrupadas por quadras e com modelos iguais, basta que o visitante entre em contato com moradores e indague sobre esse evento, uma vez que a história da construção de Primavera é um fato recente, pois a cidade tem trinta e dois anos de existência, e maioria dos seus habitantes morando há mais de vinte anos na cidade.

Na mudança para a cidade em 1989, oito anos depois do início da construção da vila, e três anos antes da finalização, surpreendi-me com os diferentes modelos de casas divididas em blocos, chamados de quadras.

Naquele período, a cidade tinha uma aparência agradável, organizada e muito limpa, com modelos de casas iguais, distribuídos por quadras, diferenciados apenas por pequenos detalhes nas cores que não eram diversificadas. O modelo padrão tinha um tom bege de fundo com detalhes em uma das quatro cores padronizadas: laranja, azul, amarelo, vermelho e marrom. Hoje as cores são diversas, os muros foram aumentados e a estrutura das casas modificadas, mas não o suficiente para desconhecer o modelo.

¹¹ Figura 19 apresentada no capítulo – 1.

As ruas são largas, algumas têm curvas suaves que lembram ondas - numa cidade cuja planta tem o formato de um barco¹² - e provocam interesse ao visitante e observador. Os idealizadores do projeto urbanístico levaram em consideração a localização regional da tríplice fronteira, a região do Pontal do Paranapanema, última fronteira paulista e o encontro dos rios Paraná e Paranapanema foram influências para os arquitetos (TSUKUMO et al, 1994, p.120).

A composição do espaço é visivelmente percebida como um simples agrupamento de casas por blocos, cada qual com seu modelo. Compreender que essa composição fora escolhida para permitir que a distribuição de moradias¹³ seguisse a sequência da hierarquia das categorias profissionais (casas classificadas por níveis) é possível somente através do diálogo com moradores que residem há algum tempo na cidade.

Aos poucos, o objetivo da diferença entre os modelos das residências torna-se clara para o observador. O discurso sobre níveis ocupacionais¹⁴, a justificativa dessa classificação, a compreensão da hierarquia de status, que caracterizam o cotidiano torna-se evidente pouco a pouco nos eventos, tanto formais quanto informais¹⁵.

Através da análise da distribuição das residências divididas quadras próximas uma das outras e agrupadas de acordo com o nível da categoria profissional nota-se que não existe uma separação física, não há quadras cercadas por muros, como ocorre em condomínios residenciais. A separação física não é objetivo da pesquisa, pretende-se investigar a separação que ocorre na relação entre os habitantes em consequência do projeto de organização do espaço, que tem a divisão de níveis como critério para a localização e o formato das residências.

No capítulo 3, apresenta-se a planta da cidade que fora organizada pela pesquisadora com o fim de ilustrar a distribuição geográfica e a organização espacial desenhada pela empresa CESP, já que não há arquivos de plantas com a distribuição de residências em formato acessível para trabalhos acadêmicos.

¹² Anexo 1. Fonte: Divisão de Obras e Serviços Públicos. P.M. de Rosana/SP.

¹³ *Ibid* nota 4.

¹⁴ Classificação de empregados, pela CESP e subsidiárias, por plano de carreira numa hierarquia decrescente dos cargos de trabalho: níveis 6, 5, 4, 3,2 e 1.

¹⁵ Eventos formais tidos como obrigatórios: escolas, hospitais, bancos e etc. Informais são aqueles tidos pela escolha individual, encontro com amigos e etc. Durante a observação do objeto de estudo, que se inicia no ano de 2009, antes de ingressar na pós-graduação, era comum ouvir alguma referência sobre esse fato, sempre recordado pelos moradores. A pesquisa inicia-se formalmente no ano de 2011, após a aprovação no processo seletivo de pós-graduação em Ciências Sociais no ano de 2010.

A distribuição geográfica acompanha a organização do canteiro de obras, ou seja, a hierarquia dos cargos. Fato de conhecimento dos moradores, trabalhadores da usina. A CESP atribui aos cargos uma classificação numérica de acordo com as categorias profissionais. Analisando esse procedimento com base nos estudos de estrutura ocupacional brasileira, que utiliza a variável ocupação para medir a posição social dos indivíduos por meio de critérios socioeconômicos objetivos e pela linha avaliativo-subjetiva do prestígio social de certas ocupações (SILVA, 1974 p. 04), conclui-se que havia como base, no procedimento adotado pela companhia, a hierarquia da classificação das ocupações sociais. A classificação CESP ocorre em seis níveis numéricos na qual a relação de status segue uma ordem decrescente. As categorias profissionais eram classificadas da seguinte forma:

Tabela 2 - Descrição da hierarquia de classificação das categorias profissionais

NÍVEIS	FUNÇÃO	GRAU DE ESCOLARIDADE
6	Equipes com curso superior	Superior completo
5	Equipes com experiência em usinas hidrelétricas	Ensino médio ou técnico
4	Topógrafos e Técnicos	Curso técnico
3	Oficiais de pedreiros e chefes de carpintaria	Ensino médio incompleto
2	Pedreiro e Carpinteiro	Ensino fundamental incompleto
1	Ajudante	Sem exigências de escolaridade

Fonte: Regina Menezes¹⁶

Os mais altos cargos encontravam-se no nível 6 – gerentes de divisão e nível 5 – chefes¹⁷ de divisão, e os baixos cargos no nível 4 – técnicos, nível 3 – encarregados, nível 2 – assistente, nível 1 – auxiliar. Os trabalhadores que pertenciam a categoria de nível 1 foram alocados em uma instalação coletiva: alojamento. Os dados sobre os cargos exercidos por cada categoria profissional não constam nos relatórios da empresa, os relatórios referem-se à distribuição de casas por níveis profissionais, sobre o percentual de cada categoria, mas não mencionam a necessidade e o porquê da classificação profissional ocorrer em ordem numérica. Funcionários e ex-funcionários da empresa e de empreiteiras descreveram a classificação e seus critérios.

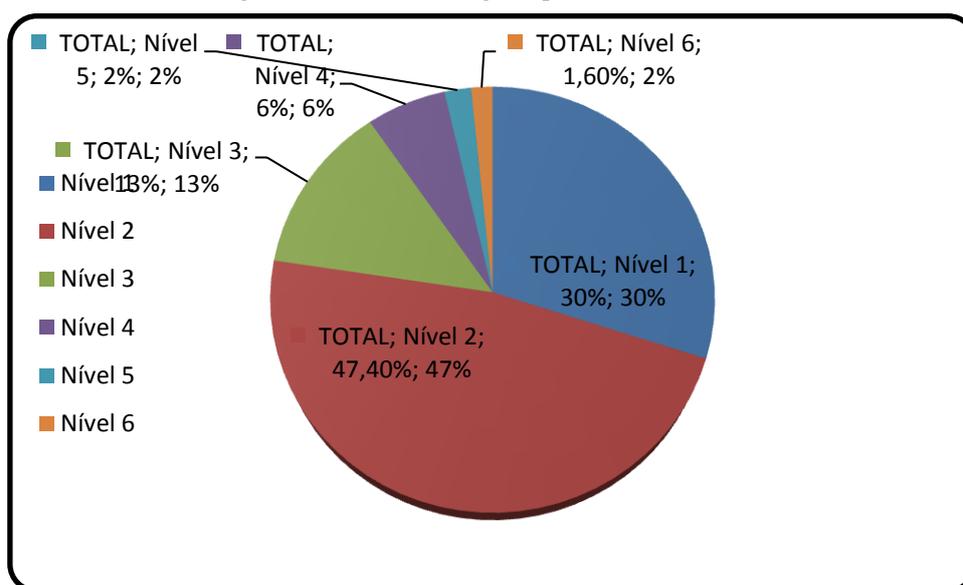
A evidência empírica sobre a classificação dos cargos está na própria hierarquia estabelecida no ambiente de trabalho e transferida para a organização

¹⁶ Informações obtidas por meio de trabalho de campo, entrevistas realizadas entre os meses de Junho e Julho de 2012.

¹⁷ Expressão utilizada pelos funcionários para referir-se aos diretores e supervisores.

espacial, os relatos dos entrevistados, moradores da cidade há mais de vinte anos, legitimam essa organização. A CESP produziu documentos sobre a construção da cidade de Primavera que registram a quantidade de funcionários por classificação profissional, sendo assim, é possível demonstrar o percentual de funcionários por nível de categoria profissional. Segue gráfico com a ilustração da divisão espacial das residências por classificação profissional.

Gráfico 1 – Porcentagem dos níveis de categoria profissional



Fonte: CESP- Companhia Energética de São Paulo.

O gráfico refere-se apenas ao número de funcionários contratados, mas não especifica o número de casados e solteiros. Com base em experiências anteriores, a CESP inferiu um número de casados e solteiros de acordo com a tabela a seguir:

Tabela 3 – Quantidade de funcionários casados e solteiros divididos por categoria profissional

NÍVEL	CASADOS	SOLTEIROS	TOTAL
1	600	2.400	3.000
2	3.033	1.707	4.470
3	910	390	1.300
4	480	120	600
5	176	24	200
6	138	22	160
TOTAL	5.337	4.663	10.000

Fonte: CESP – Companhia Energética de São Paulo.

As residências foram construídas para alojar os funcionários e conseqüentemente suas respectivas famílias, o que levou a necessidade do cálculo de um possível contingente populacional, baseado na experiência de Ilha Solteira. A HIDROBRASILEIRA S/A uma das responsáveis pela construção de residências, a maior empresa terceirizada contratada pela CESP, produziu o plano diretor da cidade de Primavera junto a CESP. Foram utilizadas como base para o cálculo da população residente, gerada pelo emprego direto na construção da usina hidrelétrica, um número de pessoas por família de acordo com a classificação das categorias profissionais na hierarquia do canteiro de obras, o trecho do relatório preliminar da primeira etapa do plano diretor afirma que:

Admitindo-se que as categorias sócio profissionais mais baixas têm famílias maiores que as de nível mais alto, repartiu-se o índice de tamanho familiar de 4,8 pessoas por unidade observado em Ilha Solteira, em 4 para os níveis 4, 5 e 6; e 5 para níveis 2 e 3. A estrutura etária da população assim como sua participação por sexo foi estimada com base na situação de Ilha Solteira em março de 1974, cujas características são semelhantes às da futura cidade de Porto Primavera (HIDROBRASILEIRA S/A [s.d.] p.09).

Todos os atos direcionados à organização da cidade de Primavera têm como princípio norteador a classificação de níveis, e esses têm como fundamento, não declarado pela empresa, mas diagnosticados na análise de relatórios e pelos dados coletados no trabalho de campo por meio de entrevistas, a separação entre habitantes de acordo com sua posição social. “No Brasil, os estudos da estrutura ocupacional têm, aparentemente, se limitado à análise do prestígio das ocupações” (SILVA, 1974 p. 06). A palavra prestígio significa honra e respeito, entrevistados de alguns estudos ocupacionais atribuem mais prestígio a ocupações com salários de valor elevado ao mínimo estabelecido (SILVA, 1974 p. 07). No universo pesquisado, através de entrevistas, percebe-se o que Silva quer dizer por prestígio de algumas ocupações devido à remuneração salarial, como relata o entrevistado “Y”, morador de Primavera há trinta e dois anos, ex-funcionário da CESP, aposentado:

P: O senhor achava legal esse negócio de níveis?

Y: Ah... Sei lá, acho que isso é um padrão deles, da empresa, mas... eu acho que num tinha bem conhecimento igual os engenheiros e coisa e tal. Então cada atividade a pessoa que tinha muito estudo, esses engenheiros tinham

muito estudo, os nível 5 tinham estudo, então eles tinham casas melhores né. Eu acho que numa parte eles estavam certos (MORADOR HÁ 32 ANOS).

Segundo o entrevistado, o conhecimento era um requisito de relevância para o padrão de organização funcional da Companhia Energética de São Paulo. Esse conhecimento era decorrente do grau de escolarização que, para o entrevistado, tinha sua importância e dava direitos aqueles com nível de instrução superior, os profissionais graduados.

A qualificação profissional estava diretamente ligada ao grau de instrução do trabalhador, o que lhe conferia uma posição na escala de classificação profissional de acordo com a ocupação adequada ao seu nível de escolarização. Os cargos para graduados estavam no “topo” da escala classificatória, pertenciam aos cargos de nível 6, na sequência os trabalhadores com conhecimento adquirido na prática por meio da experiência profissional foram classificados como nível 5, o segundo de maior importância dentro da escala classificatória.

Os empregados que pertenciam à classificação de nível 4 deveriam ter a formação no ensino médio e um curso técnico. Eles eram os primeiros na escala do grupo de níveis inferiores, na sequência, apresentavam-se os 3 e 2. O nível 1 era o último na escala e estava fora do grupo dos níveis inferiores por não residir na cidade, suas opções de moradia eram o alojamento ou a cidade de Rosana. Tanto no canteiro de obras como na cidade estava presente a divisão entre os grupos composto pelos membros dos níveis superiores: 6, 5, e níveis inferiores: 4, 3 e 2. Além de inferior aos demais, o trabalhador de nível 1 era invisível, pois não tinha o direito de residir numa habitação construída pela companhia, era deslocado para os alojamentos, mesmo tendo família.

A posição nesta classificação profissional dependia do grau de escolarização e, conseqüentemente, lhe era atribuído um valor de remuneração proporcional ao nível de instrução. A diferença entre níveis profissionais estava intimamente ligada à diferença salarial de acordo com as regras do mercado de trabalho, mas, para o caso específico no trabalho no canteiro de obras da usina hidrelétrica Eng. Sergio Motta, o trabalhador tinha como consequência dessa divisão de níveis ocupacionais uma posição determinada não só para o campo de trabalho, mas também dentro da cidade construída para abrigá-los.

Na organização da cidade de Primavera, os trabalhadores foram distribuídos de acordo com a classificação das categorias profissionais no canteiro de obras e, para

tanto, cada funcionário tinha direito a um modelo de habitação desenhado e construído para o nível ocupacional. As pessoas com o grau de escolaridade mais elevado tinham o direito de residir em casas tidas como melhores que as casas de trabalhadores com o grau de escolarização menor. Consequentemente, o prestígio conferido aos níveis ocupacionais dentro do canteiro de obras em função do seu grau de escolarização e pela sua experiência no campo de trabalho devia-se ao seu conhecimento sobre as atividades a serem executadas, fato determinante para posicioná-los na organização das atividades do canteiro de obras e também na organização socioespacial da cidade.

Para realizar a distribuição dos trabalhadores na cidade de acordo com a classificação dos níveis foi preciso realizar um cálculo para dimensionar a população que iria residir em Primavera, por isso a companhia usou como base o número de trabalhadores e suas respectivas famílias de outros empreendimentos realizados por ela, por exemplo, Água vermelha¹⁸ e Ilha Solteira. Com experiências de outros empreendimentos, realizados pela CESP, estipulada como base de cálculo, construiu-se uma tabela para demonstrar o suposto índice populacional que habitaria a cidade de Primavera em Março de 1982, somando o número de empregados casados e suas famílias ao número de solteiros. Para o cálculo da população solteira, tomou-se como base a permanência de mais de um ano de trabalho dos níveis 1, 2 e 3, isso porque os funcionários desses níveis têm uma rotatividade maior que a dos contratados das categorias 4, 5 e 6 (HIDROBRASILEIRA S/A, [s.d.] p.09). A tabela desenvolvida pela HIDROBRASILEIRA S/A apresenta os seguintes números:

Tabela 4 - Estimativa do índice populacional da cidade de Primavera - 1982

NÍVEL	ÍNDICE FAMILIAR	POPULAÇÃO TOTAL	POPULAÇÃO POR FAMÍLIAS	POPULAÇÃO SOLTEIRA
1	5	2.360	_____	2.360
2	5	13.880	12.200	1.680
3	5	5.495	5.100	395
4	4	2.401	2.280	134
5	4	944	920	24
6	4	553	520	23
TOTAL	_____	25.636	21.020	4.616

Fonte: CESP – Companhia Energética de São Paulo.

¹⁸ A usina hidrelétrica de Água Vermelha fica localizada no Estado de São Paulo, próxima a cidade de Fernandópolis onde fora instalado o núcleo temporário, ou transitório, para abrigar os trabalhadores. A usina de Ilha Solteira fica no Estado de São Paulo instalado na cidade de Ilha Solteira que fora construída pela Companhia Energética de São Paulo para abrigar os trabalhadores da usina.

“A construção de uma usina hidrelétrica implica uma grande mobilização de mão-de-obra que na maioria dos casos não se encontra nas proximidades do empreendimento” (TSUKUMO et al, 1994 p. 96). Esse é o caso da usina hidrelétrica Engenheiro Sergio Motta, por isso a CESP construiu a cidade de Primavera. Ao longo do tempo a concessionária desenvolveu diferentes propostas de alojamento, construindo núcleos residenciais chamados de vilas de operadores, em alguns casos núcleos transitórios e em outros permanentes. A vila de operadores que trata este estudo é um núcleo residencial permanente.

Todas as instalações da cidade de Primavera pertenciam à concessionária CESP, os tipos de habitação são definidos da seguinte forma:

As casas são qualificadas conforme as categorias funcionais – para engenheiros, para técnicos e para funcionários não especializados – e por sua perenidade – as definitivas em alvenaria e as removíveis em painéis de madeira ou concreto (TSUKUMO, 1994 P. 126).

O que ocorria na distribuição de moradias nesse núcleo era um procedimento de política de divisões de residências¹⁹, uma forma de organizar, distribuir e alocar trabalhadores. Por isso, as casas são divididas em blocos, ou seja, um modelo para cada bloco que corresponde a um nível de categoria profissional.

Os modelos de referência descritos e demonstrados pelas figuras, a seguir, de acordo com ordem da hierarquia dos níveis de classificação dos funcionários. As residências demonstradas abaixo foram construídas para os níveis de 2 a 6, para o nível 1, fora construído o alojamento de solteiros, que embora referia-se a solteiros, nem todos os solteiros residiam nesse alojamento. Funcionários solteiros que pertenciam à categoria profissional de níveis qualificados eram alojados no hotel CESP, ou casas consideradas como repúblicas de trabalhadores²⁰, no caso de vários funcionários solteiros com o mesmo nível de classificação. Aqui se tem a primeira forma de tratamento diferenciado, como se pode perceber a seguir:

Os funcionários casados de nível 2 a 6 receberão casas na cidade. Os de nível 1 serão recrutados na mesma região, portanto, não necessitarão morar na cidade. Os funcionários solteiros de nível 1 a 4 residirão em um alojamento que terá 4. 560 camas. Os de nível 5 e 6 (47 pessoas) terão

¹⁹ O setor responsável pelas residências chamado de setor de vila exercia a função administrativa como um poder municipal. As funções desse setor serão descritas no decorrer deste texto.

²⁰ Aqui se tem o mesmo sentido dado ao termo república de estudantes que se trata de habitações divididas por estudantes, o que quer dizer nesse caso que estas habitações foram divididas por trabalhadores.

opção de morar em um hotel ou em repúblicas (HIDROBRASILEIRA S/A, s.d p. 11-12).

Na sequência, estão as imagens dos modelos de habitação, incluindo o alojamento para solteiros da categoria classificada como nível 1. As residências utilizadas como repúblicas por empregados do mesmo nível profissional obedeciam ao critério de distribuição de casas de acordo com o nível profissional. As ilustrações são apresentadas na ordem da hierarquia funcional que é decrescente.

Figura 4 – Foto do modelo residência A4 para nível profissional 6



Especificação Técnica da Edificação

Comodos: 08	Material: Alvenaria	Construção Fechada*: 176,44m ²	Construção Coberta, Aberta**:133,13m ²
-------------	---------------------	--	--

*Área interna: somatórios de todos os cômodos.

**Área externa: quintal

Fonte: CESP – UHE Engenheiro Sergio Motta.

Figura 5– Foto do modelo de residência A3 para nível profissional 6



Especificação Técnica da Edificação

Cômodos	Material	Construção* Fechada	Construção** Coberta, Aberta
08	Madeira	153,53m ²	85,46m ²

*Área interna: somatórios de todos os cômodos.

**Área externa: quintal

Fonte: CESP – UHE Engenheiro Sergio Motta.

Figura 6 – Foto do modelo de residência A2 para nível profissional 5 construída antes de 1986



Especificação Técnica da Edificação

Cômodos	Material	Construção* Fechada	Construção** Coberta, Aberta
06	Alvenaria	125,08m ²	58,41m ²

*Área interna: somatórios de todos os cômodos.

**Área externa: quintal

Fonte: CESP – UHE Engenheiro Sergio Motta.

Figura 7 – Foto modelo de residência A2 para nível profissional 5 construída depois de 1986



Especificação Técnica da Edificação

Cômodos	Material	Construção* Fechada	Construção** Coberta, Aberta
06	Alvenaria	136,85m ²	97,58m ²

*Área interna: somatórios de todos os cômodos.

**Área externa: quintal

Fonte: CESP – UHE Engenheiro Sergio Motta.

Figura 8 – Foto do modelo de residência B5 para o nível profissional 4



Especificação Técnica da Edificação

Cômodos	Material	Construção* Fechada	Construção** Coberta, Aberta
05	Placas pré-moldadas	75,90m ²	31,37m ²

*Área interna: somatórios de todos os cômodos.

**Área externa: quintal

Fonte: CESP – UHE Engenheiro Sergio Motta.

Figura 9– Foto do modelo de residência B3 MADEZATTI para o nível profissional 4



Especificação Técnica da Edificação

Cômodos	Material	Construção* Fechada	Construção** Coberta, Aberta
05	Madeira	88,00m ²	23,04m ²

*Área interna: somatários de todos os cômodos.

**Área externa: quintal

Fonte: CESP – UHE Engenheiro Sergio Motta.

Figura 10 – Foto do modelo de residência B3, empresa BROTTTO, para nível profissional 4



Especificação Técnica da Edificação

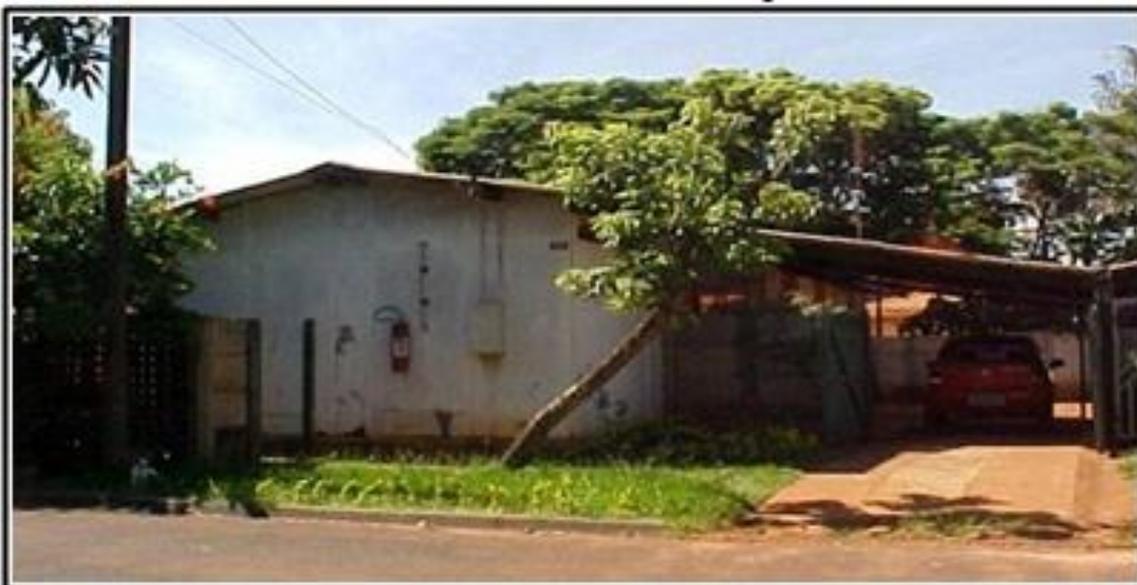
Cômodos	Material	Construção* Fechada	Construção** Coberta, Aberta
05	Placas de concreto	88,00m ²	23,04m ²

*Área interna: somatários de todos os cômodos.

**Área externa: quintal

Fonte: CESP – UHE Engenheiro Sergio Motta.

Figura 11 – Foto do modelo de residência B3, empresa BELLA, para nível profissional 4



Especificação Técnica da Edificação

Cômodos	Material	Construção* Fechada	Construção** Coberta, Aberta
05	Madeira	86,65m ²	23,77m ²

*Área interna: somatórios de todos os cômodos.

**Área externa: quintal

Fonte: CESP – UHE Engenheiro Sergio Motta.

Figura 12 – Foto do modelo de residência B1 para nível profissional 4



Especificação Técnica da Edificação

Cômodos	Material	Construção* Fechada	Construção** Coberta, Aberta
05	Alvenaria	107,31m ²	52,93m ²

*Área interna: somatórios de todos os cômodos.

**Área externa: quintal

Fonte: CESP – UHE Engenheiro Sergio Motta.

Figura 13 – Foto do modelo de residência B6 para nível profissional 3



Especificação Técnica da Edificação

Cômodos	Material	Construção* Fechada	Construção** Coberta, Aberta
05	Placas pré-moldadas	70,02m ²	29,04m ²

*Área interna: somatários de todos os cômodos.

**Área externa: quintal

Fonte: CESP – UHE Engenheiro Sergio Motta.

Figura 14 – Foto do modelo de residência B4, empresa CONSTRUCAMPO, para nível profissional 3



Especificação Técnica da Edificação

Cômodos	Material	Construção* Fechada	Construção** Coberta, Aberta
05	Madeira	68,20m ²	26,13m ²

*Área interna: somatários de todos os cômodos.

**Área externa: quintal

Fonte: CESP – UHE Engenheiro Sergio Motta.

Figura 15 – Foto do modelo de residência B4, empresa MADEZATTI, para nível profissional 3



Especificação Técnica da Edificação

Cômodos	Material	Construção* Fechada	Construção** Coberta, Aberta
05	Madeira	69,79m ²	26,20m ²

*Área interna: somatórios de todos os cômodos.

**Área externa: quintal

Fonte: CESP – UHE Engenheiro Sergio Motta.

Figura 16 – Foto do modelo de residência B4, empresa MARCHETTI S/A, para nível profissional 3



Especificação Técnica da Edificação

Cômodos	Material	Construção* Fechada	Construção** Coberta, Aberta
05	Madeira	68,11m ²	26,09m ²

*Área interna: somatórios de todos os cômodos.

**Área externa: quintal

Fonte: CESP – UHE Engenheiro Sergio Motta.

Figura 17– Foto do modelo de residência C3 para o nível profissional 2



Especificação Técnica da Edificação

Cômodos	Material	Construção* Fechada	Construção** Coberta, Aberta
05	Placas de concreto	70,02m ²	29,04m ²

*Área interna: somatórios de todos os cômodos.

**Área externa: quintal

Fonte: CESP – UHE Engenheiro Sergio Motta.

Figura 18 – Foto do modelo de residência C2 com 3 dormitórios para nível profissional 2



Especificação Técnica da Edificação

Cômodos	Material	Construção* Fechada	Construção** Coberta, Aberta
05	Madeira	76,43m ²	22,32m ²

*Área interna: somatórios de todos os cômodos.

**Área externa: quintal

Fonte: CESP – UHE Engenheiro Sergio Motta.

Figura 19– Foto do modelo de residência C2 com 2 dormitórios para nível profissional 2



Especificação Técnica da Edificação

Cômodos	Material	Construção* Fechada	Construção** Coberta, Aberta
05	Madeira	53,80m ²	20,25m ²

*Área interna: somatários de todos os cômodos.

**Área externa: quintal

Fonte: CESP – UHE Engenheiro Sergio Motta.

Figura 20 – Foto do modelo de residência C e C1 para nível profissional 2



Especificação Técnica da Edificação

Modelo de referência	Cômodos	Material	Construção* Fechada	Construção** Coberta, Aberta
C	05	Madeira	59,96m ²	20,25m ²
C1	05	Madeira	60,64m ²	19,36m ²

*Área interna: somatários de todos os cômodos.

**Área externa: quintal

Fonte: CESP – UHE Engenheiro Sergio Motta.

Figura 21 – Alojamento para nível profissional 1 e para solteiros



Fonte: CESP – UHE Engenheiro Sergio Motta.

Com a finalização das obras para a construção da usina hidrelétrica Engenheiro Sergio Motta, a cidade deixou de ser administrada pela CESP e passou a ser administrada pela Prefeitura Municipal de Rosana - SP. Com a transferência da administração, algumas casas foram vendidas e as demais passaram a pertencer à prefeitura municipal. A mudança dos moradores, para diferentes áreas daquelas designadas à sua categoria ocupacional, começou a ocorrer com frequência. A venda das casas permitiu que o trabalhador e morador pudessem escolher onde, e em qual, casa desejava residir.

Com a administração da CESP, mudar-se por iniciativa própria era impossível, somente com a autorização da empresa, proprietária dos imóveis. Os imóveis foram colocados à venda pela CESP quando as obras estavam chegando ao fim. Essa é a realidade atual da cidade de Primavera, muito diferente da década de 1990.

De 1980 a 1990 a cidade de Primavera fora construída, e a usina hidrelétrica entre 1981 e 1999. A década de 90 foi o período de maior movimentação na cidade, pois a construção da usina estava a todo vapor. A tabela a seguir apresenta os números de residências construídas para abrigar os trabalhadores de acordo com a classificação ocupacional que define a hierarquia organizacional no campo de trabalho na década de 1990.

Tabela 5 – Número de habitações construídas por categoria profissional

NÍVEL	TOTAL	CASADO	SOLTEIRO	CASAS CONSTRuíDAS
01	3.000	600	2.400	-----
02	4.740	3.033	1.707	2.400
03	1.300	910	390	1.020
04	600	480	120	570
05	200	176	24	230
06	160	138	22	130
TOTAL	10.000	5.337	4.663	4.390

Fonte: Companhia Energética de São Paulo – CESP.

O número de residências construídas pela CESP permanece o mesmo até hoje porque não houve transferências dessas casas para outros núcleos (Primavera foi o último núcleo urbano que a CESP desenvolveu, com o término da usina Sergio Motta as atividades na construção civil foram encerradas) e nem o desmonte que fora planejado, caso descrito nos relatórios construídos pela CESP e nos relatos das entrevistas no trabalho de campo.

Algumas dessas casas não apresentam condições de habitação, porém são habitadas, estão desmoronando em decorrência do material com que foram construídas e do tempo. Os modelos desmontáveis foram trazidos da vila de operadores da usina de Água Vermelha e reutilizados em Primavera. Encerra-se nesse ponto a descrição da cidade e dos critérios adotados para sua edificação para dar início à explanação sobre o procedimento do método de pesquisa desenvolvido neste trabalho.

CAPÍTULO 2

CONSIDERAÇÕES SOBRE O MÉTODO DE TRABALHO

Entendemos pór metodologia o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade.

Maria Cecília de Souza Minayo

2 – Desenvolvimento da Pesquisa

Com o objetivo de utilizar o conceito de representações sociais (MOSCOVICI, 1980) para analisar as representações construídas pelos moradores da cidade de Primavera/SP sobre a organização social daquele espaço urbano, a estratégia de investigação escolhida foi o estudo de caso, por entender que este auxiliaria na função de explicar a lógica das relações sociais estabelecidas entre os moradores naquele contexto social (FACHIN, 2003). Na obra de Denzin e Lincoln, encontra-se a seguinte observação a respeito do estudo de caso: “o estudo de caso depende de entrevistas, de observação e análise de documentos” (2006, p. 36). Essa estratégia de pesquisa é apropriada para este estudo.

A metodologia qualitativa apresentou-se como opção mais adequada para este trabalho. As entrevistas com roteiros abrem espaço para um número maior de informações coletadas junto aos informantes. Denzin e Lincoln definem a metodologia qualitativa:

A palavra qualitativa implica uma ênfase sobre as qualidades das entidades e sobre os processos e os significados que não são examinados ou medidos experimentalmente (se é que são medidos de alguma forma) em termos de quantidade, volume, intensidade ou frequência. Os pesquisadores qualitativos ressaltam a natureza socialmente construída da realidade, a íntima relação entre o pesquisador e o que é estudado, e as limitações situacionais que influenciam a investigação. Esses pesquisadores enfatizam a natureza repleta de valores da investigação. Buscam soluções para questões que realçam o modo como a experiência social é criada e adquire significado (DENZIN; LINCOLN, 2006, p.15).

A descrição do termo qualitativo está intimamente relacionada ao objeto de estudo desta pesquisa (a cidade de Primavera) uma vez que existe a necessidade de destacar a natureza socialmente construída da sua realidade com a finalidade de demonstrar a experiência social e o seu significado. A compreensão das representações

dos sujeitos sociais permitirá a descrição das formas de relações estabelecidas e, também constituirão as evidências empíricas. O referencial teórico somado aos relatos possibilitará descrever a sociabilidade desenvolvida nesse universo.

Vale a pena lembrar que em um estudo sobre fatos vivenciados no passado, de uma construção social que teve início há mais de trinta anos, e pela íntima relação da pesquisadora com o objeto de estudo (por pertencer ao universo investigado), deve haver um cuidado ainda maior no momento do trabalho de campo para que não ocorra interferência nos relatos dos entrevistados.

A íntima relação com o objeto de estudo deve ser utilizada apenas para nortear o trabalho de campo, não para a conclusão, pois esta deverá surgir como resultado dos dados coletados nas entrevistas e da fundamentação teórica. Essa relação com objeto de estudo também proporciona limitações, recusas, o medo de expor opinião e informações a alguém próximo, no sentido de pertencer ao mesmo lugar, provoca insegurança em algumas pessoas.

O referencial teórico examinado, documentos públicos foram consultados, apresenta informações referentes ao planejamento e à construção da cidade de Primavera e o levantamento de dados realizado por meio de entrevistas são os elementos estabelecidos para a construção dessa discussão. A partir deste ponto os procedimentos metodológicos descreverão de que maneira essas fontes foram consultadas.

2.1 – Procedimentos Metodológicos

A finalidade desta pesquisa é identificar e analisar as representações sociais construídas pelos moradores de Primavera/SP sobre a organização espacial do local. A fim de verificar em que medida o modelo de planejamento urbano elaborado pelo corpo técnico da Companhia Energética de São Paulo – CESP - interferiu nas relações sociais entre os mesmos.

Um dos conceitos que permitem aprofundar a compreensão do modo como se organiza a sociedade, através de uma associação básica, é justamente o conceito de sociabilidade. Esse conceito é originalmente desenvolvido por Georg Simmel (1858-1918) que, dentre suas várias indagações, nortear-se pela pergunta de como a sociedade é possível? Segundo o autor, “a sociedade seria, em suma, a modalidade de

interação entre indivíduos” (FRUGÓLI JR, 2007, p. 08-09). Para Heitor Frúgoli mesmo que as formas de sociabilidade em Simmel

Constituem uma esfera marcada pela suspensão momentânea de posições sociais, paradoxalmente as mesmas também permitem uma leitura na direção da formação de círculos interclassistas, implícitos na ideia que tais relações só poderiam efetivamente transcorrer no interior de um estrato ou segmento social, tornando-se insuportáveis ou dolorosas quando vividas entre membros de classes sociais distintas, já que pressupõem um mínimo de valores (ou capital cultural) compartilhados. Nesse caso, a qualidade de ser praticada ou jogada entre iguais desliza (ou oscila, se quiserem) entre uma construção artificial e uma condição prévia (FRUGÓLI JR, 2007, p.13).

A suspensão momentânea de posições sociais no caso desse objeto de estudo, ocorre na distribuição de residências (descrita na tabela 4) desenhadas para alojar trabalhadores de diferentes categorias, construídas próximas umas às outras para garantir uma aproximação entre os moradores. Essa aproximação física não foi suficiente para garantir uma relação entre vizinhos, a distância das posições sociais permite a crença na diferença de valores entre os moradores. Os valores compartilhados entre os moradores de Primavera serão analisados, diante das representações que os mesmos têm desse universo para descrever as relações sociais constituídas.

O processo de sociabilidade entre os moradores de Primavera desenvolveu-se numa estrutura social planejada com a finalidade de distribuir diferentes posições para diferentes sujeitos que se deslocam até a cidade para se associarem com um objetivo comum: construir uma usina hidrelétrica. Somente com o relato dos moradores será possível descrever como as relações foram vivenciadas de fato, e para isso, os entrevistados foram escolhidos pelo tempo de vivência na cidade e a posição social que ocupam.

A classificação do nível profissional do entrevistado é fundamental para a pesquisa, os sujeitos foram procurados pela participação na construção da usina hidrelétrica e da cidade, e pelo tempo de moradia. Como a pesquisa parte da hipótese de que essa classificação de níveis profissionais interferiu nas relações sociais, a procura por entrevistados teve como referência esse dois critérios.

A escolha dos entrevistados teve como condição indispensável o estabelecimento de um limite temporal, para resgatar fatos que ocorreram entre os anos de 1980 e 2000, período de construção da usina hidrelétrica Eng. Sergio Motta. Somente dessa forma seria possível garantir entrevistas com pessoas que trabalharam na usina no período

determinado para a pesquisa. Dessa forma, estipulou-se um prazo de tempo passado, sendo no mínimo vinte anos de vivência. Essa forma de escolha, por nível e tempo de vivência, fora adotada como um critério para evitar o encontro com pessoas que desconhecem a realidade da época investigada neste estudo de caso.

O estudo das relações dos sujeitos sociais no passado requer uma busca por pessoas que tenham relevância para o contexto durante o período a ser investigado, para esta pesquisa, trata-se do período entre 1980 até 2000. O período estabelecido foi escolhido por se referir ao início da construção da cidade, em 1980, e a transferência da administração da cidade para a prefeitura municipal no ano de 2000.

Por ser a cidade administrada pela CESP, no primeiro período de 1980 a 2000, todos os vínculos estabelecidos entre instituições e pessoas eram voltados ao universo da usina, ou seja, para o mundo do trabalho na construção civil. Esse universo voltado para a construção da usina hidrelétrica Engenheiro Sergio Motta conduziu o relacionamento entre os habitantes da cidade conforme as regras do canteiro de obras. Por isso os entrevistados escolhidos foram aqueles que vivem na cidade há vinte anos e que de alguma forma participaram, ou acompanharam, seu processo de construção.

Portanto comecei a investigação procurando pelos primeiros moradores, os pioneiros, utilizando a metodologia do sistema de redes, de Elizabeth Bott: Família e Rede Social, em que a autora realiza um estudo sobre as famílias urbanas na sociedade ocidental. Seu objetivo era entender como as famílias funcionavam enquanto sistemas de relacionamento pessoal e social, tomados como um fim em si mesmo (1976 p. 35).

No decorrer do referido trabalho, Elizabeth Bott versa sobre os papéis conjugais e redes sociais, descreve que os relacionamentos sociais externos de todas as famílias investigadas “assumiam a forma de uma rede muito mais de que um grupo organizado” (1976 p: 76). Isso porque, segundo ela:

Em um grupo organizado, os indivíduos componentes formam um todo social mais abrangente, tendo objetivos comuns, papéis interdependentes e uma subcultura peculiar. Na formação da rede, por outro lado, somente alguns e não todos os indivíduos componentes têm relações sociais uns com os outros. (BOTT, 1976, p: 76).

O conceito de rede varia muito diante dos estudos empíricos, segundo a definição e ênfase dada em cada trabalho. A autora exemplifica essa variação, e sensação que nos remete ao lidar com a diversidade de definições sobre rede, da seguinte forma

Quando contemplamos a linguagem – rede total, rede pessoal, rede egocêntrica, reticulum, quase grupo, campo, estrela, zona, comunidade pessoal, ambiência, círculo social, facção, partido, grupelho, agrupamento, grupo e grupo corporativo – sentimo-nos ziguezagueando à beira de um abismo terminológico ou mesmo de um abismo conceitual (BOTT, 1976 p: 299).

Diante desse abismo conceitual, como descreveu Bott, existem algumas definições de rede, uma delas feita por Barnes que diz:

A mim me parece preferível usar o termo rede somente quando se quer significar alguma espécie de campo social, pois tem havido muita confusão sobre extratos egocêntricos e sociocêntrico da rede total (BARNES, 1969 p. 57 apud BOTT, 1976, p.299).

O que Barnes chama de rede total “é uma abstração de primeira ordem da realidade e contém a maior parte possível das informações sobre a totalidade da vida social da comunidade à qual corresponde”, a rede parcial seria um extrato da rede total “baseado em algum critério aplicável ao longo da rede total” (BOTT, 1976, p. 299).

Outra definição de rede, de Mitchell, por exemplo, define como “todas ou algumas unidades sociais (indivíduos ou grupos) com os quais um indivíduo particular ou um grupo está em contato”. Mitchell utiliza a terminologia rede pessoal ou egocêntrica, e Bott adota o termo nesse sentido, assim como no sentido mais geral de rede total (1976, p: 299).

Barnes faz questão de diferenciar o termo estrela e zona, o primeiro refere-se a um tipo de extrato da rede total, já o segundo indica o conjunto de todas as relações entre duas pessoas, onde cada uma é o ego (a pessoa em foco a quem pertence à rede) ou um dos contatos do ego (BOTT, 1976 p: 300). Elizabeth Bott utiliza o termo rede nos três sentidos: rede total, estrela e zona.

Rosália Duarte fala sobre o conceito de rede utilizado por Bott e descreve:

Essa é uma alternativa muito utilizada em pesquisas qualitativas e tem se mostrado produtiva. Alguém do meio, a partir do próprio ponto de vista, tem relativamente melhores condições de fornecer informações sobre esse meio do que alguém que observa, inicialmente de fora (DUARTE, 2002 p. 05).

As várias definições sobre conceito de rede e suas diferentes terminologias levam pesquisadores a adotar o termo que melhor se encaixe com seu campo de investigação, embora todos os termos acabem por referir-se ao mesmo método de

pesquisa. Quando Duarte (2000) menciona o conceito de rede discutido por Bott, define-o como uma alternativa adequada para pesquisas qualitativas por ser produtiva, resume de certa forma, a diversidade de terminologias para esse conceito.

A forma clara e objetiva que Duarte utiliza para sintetizar o conceito de rede e sua interpretação sobre ele é a alternativa viável para o campo de investigação desta pesquisa. Procurar por informações com pessoas do meio não só estendeu o número de informantes como também ampliou a quantidade de dados interessantes para a investigação.

O mapeamento do campo foi feito através do contato com pessoas ligadas à usina, que levaram a outras pessoas com informações relevantes. Encontrado um ego focal, “a pessoa em foco a quem pertence à rede” aquele “que está, por definição, em contato com qualquer outra pessoa da rede” (BOTT, 1976 p.300-302) iniciei o trabalho de campo.

Foram realizadas dez entrevistas, cinco homens e cinco mulheres, que atualmente pertencem a posições sociais diferentes, distribuídos entre as instituições de maior importância dentro da cidade, como: usina hidrelétrica (funcionários e ex-funcionários), poder municipal, iniciativa privada, educação e saúde. Os homens entrevistados tiveram contato direto com a usina hidrelétrica e realizaram trabalhos para empresas ligadas à sua construção, alguns diretamente para CESP, outros por empresas terceirizadas, mas todos no canteiro de obras.

As mulheres tiveram um contato indireto com a usina hidrelétrica, algumas são funcionárias contratadas diretamente para a CESP, mas não atuaram no canteiro de obras durante a construção da usina e sim na cidade, nas instituições e entidades, lembrando que o setor privado também fora considerado por enquadrar-se nas regras da CESP. Dessa forma mulheres casadas que trabalhavam, mesmo que não diretamente na usina, foram entrevistadas, pois o tempo de vivência garantia alguma relação com a classificação de níveis, nesse caso os seus respectivos esposos estavam ligados à empresa.

As entrevistas ocorreram entre os meses de junho e julho de 2012. Em todas as entrevistas, quando nomes de pessoas eram mencionados, foram anotados para a possibilidade de uma entrevista. Porém, nem todas as pessoas citadas foram entrevistadas, em alguns casos por recusa e outros em função da coincidência do modo de vida de outros entrevistados.

A procura por pessoas através do nível que eram classificadas e pelo tempo de permanência na cidade ocorre devido a indagação de situações vivenciadas na época investigada. Para isso, adoção de um ego focal foi fundamental. A preferência adotada para selecionar os possíveis entrevistados ocorreu de acordo com a participação que os informantes tiveram do contexto da pesquisa, permitindo comparar os modos de vida em função da estrutura planejada pela CESP.

Isabel Guerra expõe que os modos de vida tal como hoje são analisados, situam-se no nível da vida quotidiana, e o quotidiano envia-nos para esfera familiar e privada, para atividades de lazer, práticas de consumo. Quando os modos de vida são submetidos à lógica da reprodução da força de trabalho, só adquirem estatuto quando derivam do campo da interiorização e expressão das condições de exploração e de classe. Na tentativa de encontrar definições mais precisas, utilizam-se hoje os conceitos de modos de vida, estilos de vida e gêneros de vida (GUERRA, 1993 p. 63- 64).

Optou-se pelo conceito de modo de vida desenvolvido por Mauro Koury:

Pensar estilos de vida e modo de viver na contemporaneidade, assim é, elaborar exercícios metodológicos e teóricos que deem conta da complexidade do conceito simmeliano de liberdade individual e grupal enquanto cultura subjetiva em crescimento para a individualização e, depois, logo depois, abarcando as demais formas de cultura de um estado: campo e cidade como contínuo, tradições que se fragmentavam e são remontadas a partir de novas informações e tecnologias, memórias que são, revividas ou reinscritas a partir da inserção no global, e assim por diante. Ou de um país em relação aos demais: na globalização criando culturas híbridas, mas ao mesmo tempo possibilitando modos diversos de inserção da tradição na modernidade, ou mesmo através da parte mais perversa de sua instrumentalização, no individualismo, levando indivíduos e grupos a alienação, à melancolia, à solidão (KOURY, 2010 p.51-52).

Recordando Engels (2008) em seu livro *Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*, a produção e a reprodução da vida, em última instância, são descritas como fatores decisivos na história, pois elas condicionam a forma de vida dos seres humanos de acordo com a época em que vivem, trata-se da ordem social estabelecida em cada período histórico.

A relevância dessa definição de Engels para esta discussão está no fato da investigação se referir ao comportamento de moradores da cidade num período já vivenciado, ou seja, de acordo com um período histórico. As influências sofridas em decorrência dos meios de produção no período devem ser levadas em conta,

principalmente em um ambiente em que o mundo trabalho é indiscutivelmente a sua mola propulsora.

De acordo com Margareth Rago (1985), há diferentes horizontes de abordagem histórica das classes trabalhadoras. “A cultura operária é um tema amplamente pesquisado pelos seguidores de Thompson e a disciplina industrial está indissociavelmente ligada a Michel Foucault” (RAGO, 1985 p. II - III). Para o primeiro “as classes trabalhadoras são sujeitos de sua própria história, e por isso, a ênfase dada à questão da experiência de classe e do fazer de uma cultura de classe”, já o segundo, acentua seu foco de investigação na ação disciplinar de inúmeros agentes sociais de produção do cotidiano e na identidade dos trabalhadores, por meio de criação de instituições basilares da sociedade: família nuclear, escola e a fábrica (RAGO, 1985 p. II - III).

Tanto a cultura como a disciplina são aspectos das cidades industriais, essas abordagens estão presentes no universo desta investigação, embora seja uma vila de operadores de uma usina hidrelétrica e não de uma fábrica, seus habitantes pertencem à classe de trabalhadores que residem em habitações desenvolvidas em espaços propícios ao interesse dos empregadores.

A organização do canteiro de obras da usina hidrelétrica Eng. Sergio Motta é repassada na elaboração da infraestrutura da cidade de Primavera necessária para abrigar o contingente humano recrutado de várias regiões do país. Muitos funcionários da empresa foram transferidos de outros núcleos, onde já havia se finalizado as obras de geração de energia, sob a responsabilidade da CESP. Conseqüentemente, esses operários já estavam adaptados às regras administrativas da concessionária.

Para refletir sobre a composição desse espaço, a leitura de obras que se referem à dominação específica de fábricas com vilas operárias do início da industrialização foram realizadas. Estudos como o de Margareth Rago sobre trabalhadores urbanos que compõe a classe operária do Brasil de 1890 a 1930, no início da industrialização, revelam as utopias reformadoras da cidade disciplinar que acabam por se tornar uma vasta empresa de moralização (RAGO, 1985).

O trabalho de Margareth Rago encaixa-se nesse contexto devido às formas de controle utilizadas na organização dos canteiros de obras da Companhia Energética de São Paulo, e dos núcleos urbanos que ela construiu para alojar seus funcionários, seguirem o mesmo padrão utilizado em vilas operárias no início da industrialização. Para uma melhor compreensão desse fato, tem-se a apresentação do trecho de uma das

entrevistas realizada no trabalho de campo. O fato relatado pela entrevistada refere-se à cidade de Ilha Solteira e tem relevância para esse contexto, pois serviu de modelo para a construção de Primavera, como já descrito anteriormente, na introdução do trabalho. A entrevistada “F” profissional da área de educação, casada com funcionário da CESP transferido da usina hidrelétrica Ilha Solteira para a usina Eng. Sergio Motta, pertence ao nível 4, descreve uma característica da construção da cidade de ilha Solteira que interferiu em sua vida pessoal:

P: Quando você morou em Ilha Solteira a cidade era administrada pela CESP?

F: Sim.

P: O parâmetro para a construção de Primavera foi Ilha Solteira. Essa divisão que ocorria aqui também ocorreu lá?

F: Ocorria.

P: As pessoas se comportavam igual aqui?

F: Exatamente igual, era o mesmo padrão. Em Ilha Solteira as casas são geminadas, as paredes são todas paredes e meia, são como prédios deitados, vamos dizer assim. Uma vez eu comecei a entrar em depressão porque eu odeio ficar fechada e eu comecei a perguntar por que essas casas são todas juntas? E uma das colocações foi até interessante, é que, e realmente era assim, as casas foram planejadas para que o funcionário não tivesse o prazer de ficar dentro de casa e pudesse ficar mais tempo no trabalho porque realmente ele ficava mais tempo, lá tinha cafezinho, tinha lanchinho, aguinha geladinha e às vezes na casa dele nem água gelada tinha. Para que construir casas boas? Para o funcionário ficar em casa!

As informações adquiridas com as entrevistas são dados empíricos na constituição de documentos sobre este estudo de caso, por isso foi necessário apresentar parte do resultado do trabalho de campo neste momento, pois esse trecho da entrevista demonstra o interesse por traz da organização do canteiro de obras, local de trabalho dos habitantes das cidade de Ilha Solteira e Primavera.

Os habitantes de Primavera compartilhavam um objetivo comum que os trouxe até a cidade, a construção da usina hidrelétrica. Esse era o foco de atenção de todos, e para os responsáveis pelo empreendimento, diretores da CESP, era mais que um objetivo, e sim uma obrigação a ser cumprida.

Portanto a informação que a entrevistada “F” dá a respeito da organização do espaço de Ilha Solteira e das relações sociais, afirmando que em Primavera fora reproduzido da mesma forma, torna evidente a intenção dos planejadores em construir

um espaço social desinteressante para o habitante e em contraponto um local de trabalho interessante para o trabalhador. Lembrando que neste contexto habitante e trabalhador são as mesmas pessoas, por isso a indústria da moralização dita por Rago é possível, a proximidade desses dois universos leva a uma mistura de vida pessoal e profissional, permitindo a interferência nas relações sociais.

A obra de José Sergio Leite Lopes é relevante para a análise do caso desta pesquisa por se tratar do estudo de um caso específico da “cidade das chaminés”, assim designada por ser a investigação da formação de um determinado grupo de operários na cidade de Paulista no estado de Pernambuco. Apesar de se referir a uma cidade industrial única, a de Paulista, aponta elementos de um padrão de cidade industrial em que a indústria, ou fábrica, subordina a cidade as suas regras (LOPES, 1988). A demonstração da subordinação do trabalhador às regras do empregador dentro do campo social é um fato significativo para o contexto desta investigação devido à presença da relação entre subordinados e insubordinados.

Essas duas obras são apoio fundamental para depreender a forma de dominação da fábrica na vila operária, entendo a usina hidrelétrica como uma fábrica que pertence a uma indústria de produção de energia elétrica, no caso, a Companhia Energética de São Paulo. A CESP gerencia e administra seus núcleos e todos os serviços públicos ficam sob sua responsabilidade, por isso mantém um regime de administração especial concedido por decreto Estadual. Como se afirma no relatório da empresa:

Essa situação permite que concessionária atue nos limites da jurisdição da cidade, com competência paraestatal, necessárias ao estabelecimento unilateral da disciplina, regulamentação e demais atividades de caráter geral inerente à vida comunitária (SGARBOZA, OLIVEIRA, RODRIGUES, 1986 p.12).

Disciplinar o funcionário que é também o habitante de uma cidade administrada pela empresa que os contrata para a realização de trabalhos implica em uma interferência na sociabilidade, como já descrito na passagem acima. Existe uma regulamentação das atividades da vida comunitária. Para o caso específico da administração de Primavera a empresa descreve:

Considerando que Primavera é “meio” para construção das usinas, é importante que sua administração seja enquadrada na estrutura organizacional da CESP, sem, entretanto perder seus objetivos de cidade

aberta²¹, procurando sistematicamente passar todas as atividades de prestação de serviços aos órgãos públicos responsáveis (SGARBOZA, OLIVEIRA, RODRIGUES, 1986 p. 28).

As relações de dominação podem ser percebidas diante dessa passagem, mas como elas são sentidas, somente os sujeitos poderão descrever. Até o momento tem-se indícios de uma forte interferência nas relações entre os membros desse grupo social, trabalhadores da usina hidrelétrica Eng. Sergio Motta. Uma das perguntas que se faz, diante dos dados até agora apresentados, é como os habitantes, classificados por diferentes níveis ocupacionais, relacionavam-se?

A resposta para essa pergunta revelará a forma de sociabilidade desenvolvida na cidade de Primavera. O aporte teórico da investigação sobre a sociabilidade da cidade de Primavera ocorre através de uma análise dos conceitos de sociabilidade urbana discutidos por Heitor Frúgoli Junior, que tem como proposta abordar questões voltadas à compreensão do caráter relacional e situacional de atores e grupos sociais na cidade (FRÚGOLI JR., 2007).

Os dados retirados de documentos produzidos pela CESP comprovam a sua possibilidade para a dominação sobre o núcleo urbano, por ela desenvolvido. Esse direito de administrar e gerenciar sobre suas regras lhe foi outorgado pelo Estado. Em 1976 a concessionária CESP recebeu autorização para aprofundar os estudos, de viabilização da construção das usinas hidrelétricas de Rosana e Eng. Sergio Motta, do então Presidente da República General, Ernesto Geisel, que instituiu durante o seu governo o II Plano Nacional de Desenvolvimento. O II PND, como era chamado, tinha a finalidade de estimular a produção de insumos básicos, bens de capital, alimentos e energia elétrica.

A vigência desse plano foi entre os anos de 1975 a 1979, e no ano de 1978 a concessão para a construção das usinas de Rosana e Eng. Sergio Motta foi outorgada pelo decreto nº 81.689. Em 1979 a autorização para promover a desapropriação das áreas que serviriam para a edificação do canteiro de obras e do núcleo urbano foi outorgada pelo decreto nº 83.501.

Com o poder paraestatal que lhe foi atribuído pela autorização do Estado para administrar o empreendimento, e conseqüentemente desenvolver as atividades

²¹ Cidade aberta significa a presença da iniciativa privada. Lotes foram destinados à iniciativa privada com o objetivo de gerar autonomia para a cidade de Primavera em relação à administração da CESP, porque a mesma fora construída para se integrar a região (SGARBOZA, OLIVEIRA, RODRIGUES, 1986 P. 24-25).

necessárias à execução do trabalho para conclusão das obras de geração de energia elétrica, a CESP desenvolveu o projeto urbanístico da cidade de Primavera sob os critérios de administração do ambiente de trabalho. O projeto urbanístico de Primavera foi desenvolvido pela CESP com o apoio da HIDROBRASILEIRA S/A, contratada para a construção do núcleo residencial permanente.

As relações de trabalho e sociais, nessas circunstâncias de uma cidade subordinada à usina hidrelétrica, acabam por se misturar. O funcionário enquanto habitante perde sua individualidade por ser reconhecido no espaço urbano pelo seu designativo “nível” de classificação ocupacional atribuído pela empresa. A qualificação dos níveis torna-se uma característica para os sujeitos sociais, eles se identificam mutuamente, em diversos segmentos dessa comunidade, por meio do nível de classificação.

A formação espacial de Primavera está relacionada à maneira como foi planejada pela empresa. A distribuição e divisão do espaço foram realizadas de acordo com interesses específicos, ligados à construção da usina e à finalização de suas obras. Os habitantes da cidade passaram a integrar um espaço fragmentado, o que os levou a administrar suas vidas de acordo com a composição do espaço em que estavam, e estão inseridos.

Para uma melhor compreensão dessa organização espacial o próximo capítulo desenvolverá uma discussão sobre esse conceito. A trajetória urbana será levada em consideração, portanto, pensar a cidade como um espaço urbano com o interesse em examinar a sua produção e reprodução será um exercício a ser realizado.

CAPITULO 3

TRAJETÓRIA URBANA E ORGANIZAÇÃO SOCIOESPACIAL DA CIDADE DE PRIMAVERA- SP

O espaço da cidade é também um condicionante da sociedade.

Roberto Lobato Corrêa

3 – Trajetória espacial de Primavera

O núcleo residencial de Primavera começou a ser implantado no início de 1980 para servir de apoio à construção da usina hidrelétrica Engenheiro Sergio Motta, no rio Paraná, e da usina hidrelétrica de Rosana, no rio Paranapanema, empreendimentos de responsabilidade da Companhia Energética de São Paulo - CESP. A trajetória da construção da cidade de Primavera se dá quando

Na segunda metade da década de 1970, a CESP planejou e iniciou as obras das usinas hidrelétricas Rosana e Porto Primavera. Implantadas em uma das regiões menos desenvolvidas do Estado, essas obras contribuíram para a ocupação efetiva da área, propiciando ligações viárias com o noroeste paranaense e o Mato Grosso do Sul (TSUKUMO et al, 1994 p. 119-121).

Vários estudos foram realizados para a escolha da região em que seria implantado o núcleo habitacional. A construção de um núcleo transitório na cidade de Rosana foi descartada pela falta de estrutura da área de expansão, e pelo desinteresse do governo municipal que até então pertencia à cidade de Teodoro Sampaio. Para o prefeito na época, isso seria um transtorno para sua administração em função da distância que o mesmo se encontrava das obras²² como descreve o entrevistado “W.” de 58 anos de idade, que mudou-se no ano de 1982, funcionário direto da CESP, trabalhou nas edificações das residências e no setor de vilas (setor responsável pela administração da cidade, atuando como uma prefeitura), fala sobre os estudos realizados para a escolha do território onde deve-se implantar o núcleo urbano:

P: Primavera era para ser um bairro de Rosana?

²² Informação descoberta em trabalho de campo. Durante a busca por entrevistados, e nas próprias entrevistas, questões de ordem técnicas foram mencionadas e esclarecidas, uma vez que, as entrevistas ocorreram com funcionários e ex-funcionários da usina hidrelétrica e da própria empresa técnica. Houve contato informal com vários funcionários da CESP que apenas responderam a questões técnicas, não houve por parte deles o interesse para uma entrevista.

W: O primeiro estudo da engenharia, da diretoria e da presidência, e de vários que estavam pilotando esse assunto, era para ser implantada em Rosana. A conclusão era que Rosana não tinha estrutura para suportar uma vila, nem de arruamento, nem de escolas, de comércio. Em Nova Avanhandava nós só construímos casas, já havia escolas, clubes, em Rosana a estrutura era muito pequena para uma quantidade grande de pessoas que estavam chegando. A empresa viu que teria que investir muito se Primavera fosse lá, com muito mais dificuldade porque uma coisa é você pegar uma região que não tem nada e outra é você pegar uma cidade com área de comércio central, você tem dificuldade de inserir outros comércios ali. Aquela rua principal de Rosana é pequena, é uma rua estreita, havia a necessidade de instalação de hospital. Então, pelo orçamento, pelo o que a CESP vislumbrava, já havia funcionários da usina morando em Rosana e Nova Londrina. Seria interessante se tivesse nascido lá, como foi o caso de Birigui que já tinha uma área periférica vazia, então a CESP chegou e construiu umas mil casas.

Depois, fizemos o segundo estudo que ela era para ser dali do espigão, região ali do cemitério, para cima, era para ser uma cidade do tipo de Panorama que fica à margem do rio. Foi descartado também pela questão ambiental, se você subir ali na região onde é o cemitério, onde era os alojamentos, ela cairia no sentido do rio Paraná. Ela começaria ali e iria descendo no sentido do rio Paraná, foi descartado em função de tratamento de esgoto. Seria uma cidade muito mais agradável, ela não teria uma rodovia cortando a cidade ao meio, ela não ficaria fora, mas não ficaria dentro da cidade. Essa alternativa sempre gostei, ela do mesmo jeito que Rosana foi descartada e Primavera acabou sendo onde é hoje.

P: Então Primavera surgiu do terceiro estudo?

W: Sim (MORADOR HÁ 32 ANOS).

Vilas de barrageiros sempre foram representadas no imaginário popular, ainda hoje, por estereótipos do espaço habitado pelo homem violento, o peão, e por prostitutas²³. Uma demonstração desse pensamento encontra-se no trabalho de campo, no relato da entrevistada “F.” de 53 anos de idade, trabalha na área de educação, mudou-se no ano de 1992 do núcleo de Ilha solteira para Primavera em decorrência da transferência de seu esposo, funcionário contratado diretamente pela CESP da categoria profissional nível 4, a mesma descreve:

F: Ilha Solteira era para ser construída ao lado de Pereira Barreto, mas o prefeito de lá na época não permitiu construir, disse que usina só dava biscate, que ia ser uma cidade só de biscate (MORADORA HÁ 20 ANOS).

Para o entrevistado “X.” de 51 anos de idade, que se mudou no ano 1985 vindo de outro empreendimento destinado à construção de obras do setor de geração de energia elétrica, ex-funcionário da usina contratado por empresa terceirizada, pertencente ao

²³ “Biscate” tornou um termo popular para se referir à prostituição.

nível 4, a segurança era um fator determinante na separação entre os moradores, e entre o peão e os representantes dos níveis ocupacionais pertencentes ao grupo superior na hierarquia funcional:

X: Eu vejo assim, por exemplo, numa festa, num baile, um engenheiro, um gerente ou diretor da obra tá ali, o pessoal do nível 1 e 2 são pessoas que vinham trabalhar aqui e ficavam dois meses, 3 meses, 6 meses até 1 ano, e depois iam embora. Vinham sozinhos às vezes e num tinha nenhuma preocupação, sabia que a vida dele aqui era transitória, então muita gente não tem papas na língua né. Toma além da conta, perde o controle. Então eu vejo essa separação nesse sentido, de separar pessoas, a elite, vamos dizer assim, do convívio da massa, do grupo maior que não tinha preocupação de zelar o nome aqui.

P: Você acha que era por uma questão de segurança?

X: Essas coisas são veladas, nunca ninguém fala, mas acontece aí, mas você falou à palavra que não estava encontrando que é a segurança (MORADOR HÁ 27 ANOS).

Esses dados do trabalho de campo compõem a descrição do contexto no momento da escolha do local adequado e disponível para a construção do núcleo residencial, e das ideias pré-concebidas a respeito de vilas de operários. Para a escolha, diante das possibilidades que se apresentavam naquele momento, das condições para executar o projeto, ela se deu em função de alguns fatores descritos como fundamentais pelos arquitetos que desenvolveram o projeto urbanístico, como se pode notar nesta passagem:

A escolha da área ocupada pela cidade foi determinada por um conjunto de fatores: à distância aos canteiros de obras, o traçado da rodovia SP-623, o acesso ao núcleo de Rosana, o futuro sistema viário decorrente das novas ligações entre os estados de São Paulo, Paraná e Mato Grosso do Sul pelas barragens, a preservação de suas áreas remanescentes de mata natural e as características do sítio, quase plano, com grandes visuais em direção sul (TSUKUMO, 1994 p.121).

Arquitetos, engenheiros e técnicos responsáveis pela configuração urbana de Primavera seguem experiências anteriores desenvolvidas pela própria Divisão de Arquitetura e Urbanismo para outras vilas de apoio às obras (TSUKUMO, 1994 p. 121). A região onde o núcleo residencial foi construído é vislumbrada pela equipe de arquitetura como um ideal para introdução de mudanças sociais e econômicas na região escolhida, uma vez que para os mesmos:

No futuro, Primavera deverá se caracterizar como cidade exportadora de serviços urbanos, dada a alta qualidade dos equipamentos de educação, saúde e recreação, que poderão atrair populações de cidades próximas, além

de, por sua localização estratégica, como entroncamento hidro-ferro-aeroviário entre os Estados do Paraná, Mato Grosso do Sul e São Paulo, servir de local de armazenagem e de entreposto da produção regional (TSUKUMO, 1994 p.137).

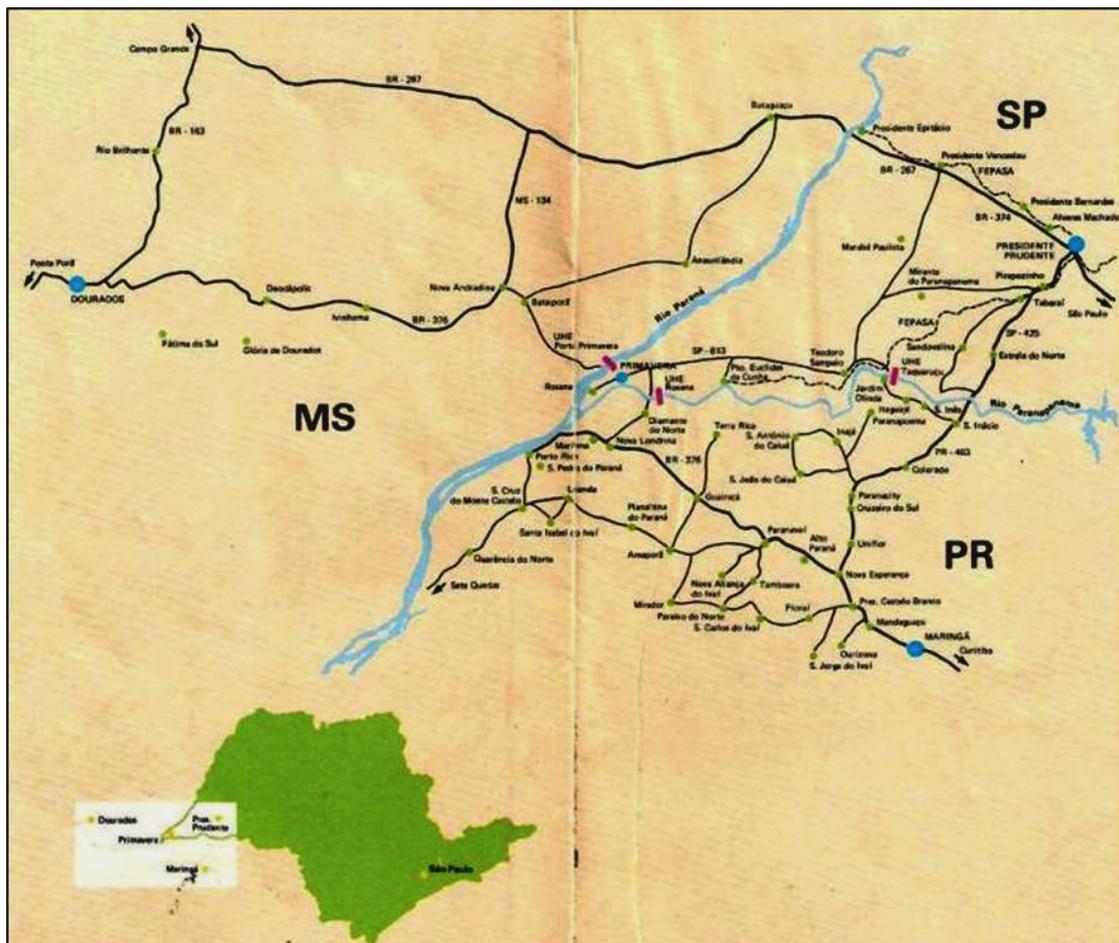
Primavera não é construída apenas como núcleo de apoio às obras da usina, mas com a intenção de integrar a rede urbana regional. O projeto foi realizado pela Divisão de Arquitetura Urbanismo da CESP, mas contou com o auxílio de arquitetos e técnicos da Hidrobrasileira S/A Engenheira e Consultoria Técnica e Construção Civil Camargo Corrêa (TSUKUMO, 1994).

A escolha da área é determinada por um conjunto de fatores, dentre eles o acesso ao canteiro de obras²⁴, à cidade de Rosana, ao sistema viário ligado aos três estados limítrofes, acreditando-se que essa configuração possibilitaria a integração da rede urbana, assim a cidade não ficaria isolada (TSUKUMO, 1994).

O entroncamento dos Estados do Paraná, São Paulo e Mato Grosso do Sul, mencionado como “localização estratégica”, era apresentado a visitantes da usina hidrelétrica através de um folder que continha o desenho geográfico da região, demonstrando o encontro dos três Estados na forma de um mapa sem legenda. A imagem desse folder circula pela internet junto a tantos outros que foram distribuídos nas décadas de 80 e 90, e apresenta-se na próxima figura.

²⁴ Canteiro de obras: área de trabalho fixa ou temporária, onde se desenvolvem operações de apoio a execução de uma obra, segundo NR-18 (norma regulamentar) da Segurança do Trabalho.

Figura 22- Folder distribuído pela CESP aos visitantes da cidade e da usina hidrelétrica na década de 80/90



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/238632919499471/> Grupo Porto Primavera²⁵. Acesso: 25 out. 2012.

A configuração urbana de Primavera, que segue experiências anteriores desenvolvidas pela Divisão de Arquitetura e Urbanismo na construção de outras vilas de apoio às obras, previa possíveis problemas de convivência e, para evitá-los, investiram na configuração das instalações urbanas, de tal forma que, descrevem:

A presença das matas, uma central e outra lindeira à cidade, as quadras grandes, acompanhando o traçado de vias em curvas suaves, a hierarquização das funções do sistema viário, a alternância na distribuição das casas e, principalmente, os modelos de implantação das residências, configuram as soluções urbanas básicas de Primavera (TSUKUMO *et al*, 1994 p.121).

²⁵ Esse grupo pertence à rede social facebook. Criado e administrado por um ex-funcionário da usina hidrelétrica Eng. Sergio Motta. Nesse grupo são publicadas fotos antigas da cidade e da usina hidrelétrica, a imagem desse folder pertence ao arquivo pessoal desse ex-funcionário que não se encontra mais na cidade de Primavera.

Essa passagem deixa evidente que para alguns arquitetos o planejamento urbano com a alternância das residências, ou seja, a diferença de modelos de casa, os futuros problemas de convivência que pudessem surgir entre os moradores seriam evitados. A diferença entre os modelos de residência seria uma solução e não um problema.

A grande questão é que discriminar as residências acabou interferindo nas relações pessoais a partir do momento que os moradores passaram a identificar, uns aos outros, dentro da cidade, por meio da caracterização de níveis. O estudo de caso demonstrou a separação social entre os moradores em função da sua classificação de níveis, um trecho da entrevista²⁶ realizada com uma funcionária da CESP nível - 2, atuante na empresa, moradora há 30 anos descreve esse fato:

S: [...] a gente morava em casa de madeira, mas você não pintava uma casa, não arrumava uma tomada, tinha quem fazia isso. Você fazia um documento e eles mandavam gente lá para arrumar. No início eu peguei muito pouco, você não pagava luz, água, a água ficou muito tempo sem pagar, a luz não. Assim, por exemplo, os filhos, se você morasse perto de outro nível, mais alto, o seu filho não fazia parte daquele meio (MORADORA HÁ 30 ANOS).

O trabalhador enquanto morador continuava sujeito às regras do canteiro de obras. Os possíveis problemas de convivência que poderiam surgir nas vilas eram hipoteticamente levantados sobre o prisma de experiências anteriores. Ilha Solteira por ser a primeira cidade construída pela CESP (Primavera a segunda e última) é um modelo que os arquitetos apoiam-se, dessa forma:

Vários problemas de ordem estrutural, observados em Ilha Solteira, foram analisados e algumas premissas básicas foram adotadas com objetivo de induzir o desenvolvimento independente da cidade após a conclusão das obras das usinas²⁷. A nova proposta buscou promover a maior autonomia de Primavera em relação à CESP e o próprio Estado (TSUKUMO *et al*, 1994 p.121).

O destino da cidade de Primavera após a conclusão das obras era uma preocupação antes mesmo de construí-la. Alguns entrevistados se mudaram de Ilha Solteira para Primavera, funcionários transferidos, trouxeram na bagagem a experiência com os problemas estruturais que interferiram em suas vidas, as casas geminadas foram para eles um transtorno pessoal, esse fato será discutido no capítulo quatro. As

²⁶ A identificação dos entrevistados será por letras do alfabeto para preservar a identidade do mesmo.

²⁷ *Ibid* nota 16

habitações de Primavera são geminadas²⁸, mas não da mesma forma da cidade de Ilha Solteira. A próxima seção traz informações e uma discussão sobre a organização espacial da cidade de Primavera.

3.1 – Organização socioespacial da cidade de Primavera

Para iniciar uma discussão sobre organização espacial temos como foco de análise o espaço urbano, e para tanto se levanta a questão: O que é espaço urbano? Essa pergunta foi respondida por Roberto Lobato Corrêa que o define como um conjunto de diferentes usos da terra justapostos entre si (CORRÊA, 2002, p. 07), esse é o conceito adotado nesta discussão.

Enquanto a organização social, para o mesmo autor, trata dos usos que definem áreas: centro da cidade, local de concentração de atividades comerciais, de serviços e de gestão, áreas industriais e comerciais, áreas residenciais distintas em termos de forma e conteúdo social, de lazer e, entre outras, aquelas de reserva para futura expansão. Segundo Corrêa (2002, p. 07), a organização social também pode ser vista como o espaço fragmentado, ou seja, um lugar de divisões em que há locais reservados para diferentes segmentos da sociedade. Assim, como exemplifica Corrêa, tem-se no caso de Primavera uma organização do espaço fragmentada pelas divisões entre os diferentes estratos sociais.

Os fenômenos de poder hierárquico que os sociólogos denominam estratificação fornecem dados para pesquisas sobre questões específicas de desigualdade (HALLER, 2006 p. 63). A CESP descreve a situação social que os habitantes encontraram na cidade de acordo com o planejamento por eles desenvolvido, descrevendo que:

A análise da organização social de Porto Primavera tem que ser encarada sob o prisma do impacto, na população, de uma cidade planejada em função de uma atividade específica: a construção das barragens. À população já é oferecida uma situação social pré-determinada: estrutura física da cidade; estratificação social em função dos níveis sócio profissionais estabelecidos. Esta última característica abrangendo, inclusive, o tipo de habitação e localização das habitações (HIDROBRASILEIRA S/A; CESP, s.d p. 56)

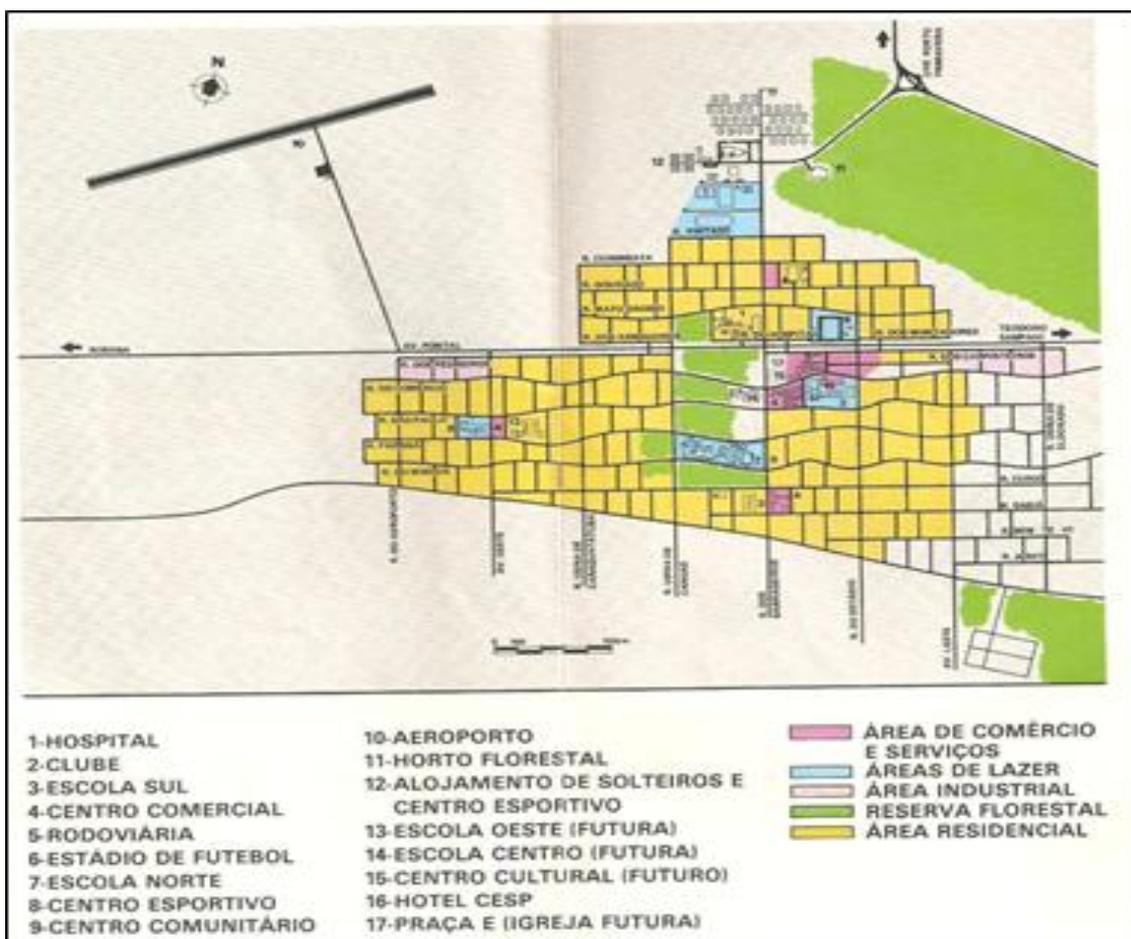
Esse trecho, retirado do plano diretor, demonstra que o planejamento da organização espacial desenvolvido no projeto urbano é determinante para a reprodução social. A disposição do traçado urbano apresenta a estrutura que se pretende construir.

Para compreender o processo de estratificação social enquanto estrutural, precisamos entender que a maneira pela qual se estratifica uma sociedade depende do modo como nos reproduzimos socialmente (IANNI, 1973). No universo que será composto por diferentes indivíduos, oriundos de várias localidades do país, o único ponto em comum para o deslocamento é a atividade na construção da barragem, ou seja, o trabalho. Para Ianni (1973) não é possível entender o processo de estratificação social sem examinar a forma de organização das estruturas apropriação (econômica) e dominação (política), pois:

[...] a maneira pela qual os homens se reproduzem socialmente está diretamente ligada ao modo pelo qual eles organizam a produção econômica e o poder político. A forma pela qual os homens organizam o modo de produção e, em concomitância, a repartição do produto econômico, está na base da estrutura social. Mas a estrutura social não se organiza apenas no nível econômico. Ela somente se organiza (funciona e transforma) porque também se organiza (funciona e transforma) a forma de poder é que a estrutura de poder. É que a estrutura de poder também é uma dimensão essencial da sociedade. (IANNI, 1973 p. 11).

Para a consecução dos seus objetivos, construir a usina hidrelétrica e a cidade, a CESP recebe do Estado o decreto que lhe permite o controle total sobre a cidade. “A necessidade desse controle indica como forma institucional” (HIDROBRASILEIRA/S.A, [s.d.] p.106). Dessa forma, a estrutura da cidade de Primavera construída pela CESP apresentava-se de acordo com a planta desenhada pela empresa na figura a seguir.

Figura 28 - Planta da cidade de Primavera desenhada pela CESP



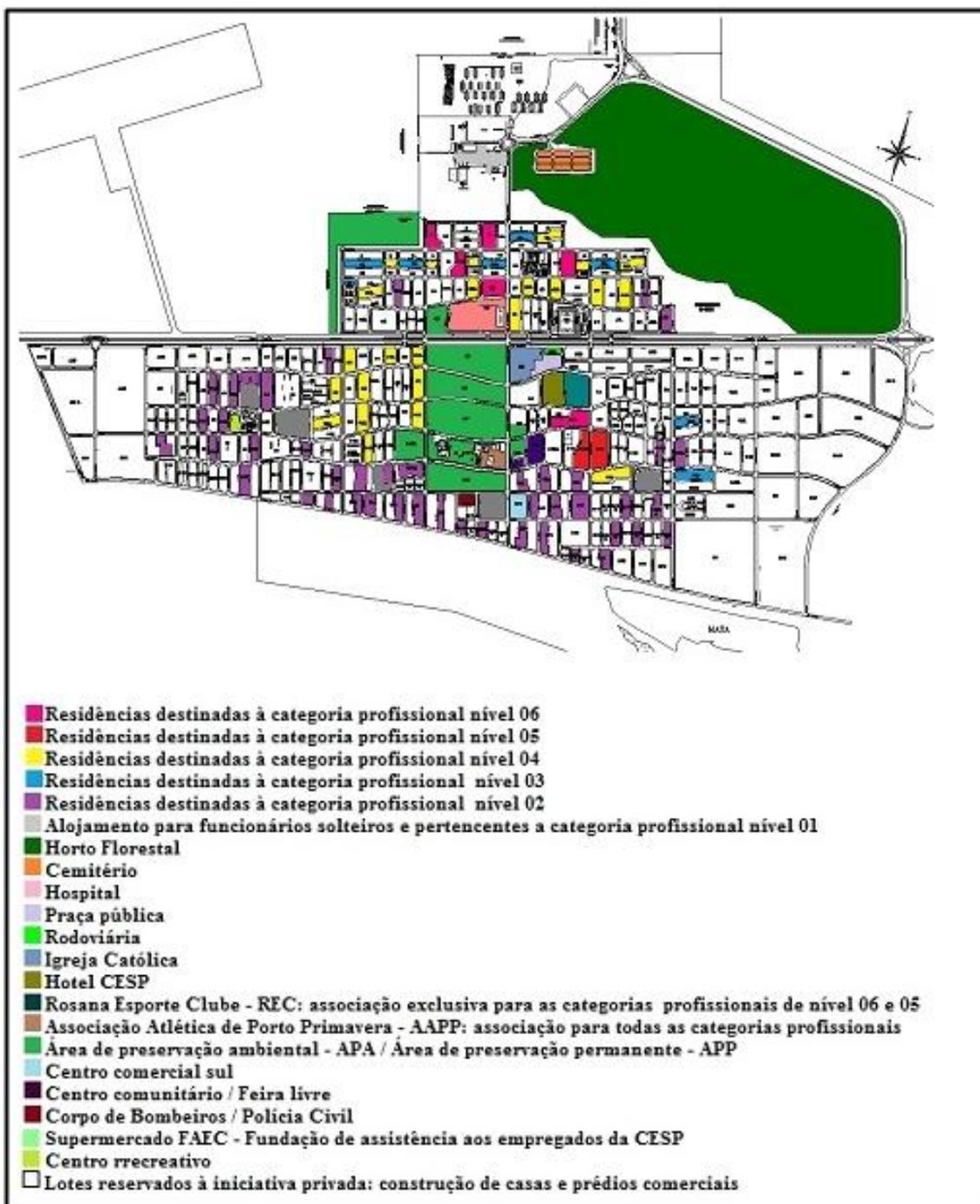
Fonte: <https://www.facebook.com/groups/238632919499471/> Grupo Porto Primavera²⁹

Acesso: 25/out. 2012.

A figura acima apresenta apenas a divisão das áreas. A área residencial, dividida pela classificação dos cargos ocupacionais, não está descrita e por isso uma nova planta foi organizada com a intenção de demonstrar a localização das casas de acordo com a sua classificação.

²⁹ *Ibdi* nota 23.

Figura 29 – Planta baixa da organização socioespacial da cidade de Primavera/SP.



Fonte: Planta base divisão de Obras e Serviços da Prefeitura Municipal de Rosana/SP.
 Organização: Regina Menezes.

Nessa figura, temos a classificação da área residencial, dos tipos de casas oferecidas aos funcionários de acordo com sua categoria profissional. Através da imagem da planta baixa da cidade podemos observar a semelhança com o desenho de um barco (não foi intencional de acordo com a investigação feita em documentos da

empresa e no trabalho de campo) e fazendo uma alusão a essa semelhança, as categorias de classificação nível estão concentradas no “porão do barco”.

Algumas pessoas compartilham dessa ideia, mas estas não foram entrevistadas devido à indisponibilidade de tempo para encontro, ficando suspenso e podendo ser efetivado numa pesquisa para doutorado, já que as mesmas não se recusaram a participar. As habitações são construídas até a classificação nível 2³⁰, nível 1 residia no alojamento, ou na cidade de Rosana, mas sem a ajuda de custos que a companhia oferecia aos empregados de nível 4, 5 e 6 antes de construir a cidade.

A investigação das relações sociais estabelecidas nesse espaço torna a cidade foco de investigação, uma vez que se pretende questionar se a organização social interferiu na sociabilidade. A cidade como investigação da vida urbana vem desde a filosofia de Platão e Hegel, que a tinham muito mais do que um tema secundário, um objeto dentre outros. Os filósofos pensaram a cidade e trouxeram a vida urbana para a linguagem e para o conceito (LEFEBVRE, 2011 p. 35).

Correia declara que o interesse em conhecer e atuar sobre a cidade reside no fato dela ser, entre tantos outros fatos, o principal lugar dos conflitos sociais (2002 p: 05). Para Henri Lefebvre a cidade situa-se num meio termo entre a ordem próxima que se trata das relações entre indivíduos em grupos, mais ou menos amplos, mais ou menos organizados e estruturados, e a ordem distante, a ordem da sociedade regida por poderosas e grandes instituições (Igreja e Estado), por um código jurídico formalizado ou não, por uma cultura e por subconjuntos significantes. A cidade é uma mediação entre mediações (2011 p. 52).

A filosofia das cidades respondia a questões de prática social nas sociedades pré-capitalistas, pré-industriais, ou seja, os filósofos pensam na cidade moderna segundo o modelo da cidade antiga, ideal. Imaginam a liberdade do século XX como a liberdade da cidade grega, onde apenas a cidade como tal possuía liberdade e não os indivíduos. Por isso a Ágora, lugar e símbolo de uma democracia limitada aos cidadãos, que excluía mulheres, escravos e estrangeiros, continua sendo, para certa filosofia da cidade, o símbolo da sociedade urbana em geral (LEFEBVRE, 2011 p. 47 a 51).

Essa forma de interpretação da vida urbana procede segundo Lefebvre a uma extrapolação tipicamente ideológica com conhecimentos parciais, consistindo na passagem, que ele descreve como “salto”, do parcial para o global, do relativo ao

³⁰ Representados no desenho da planta pela cor roxa.

absoluto (2011, p. 48). Dentre os filósofos da cidade, descritos por Lefebvre está Le Corbusier³¹, importante arquiteto e urbanista francês do século XX. O mesmo é citado no livro *Arquitetura na CESP* pela coordenadora e arquiteta responsável pelo projeto urbanístico de Primavera. Ele parece ser uma das suas fontes inspiradoras.

A bibliografia de Le Corbusier descreve sua importância na arquitetura pelo seu poder de síntese, e o relevante dessa informação está na descrição da filosofia de Le Corbusier, segundo Lefebvre que afirma:

Quanto a Le Corbusier, procede ele como filósofo da cidade quando descreve a relação do habitante e do habitat urbano com a natureza, com o ar, o sol e a árvore, com o tempo cíclico e os ritmos do cosmo. A essa visão metafísica, ele acrescenta incontestáveis conhecimentos sobre os problemas reais da cidade moderna, conhecimentos que resultam numa prática urbanística e numa ideologia, com o funcionalismo reduzindo a sociedade urbana à realização de algumas funções previstas e prescritas na prática pela arquitetura. Semelhante arquiteto se considera “um homem de síntese”, pensador e prático. Ele aumenta e deseja criar relações humanas ao defini-las, ao conceber o seu contexto e seu palco. Numa perspectiva que se associa a horizontes bem conhecidos do pensamento, o Arquiteto percebe a si mesmo e se concebe como Arquiteto do mundo, imagem humana do Deus criador (LEFEBVRE, 2011 p. 48).

A semelhança dessa citação com os dados descritos no final da primeira seção deste capítulo, na passagem em que discute as ações sobre a prevenção de futuros conflitos por parte dos arquitetos responsáveis pelo projeto urbanístico, na qual relatam que a configuração urbana se apresenta como solução básica para eventuais problemas de convivência entre os moradores.

Essa descrição foi feita por Nina Tsukumo, mas o projeto tem vários arquitetos envolvidos com diferentes pontos de vista. Ela inicia seu texto com uma citação de Le Corbusier, no decorrer do texto faz a seguinte observação sobre o morador e sobre a cidade de Primavera:

Desde agora tomam-se diversas providências para transformar as relações sociais características de um acampamento de obras em outras formas de convívio mais democrático, próprias de uma cidade comum. Constrói-se um acampamento, procurando-se criar uma cidade. A emancipação política de Rosana (em cujo território situa-se Primavera) certamente não constituirá o

³¹ Charles-Edouard Jeanneret-Gris, mais conhecido pelo pseudônimo de Le Corbusier (1885 – 1965) foi um arquiteto, urbanista e pintor francês de origem suíça. É considerado juntamente com Frank Lloyd Wright, Alvar Aalto, Mies van der Rohe e Oscar Niemeyer, um dos mais importantes arquitetos do século XX. Conhecido por ter sido o criador da Unité d'Habitation (unidade de habitação): grandes edifícios modulares projetados após a II Guerra Mundial. O conceito de unidade de habitação foi adaptado posteriormente em diversos outros projetos de caráter modernista por arquitetos em todo o mundo. **Fonte:** http://pt.wikipedia.org/wiki/Le_Corbusier. Acesso realizado em 27 de fevereiro de 2013.

fator preponderante para a emancipação de Primavera. O fato político deverá ocasionar mudanças estruturais profundas, mas se a comunidade local não se envolver num processo de autodeterminação que possibilite o surgimento de uma identidade regional, dificilmente se conquistará a emancipação econômica. Um aspecto importante a ser considerado nesse processo é o fato de a maioria dos atuais habitantes de Primavera ser formada por “barrageiros” tradicionais, não se identificando como cidadãos³², mas tão somente como moradores de Primavera. A análise dessa questão torna-se de crucial importância quando se discute o futuro do núcleo urbano, pois apenas quando ocorre uma relação de cidadania entre o homem e a cidade em que vive é que se adquire a consciência política necessária para atuar em prol da comunidade (TSUKUMO, 1994 p.137).

Da mesma forma, Tsukumo descreve que a configuração urbana pode evitar futuros conflitos de convivência entre os moradores da cidade de Primavera, conflitos que foram observados na experiência com Ilha Solteira. Durante o trabalho de campo, alguns entrevistados citaram problemas enfrentados no período em que viveram na cidade de Ilha Solteira (situação enfrentada pela entrevistada “F.” e que foi descrita no capítulo 2), e que os mesmos eram comuns à maioria dos habitantes.

Esses problemas estavam relacionados à forma de agrupamento das residências, ou seja, ao modelo geminado que em Primavera fora alterado, porém também geminadas. O entrevistado “W.”³³ que fora apresentado no início deste capítulo descreve as edificações:

W: [...] vou dá um exemplo dos problemas das casas. Você tinha água no quintal que normalmente caía do quintal do vizinho e ia descendo. Dava muita confusão, então o vizinho que recebia a água no quintal tampava a drenagem e com isso daí inundava a casa de cima. Então o setor de vilas tentava resolver, mas nem sempre era possível, acabava fazendo boletim de ocorrência, então o setor de vilas acabava mudando a pessoa de para outra região para amenizar a situação (MORADOR HÁ 32 ANOS).

Mesmo alterando-se o modelo os problemas não foram evitados, como acreditava a arquiteta Tsukumo, apenas diferenciados, o desenho arquitetônico não foi uma solução para os problemas reais da cidade. Para ela, além dos problemas que poderiam surgir nas relações sociais, além da estrutura física, estavam na cidadania. Diante da afirmação de Tsukumo, que o barrageiro não se considerava um cidadão, a questão foi levada a campo para entender qual é a representação do entrevistado sobre cidadania.

³² A questão de o indivíduo ver-se como cidadão será desenvolvida na pesquisa, abordada em campo por meio de entrevistas.

³³ Tem 58 anos de idade, mudou-se no ano de 1982, funcionário da usina contratado diretamente pela CESP, trabalhou nas edificações das residências e no setor de vilas (setor responsável pela administração da cidade atuando como uma prefeitura).

Análise de discurso não é o objetivo deste trabalho, mas a interpretação sobre a cidade feita por seus idealizadores, e suas influências, propicia ver uma lógica de pensamento que esteve presente na construção dessa organização espacial. O que se pretende, como foi dito anteriormente, não é uma análise de discurso, mas a compreensão da ideologia por trás do projeto, o que possibilita entender no desenho urbano do espaço as intenções que se pretendem alcançar com esse modelo de organização.

Lefebvre (2011) diz que temos em mente um conjunto de ideias sistematizadas ou em via de sistematização, o que provavelmente nos leva a procurar um sistema ou encontrar o nosso sistema. Os idealizadores trouxeram para o desenho do projeto, sistemas particulares, alguns compartilhados. A preocupação sobre o futuro da cidade de Primavera era compartilhada por todos, mas sob diferentes pontos de vistas. Para Hélio Pasta, um dos arquitetos da divisão de arquitetura responsável pelo projeto de Primavera:

Tem caráter definitivo. Comporta um núcleo central (1.500 habitações) permanente, envolvido por um anel (3.000 habitações pré-fabricadas e integralmente desmontáveis) passível de remoção parcial ou total. Esse anel lhe confere condições de ajustar suas dimensões futuras de acordo com os estímulos e as necessidades locais. Os serviços básicos foram assumidos pelos respectivos órgãos institucionais. O rígido controle paternalista foi abandonado. O cidadão não mais tutelado. À iniciativa privada é assegurada a livre participação na vida da comunidade. Primavera é uma cidade “aberta” (PASTA, 1985 p. 244 -247).

Ao contrário do que descreve Tsukumo, Pasta pensa Primavera como uma cidade comum por ser aberta à iniciativa privada, afastando-se da tutela do Estado, diferente de Ilha Solteira. Para ele a abertura a iniciativa privada pode garantir a autonomia do morador, enquanto Tsukumo acredita que, pelo fato de abrigar o “barrageiro”, que segundo a sua definição é o trabalhador contratado para construção de usinas hidrelétricas (1994, p. 111), não se desenvolverá como uma cidade comum por que esse trabalhador não se considera um cidadão.

Ambos são radicais em suas colocações. Eles foram, entre os demais envolvidos no projeto, os mais importantes e influentes, que decidiram questões relevantes na constituição desse espaço, mas foram contestados pelo próprio corpo técnico que os acompanhava, por exemplo, a equipe de engenharia que residia em Primavera, ao contrário da equipe de arquitetura. Os engenheiros que executaram a construção do

projeto questionavam o desenho, promovendo modificações no projeto. Na sequência segue um trecho da entrevista com o morador “W”³⁴:

P: Você participou da elaboração do projeto da cidade?

W: Participava na interface, na colaboração, mas os engenheiros daqui não apareciam no projeto. Eles desenhavam e a gente construía, nessa fase que eu tinha participação. Houve situações onde mudamos muita coisa, por exemplo, a praça era para ser de piso liso, desenho xadrez como um tabuleiro, porque ficava uma visualização aérea bonita, mas não dava certo para uma praça piso liso, então teve que ser modificada para piso rústico. Isso promoveu um atrito entre as equipes. Havia autonomia para alterar os projetos, via telefone, troca de informações: Fax, telex...(MORADOR HÁ 32 ANOS).

Para a engenharia, segundo “W.”³⁵, a equipe de arquitetura não se preocupava com a prática, como as edificações construídas serviriam à população, e sim com a imagem que se conseguiria com a construção das mesmas:

W: A arquitetura da CESP vou dizer uma coisa para você, eles viviam no mundo da lua. Eles eram paulistanos, eles não viviam obras. E arquitetos com aquelas ideias malucas, doidas, eles queriam implantar os projetos mirabolantes. Eu tive situações aqui de casas que não tinham travas nas janelas e eu fui falar com a arquiteta e a resposta dela foi que não precisa porque aqui as quadras têm vigilantes. Quer dizer é um mundo de ilusão porque as pessoas saem de férias, eu vou deixar minha casa com uma janela que um menino abre de fora (MORADOR HÁ 32 ANOS).

Por ser a fundação de Primavera proveniente da construção de uma usina hidrelétrica, surgindo como uma vila de trabalhadores antes de tornar-se definitivamente uma cidade, os conflitos que surgiram na organização do espaço são também produtos das relações de trabalho, como:

A administração do núcleo e a realização de todos os serviços públicos ficaram sob a responsabilidade da CESP, em regime de administração especial, concedido por Decreto pelo Governador do Estado. Essa situação permite que a concessionária atue nos limites da jurisdição da cidade [...] (SGARBOZA, OLIVEIRA, RODRIGUES, 1986, p.12).

Dessa forma, as regras impostas pela CESP aos trabalhadores são acatadas além do local de trabalho, cumpridas dentro da cidade como autodisciplina. No período de administração da CESP, Primavera era considerada um acampamento de trabalhadores,

³⁴ *Ibid* nota 13.

³⁵ *Ibid* nota 13.

mesmo que sua construção tenha se realizado com propósito de permanecer após a conclusão das obras e de integrar a região.

A administração da CESP e suas regras de convivência são discutidas no capítulo de representações sociais dos moradores da cidade. Não foram encontrados documentos que registrassem essas regras, elas estão presentes nos relatos dos entrevistados. O próximo capítulo será sobre as representações dos moradores sobre a cidade de Primavera.

CAPÍTULO 4

PRIMAVERA E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS CONSTRUÍDAS POR SEUS HABITANTES/TRABALHADORES

As representações sociais devem ser vistas como uma maneira específica de compreender e comunicar o que nós já sabemos. Elas ocupam, com efeito, uma posição curiosa, em algum ponto entre conceitos, que têm como seu objetivo abstrair sentido do mundo e introduzir nele ordem e percepções, que reproduzam o mundo de uma forma significativa.

Serge Moscovici

4 – Considerações sobre o conceito de Representações Sociais

Publicada na Europa por Serge Moscovici (1961), a teoria das representações sociais que para esse autor deveria dar conta de uma realidade que compreendesse as dimensões físicas, sociais e culturais. O conceito deveria abranger a dimensão cultural e cognitiva, dos meios de comunicação e das mentes das pessoas, a objetiva e subjetiva (GUARESCHI, 2012, p. 154). Moscovici ao procurar estabelecer uma ciência mista, centrada no conceito de representação, reconhece uma dívida duradoura com o trabalho de Émile Durkheim (DUVEEN, 2011 p. 13) primeiro teórico a trabalhar o conceito de representações. Para Durkheim as representações são coletivas porque

[...] são exteriores às individuais, é porque não derivam dos indivíduos considerados isoladamente, mas de sua cooperação, o que é bastante diferente. Naturalmente na elaboração do resultado comum, cada qual traz a sua quota – parte, mas os sentimentos privados sociais pela sua combinação, sob a ação de forças *sui generis*, que a associação desenvolve; em consequência dessas combinações e das alterações mútuas que delas decorrem, eles se transformam em outra coisa (DURKHEIM *apud* ARAUJO, 2005 p. 47).

As diferenças entre Durkheim e Moscovici sobre o conceito de representações, segundo Duveen, ocorrem porque

[...] enquanto Durkheim vê as representações coletivas como formas estáveis de compreensão coletiva, com o poder de obrigar que pode servir para integrar a sociedade como um todo, Moscovici esteve mais interessado em explorar a variação e a diversidade das ideias coletivas nas sociedades modernas. Essa própria diversidade reflete a falta de homogeneidade dentro das sociedades modernas, em que as diferenças refletem uma distribuição desigual de poder e geram uma heterogeneidade de representações (DUVEEN, 2012 p. 15).

Nesse sentido, é possível afirmar que o conceito de representações sociais, elaborado por Moscovici, é mais adequado para a interpretação das relações sociais estabelecidas entre os moradores/trabalhadores de Primavera, pois se trata de relações desiguais, heterogêneas, que podem se modificar a partir de diferentes contextos, como os profissionais e os sociais.

Para Minayo (2012), do ponto de vista sociológico:

[...] Durkheim é o autor que primeiro trabalha explicitamente o conceito de Representações Sociais. Usado no mesmo sentido que Representações coletivas, o termo se refere a categorias de pensamento através das quais determinada sociedade elabora e expressa sua realidade. Durkheim afirma que essas categorias não são dadas *a priori* e não são universais na consciência, mas surgem ligadas aos fatos sociais, transformando-se, elas próprias, em fatos sociais passíveis de observação e de interpretação. Isso é, a observação revela, segundo ele, que as representações sociais são um grupo de fenômenos reais, dotados de propriedade específicas e que se comportam também de forma específica. Portanto, as representações são necessariamente conscientes do ponto de vista individual. Assim, de um lado, elas conservam a marca da realidade social onde nascem, mas também possuem vida independente, reproduzem-se e se misturam, tendo como causas outras representações e não apenas a estrutura social (MINAYO, 2012 p. 73-74).

O ponto de vista sociológico descrito por Minayo, as representações sociais empregadas enquanto categoria de pensamento através da qual determinada sociedade elabora e expressa sua realidade, define com clareza a relevância desta investigação, pois somente as representações dos habitantes/trabalhadores de Primavera poderão definir se a hipótese de estudo se confirma, ou refuta-se.

Pensando no nascimento das representações ligado aos fatos sociais, passíveis de observação e de interpretação, a observação da classificação dos trabalhadores no canteiro de obras transferidas para a cidade, dividindo-os enquanto habitantes, a desigualdade no tratamento desses habitantes/trabalhadores é um fato social que da origem ao fenômeno da segregação social. Para tanto, entender se esse fenômeno se deu nesse universo, pensar que as representações são conscientes do ponto de vista individual, como sugere Minayo, e tê-las como categorias que se conservam na realidade em que nascem, mas que também possuem independência, reproduzindo-se e misturando em função da presença de outras representações, é a forma mais adequada e fundamental para o estudo da realidade desse grupo social.

A teoria das representações tem por finalidade entender qual o significado específico que os grupos fazem da sua realidade:

Representar significa, uma vez e ao mesmo tempo, trazer presentes as coisas ausentes e apresentar as coisas de tal modo que satisfaçam as condições de uma coerência argumentativa, de uma racionalidade e da integridade normativa do grupo. É, portanto, muito importante que isso se dê de forma comunicativa e difusiva, pois não há outros meios, com exceção do discurso e dos sentidos que ele contém, pelos quais as pessoas e os grupos sejam capazes de se orientar e se adaptar às coisas (MOSCOVICI, 2011, p.216).

O sentido de representar dado por Moscovici nessa passagem, para este estudo de caso, indica que o significado do discurso dos habitantes/trabalhadores é a mola propulsora na investigação sobre a realidade da cidade de Primavera, uma vez que, a sua organização socioespacial se deu de forma específica e diferenciada das demais cidades no entorno, apresentando características do padrão de organização do trabalho da Companhia Energética de São Paulo no meio social. Sendo assim, para seus habitantes essa forma de organização trouxe algum impacto, e qual seria esse impacto?

Seguindo o sentido empregado por Moscovici para ato de representar, o trabalho de campo será o momento em que se apresentará o significado da estrutura social para o entrevistado: habitante/trabalhador. Dessa forma, confrontados com questões a respeito da organização espacial, da administração CESP, e das relações sociais, descrevendo seu ponto de vista sobre a cidade e em relação ao tratamento diferenciado que a CESP oferecia aos seus funcionários na distribuição de residências, na divisão dos espaços de lazer, etc.

O discurso dará sentido e significado a adaptação e orientação desse grupo dentro desse espaço. A comunicação entre pesquisadora e entrevistado será o meio propício para desvendar como essas diferenças apresentadas na construção e na organização da cidade foram sentidas, e qual o significado teve em suas vidas.

De acordo com a perspectiva de Serge Moscovi, na citação acima, a próxima seção dará início a apresentação das representações dos habitantes retiradas das entrevistas realizadas no trabalho de campo.

4.1 – A representação do habitante sobre a cidade de Primavera – SP

A finalidade deste capítulo é apresentar a representação sobre a organização social e espacial da cidade de Primavera. Para tanto, os entrevistados serão identificados por letras do alfabeto e a fala da pesquisadora pela letra “P”. A maioria

dos habitantes de Primavera, no período de construção da cidade, adotados como referência para esta pesquisa, eram funcionários transferidos de outras usinas hidrelétricas.

Mesmo conhecendo vilas de operadores sofreram o impacto ao chegar à cidade, isso devido ao fato de conhecerem núcleos temporários, poucos participaram da construção do núcleo permanente de Ilha Solteira, os demais vieram de vilas instaladas em cidades com infraestrutura. Questionados sobre o impacto ao chegar à cidade, os entrevistados relatam a visão do ambiente como se encontra naquele período. O entrevistado “D” escolhido como ego focal³⁶ (BOTT, 1976) tem 42 anos de idade, mudou-se no ano de 1980. Membro da quinta família a mudar-se para a cidade e ex-funcionário da usina hidrelétrica e que pertencia ao nível 3³⁷ descreve o impacto ao chegar:

P: Qual foi o impacto que você sofreu quando chegou aqui?

D: Muito grande porque nós morávamos em Fernandópolis³⁸, uma cidade bem desenvolvida na época, morávamos no núcleo de lá e mesmo assim havia toda uma infraestrutura e chegamos aqui e só havia uma mercearia, um postinho de atendimento que dava trinta metros quadrados, que era uma farmácia, um mini-mercadinho, e uma escola que era a antiga APAE³⁹ que já foi até demolida, que tinha dois alunos da terceira, dois da segunda, um da primeira. Então foi uma coisa assim, nós entramos numa selva, não tinha nenhuma rua asfaltada, as casas estavam sendo erguidas ainda. Para mim que era criança ainda, cheguei aqui com dez, onze anos, foi tudo muito novo, eu nunca vi tanta ecologia e meio ambiente igual eu vi, muitos animais, parecia uma aldeia. À noite na quadra 128 as famílias se reuniam ali próximo da feirinha, era uma área verde. A sensação que você estava numa aldeia, rapidamente a quadra 128 foi povoando, então nós tínhamos pessoas de todas as idades, mas nessa quadra em específico eram pessoas de níveis um, dois e três que moravam. Rapidamente surgiram algumas quadras para cima da BR 623, que a gente fala para cima do hospital, para os outros níveis. Os filhos vinham aqui embaixo no campinho, na AAPP jogar bola, os filhos dos encarregados junto com os filhos dos operários. Então a cidade era dividida por níveis, cada casa tinha uma estrutura física, as casa de blocos e modelo A3 seriam de um pessoal de poder aquisitivo melhor e que tinham os melhores cargos na CESP e nas empresas terceirizadas. Esses cargos eram de um pessoal que era de nível quatro para cima. Primeiro eles construíram as casa de madeira e depois as casas de blocos. Da minha família, nós somos filhos

³⁶ Ego focal é “a pessoa em foco a quem pertence à rede” aquele “que está, por definição, em contato com qualquer outra pessoa da rede” (BOTT, 1976 p.300-302).

³⁷ Categoria de nível 3: funcionários do grupo inferior, formada por Oficiais de pedreiros e chefes de carpintaria, com exigência de ensino médio incompleto, direito a residências do modelo B6 e B4.

³⁸ Cidade do Estado de São Paulo, utilizada para a instalação do núcleo temporário para abrigar funcionários contratados pela CESP na construção da usina hidrelétrica Água Vermelha.

³⁹ APAE: Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais.

de barrageiros, nascemos nas barragens porque meu pai trabalha, trabalhou, porque ele faleceu em 2004, desde 1968. Meu pai faleceu com 36 anos de trabalho na CESP. A nossa expectativa (nós éramos dez irmãos e faleceu um e ficamos nove) era que seria mais um trabalho do meu pai. Até 1985 - 86, eles chamavam isso daqui de vilão porque na verdade era um acampamento dentro de uma selva. Na medida em que a cidade foi adquirindo uma infraestrutura e começou os primeiros asfaltos ai tornou-se Porto Primavera que durou até o início de 1990, as pessoas falavam: você é lá de Porto Primavera. Depois que a cidade tomou um volume de pessoas e encorpou mesmo, ficou Primavera. A nossa expectativa de filho de barrageiro inicialmente era que nós tivéssemos onde estudar e morar, para nós era de bom tamanho. Nós não tínhamos muitas ambições porque moramos muito tempo seguindo o sistema de barrageiros, então tem cidades onde moramos três anos, dois anos e outras um ano. Não dava para dizer vou construir uma vida aqui. Quando chegamos em Primavera a gente começou a perceber, a partir do momento que a gente ficou adolescente, que dessa vez era para sempre pela estrutura que a cidade foi adquirindo e as oportunidades que foram surgindo. Todo mundo sonhava nos seus dezoito anos trabalhar na barragem para ter o seu salário, comprar uma bicicleta porque carro não era nem assim, seria uma coisa impossível porque quem tinha carro na época eram carros da firma e alguns médicos e engenheiros. Então uma bicicleta quando você adquiria era um grande sucesso (MORADOR HÁ 32 ANOS).

O entrevistado, da mesma forma que os outros, cita a palavra níveis para descrever quem eram os moradores da primeira quadra construída, que fora a quadra 128. As casas da primeira quadra foram trazidas da vila de operadores da usina de Água Vermelha, desmontáveis e de madeira, por isso foram concentradas na periferia porque no futuro seriam todas removidas tornando-se lotes colocados a venda, o que não ocorreu. Para o entrevistado barrageiro significa:

D: Barrageiro, ele me representa aquela equipe de trabalhadores que chegou com a expedição de Pedro Álvares Cabral, porque veio a equipe de trabalhadores, a mão de obra. Então barrageiro nada mais é que a mão de obra, eu digo que é mão gentil no hino nacional, são aqueles que fizeram não só no município de Rosana, mas em todos os municípios onde tem desenvolvimento de energia elétrica, é a mão gentil que veio desenvolver o Brasil (MORADOR HÁ 32 ANOS).

A mão de obra como o entrevistado representa o barrageiro tem o modo de vida caracterizado como uma equipe de trabalhadores que se deslocam pelo país, passando por diferentes regiões a procura de trabalho. O modo de vida desse trabalhador afeta o cotidiano de sua família, que o acompanha. Dessa forma, vários sentimentos são experimentados, o medo do ambiente desconhecido e diferente do já vivido, a angústia motivada pela incerteza do tempo de permanência no local, a frustração pela

impossibilidade de geração de vínculos com outras pessoas, os laços de amizade ficam comprometidos, a insegurança em função da falta de estrutura da região que, de início está vazia, uma selva.

O contato com a nova realidade gera um impacto sobre a vida dessas pessoas, pois as perspectivas de futuro são frustradas em decorrência das condições que o ambiente apresentava ao novo morador, a “selva” assim como declara o entrevistado não permite a ele expectativas de futuro diferente nesse local, e sim a continuidade da rotina de trabalho do barrageiro que se caracterizava pela mudança constante de lugar.

O grupo de moradores que se concentrava na quadra 128 pertencia à parte inferior da escala de nível ocupacional, moravam em casas de madeiras que foram construídas para os trabalhadores em rotatividade. Os membros do grupo que correspondia aos cargos superiores na escala de classificação aguardaram a construção de casas para o seu nível ocupacional, não houve interesse em residir nesse modelo de casa, preferiam morar nas cidades vizinhas.

A condição econômica das famílias que pertenciam ao grupo de pioneiros, podemos chama-los assim já que foram os primeiros habitantes da cidade de Primavera, membros dos níveis mais baixos da hierarquia funcional refletia a realidade daquele barrageiro que estava em rotatividade constante à procura de trabalho submetendo-se à mudança de moradia e de regiões.

A passagem por várias cidades levava as crianças, por exemplo, a frequentar distintas escolas, relacionar-se com diferentes crianças sem a constituição de vínculos. A vida caracterizada pela mudança impossibilita a constituição de vínculos com outras pessoas, por exemplo, os de vizinhança, as amizades ficam comprometidas, mas a vinda para Primavera mudou essa situação para a família do entrevistado “D.” e também de outras famílias que aqui se instalaram há 32 anos permanecendo até os dias de hoje, pois a conclusão das obras não ocorreu no tempo previsto o que levou as famílias a constituírem vínculos com o lugar, e o desenvolvimento da cidade possibilitou a permanência das pessoas.

O fato de alguns trabalhadores seguidores de barragens há anos chegarem até Primavera com um prazo determinado de permanência de acordo com tempo estipulado para a construção da usina, e com o passar do tempo se depararem com o prolongamento do prazo, permitiu a alguns a possibilidade de alcançar a aposentadoria trabalhando na usina. Esse fato traz a impressão ao visitante de uma cidade composta por aposentados, o que não deixa de ser real, pois a maioria dos habitantes é formada

por aposentados, ex-funcionários da usina hidrelétrica, alguns contratados por empresas terceirizadas e outros diretamente pela CESP.

No desenvolvimento do trabalho foi apresentado o significado da divisão de níveis, um fato ocorrido, tanto no procedimento organizacional da CESP como da cidade, faz parte da história de Primavera. Ao resgatar lembranças sobre a vida em Primavera no período de construção e, também da usina hidrelétrica, iniciam com a descrição da relação de níveis. Para o entrevistado “X” de 51 anos de idade, que mudou-se no ano 1985, ex-funcionário da usina e pertencente ao nível 4 relata como percebia o sentimento de algumas pessoas em relação a essa classificação e sua interpretação sobre ela:

P: A divisão de níveis era um procedimento da CESP?

X: Outro dia eu estava conversando sobre isso. Ao mesmo tempo que alguém se sentia prejudicado ou preferido, por essa classificação, ao mesmo tempo ela é necessária para uma série de itens que implica no funcionamento de um empreendimento tão grande como esse, tem os prós e contras. Até na distribuição das casas era feito assim. Apesar de na escola, de não existir uma escola uma para o nível 5 e 6, 3 e 4, 1 e 2; mas isso era refletido no comércio.

P: No comércio, como assim?

X: É. Porque se você chegasse no comércio já ouvia: que nível você é? Primeira coisa. Trabalha em qual empresa?

P: O nível era uma referência?

X: É (MORADOR HÁ 27 ANOS).

A escola, nesse contexto, apresentava-se como um espaço aparentemente livre da divisão, não havia um pré-requisito para a matrícula de alunos, mesmo no colégio privado, mas as relações estavam moldadas pela divisão, os vínculos não se estabeleciam como podemos ver na fala do entrevistado “W”:

P: Suas filhas não conviviam com pessoas de outros níveis?

W: Só o convívio de escola, porque não tinha uma aproximação com os pais das amiguinhas delas, então a gente acaba não tendo convívio mais próximo de participação de uma festa, um aniversário. Isso eu acho muito ruim, hoje a situação da cidade para moradia é outra (MORADOR HÁ 32 ANOS).

Não se estabeleciam vínculos porque não havia o contato entre as famílias, apenas ocorria à convivência na escola, mas as amizades surgiam nas relações de vizinhança, entre os iguais. Fora mencionado no capítulo 1 que a pesquisadora pertence

ao objeto de investigação, moradora há 23 anos, filha de barrageiro nível 3, pertencendo ao grupo tido como inferior na escala funcional. Dessa forma, o ponto de vista enquanto moradora será utilizado neste momento para melhor refletir e descrever o significado do nível ocupacional enquanto uma referência no campo de estudo.

Em 1989, ano em que a família da pesquisadora chega à cidade, a estrutura estava praticamente finalizada, a conclusão das obras do núcleo urbano ocorre oficialmente no ano de 1990. As instituições de ensino eram coordenadas pelo Estado, porém as relações entre os alunos e entre pais e professores sofriam a influência da divisão social. O primeiro contato entre as pessoas era mediado pela classificação a qual o indivíduo pertencia.

A área de maior atuação da iniciativa privada era o vestuário, a CESP instalou o supermercado para abastecimento de seus funcionários – FAEC: Fundação de Assistência aos Empregados da CESP – para a manutenção de residências havia o setor de vilas, em que o trabalhador dirigia-se para requerer reparos na instalação elétrica, abastecimento de água e demais problemas que a sua residência necessitasse.

O contato com iniciativa privada, o comércio como é a referência que a população local utiliza para esse segmento, iniciava-se pela indagação de qual nível o indivíduo pertencia. Para as mulheres seguia-se a pergunta: Qual nível pertence seu esposo? Para crianças e adolescentes: Qual nível seu pai pertence? Essas perguntas não permaneciam somente no campo da iniciativa privada, mas em todos os segmentos, na saúde, na educação, nas áreas de lazer, as relações eram mediadas pela posição em que se encontrava o habitante na classificação ocupacional no canteiro de obras.

4.2 – A postura da iniciativa privada em relação à classificação de níveis

Havia por parte da CESP o interesse em se desvincular da administração da cidade de Primavera, ela organizou a distribuição do espaço reservando áreas de expansão para venda de lotes para a iniciativa privada. Como a cidade fora construída numa região em que não havia nada anteriormente a companhia se responsabilizou pela infraestrutura construindo um hospital, escolas, clubes, supermercado e cedeu edificações para instalação de órgãos públicos como batalhão da polícia militar, corpo de bombeiros e também para agências bancárias e dos correios.

A entrevistada “B.” de 44 anos, comerciante mudou-se no ano de 1986, abriu sua loja após algum tempo, a expectativa de vir para a cidade era de acompanhar seu esposo que trabalhava na policia militar, não fazia parte do quadro de funcionários da usina hidrelétrica e por isso não tinha uma classificação de nível.

B: Quando eu cheguei de mudança sai para fazer compra, material de limpeza, alimentação né. Aí entrei na FAEC⁴⁰, estava acostumada em São Paulo a entrar em qualquer lugar, ai fui passar no caixa e a moça disse: não podemos te atender. Eu disse: Por quê? E ela: porque você não tem carteirinha. Mas eu perguntei: carteirinha de que? Porque tem a carteira de RG, a de trabalho. Eu nunca tinha visto, o comércio tem essa divisão (níveis), para mim isso era coisa de outro mundo, mas eu falei: eu não vou marcar, eu não vou comprar fiado. Para ter carteirinha para mim era da época do onça! As pessoas que tinham carteirinha iam lá (FAEC). Eu falei: vou pagar com dinheiro e ela falou: não podemos receber o seu dinheiro. A gente não tinha quase comercio aqui, eu sai de lá chateada, magoada, me sentindo discriminada.

Quando minha mãe ia brigar com a gente ela falava: mas você não tem nível! Isso é uma expressão do nordeste. Ai depois eu estava num salão, eu já estava com cabeça lavada para ser atendida, ai chegou uma pessoa entrou na minha frente, me isolaram, ai eu falei: mas não é a minha vez? Mas era uma mulher de engenheiro. Era absurdo o que acontecia aqui, as pessoas não compravam uma lata de óleo, compravam duas, três, para estocar, eu não entendia aquilo! Numa cidade tão pequena, mas não parecia que você estava dentro do Brasil. Depois de um ano e cinco meses aqui, eu cheguei em São Paulo e parecia que minha mente tinha apagado (MORADORA HÁ 26 ANOS).

O sentimento de discriminação surge em consequência do tratamento diferenciado, das regras impostas pela companhia. O estranhamento causado pela expressão nível era impactante, essa terminologia empregada no contexto social é inusitada, pertence a uma realidade específica, de barrageiros que se destinam ao trabalho em empreendimentos sob a responsabilidade da Companhia Energética de São Paulo. A entrevistada não fazia parte dessa tradição, seu esposo era funcionário de um órgão público, a novidade trouxe-lhe uma experiência desagradável que lhe fez sentir-se discriminada, representa o tratamento com aqueles que não estavam classificados.

Os valores empregados nesse universo particular eram desconhecidos por aqueles não habituados à hierarquia funcional, mas que da mesma forma incomodavam também aqueles que já o conheciam, os membros do grupo inferior os níveis: 4, 3, 2 e 1. Embora o nível 4 fosse uma categoria com escolarização, nível técnico, estavam impedidos de se associar ao clube R.E.C, o que provocava a mesma sensação de

⁴⁰ Fundação Assistência aos Empregados da CESP, primeiro supermercado instalado na cidade.

exclusão que os demais, que os viam em uma condição melhor do que a deles por encontrarem – se um nível acima, mais próximos ao grupo dos superiores.

À iniciativa privada estendia - se a classificação de níveis, não por uma obrigação imposta pela companhia, mas por opção dos proprietários que se valiam dessa divisão para atuar na cidade, não seguindo regras de direito do consumidor e sim do trabalhador. O entrevistado “D.”⁴¹ relata este caso:

D: Para nós comprarmos no comercio qualquer coisa, precisávamos de avalista, quem era de nível mais baixo, ou levar o crachá do marido. Para minha mãe comprar qualquer coisa no comércio ela tinha que levar o crachá do meu pai, ai eles faziam um cadastro, e se fosse compra num valor alto teria que ser com avalista.

P: Somente dos níveis baixos?

D: Era por uma questão de renda que geralmente se concentrava nesses níveis, até mesmo no Banespa, que é um banco que está aqui desde o início, teria que ter avalista. Na FAEC, que era um mercado da CESP, já estava a discriminação bem visível porque cada nível tinha um valor de vale e infelizmente para a classe mais pobre o valor era menor e se você estourasse o limite teria que ir lá dentro na gerencia e pegar uma assinatura e ser avalizado para poder descontar aquilo no mês que vêm (MORADOR HÁ 32 ANOS).

O discurso do entrevistado “D.” vai ao encontro do relato da entrevistada “B.”, a moradora se sentiu discriminada na tentativa frustrada de realizar uma compra no supermercado FAEC, e o morador relata se tratar de um espaço onde a discriminação era visível, pois havia um tratamento diferenciado entre aqueles que tinham permissão para se associar, uma vez que os funcionários recebiam carteiras de associados para realizarem suas compras.

A diferença estava no rendimento auferido para cada categoria, a assistência como designa uma das siglas do nome do supermercado (FAEC – Fundação de Assistência aos Empregados da CESP), era destinada a funcionários da CESP, e aqueles contratados por empresas terceirizadas eram funcionários indiretos da mesma, mas devido a esse fato, tinham uma diferença na assistência oferecida pela companhia.

No padrão de atendimento, estava presente a forma de relacionamento entre os diferentes níveis, as preferências eram evidentes, como relata a entrevistada “C.” de 61 anos de idade. Ela mudou-se para a cidade em 1982, contratada diretamente pela CESP,

⁴¹ Biografia do entrevistado apresentada na seção 4.2 deste capítulo.

nível 2, depois foi transferida da usina de Água Vermelha no Estado de São Paulo para Primavera.

C: Você chegava num lugar, por exemplo, numa loja, você era Regina nível três e eu Catarina (pseudônimo) nível dois, você acha que elas (atendentes) iam atender quem primeiro? Você é claro.

P: Elas (atendentes) seguiam a classificação?

C: Não interessava Regina que você fosse comprar fiado e eu à vista. Era incrível, era de chorar esse negócio.

P: Era humilhante?

C: Eu não gostava. Para você ver, uma vez eu tinha que, isso não demorando muito para acabarem os níveis não, ir numa comemoração em São Paulo e eu queria uma blusa. E eu andando pelo comércio eu fui passando na frente da loja de uma mulher de engenheiro. Eu sempre andei de tênis, de chinelo, não que eu não tenha, mas sempre gostei de andar assim. Eu estava de bermuda, tênis, camiseta. Olhei assim e era blusa que eu queria. A cor, o jeitinho, meu número, aí eu entrei. Ela estava no telefone assim (imitando a postura) olhando para a porta. Eu entrei e fiquei, e ela não me atendeu, ficou falando no telefone. Você acredita num negócio desses? Aconteceu esse negócio comigo, foi humilhante, Regina. Mesmo em lojas mais inferiores, as pessoas tinham isso (MORADORA HÁ 30 ANOS).

Primavera era uma pequena cidade, naquele período um acampamento, um universo limitado que permitia as pessoas uma proximidade maior que facilitava a identificação. Os níveis eram representantes das classes econômicas, o poder aquisitivo entre eles era diferenciado e levado em conta no atendimento no comércio e em outros espaços públicos. Os funcionários de altos níveis eram figuras populares devido ao *status* que carregam em função da influência no ambiente de trabalho, por isso eram tratados com preferência até por aqueles que pertenciam ao grupo das baixas categorias.

Parte da iniciativa privada, era composta por pessoas de poder aquisitivo inferior aos membros representantes dos altos níveis, também se valia da configuração estabelecida na forma de atendimento, estes não davam prioridade aos iguais economicamente, preferiam enquadrar-se nas regras do meio social. O desejo em adquirir o mesmo *status* dos altos níveis existia como forma de busca por poder, pois não cabia ao funcionário reclamar sobre a sua classificação, isso seria o mesmo que pedir a sua demissão. Para ter o emprego, era preciso fazer parte das regras, aceitá-las, e a companhia, por meio da assistência social, controlava a conduta do funcionário na cidade.

4.3 – A relação entre os habitantes de diferentes níveis

No início do capítulo, o entrevistado “X.” descreve a presença das divisões entre os níveis no contexto social, e cita que até no comércio ela estava presente, isso porque se tratava da iniciativa privada, não cabia aos comerciantes seguir as regras da companhia, mas era essa a forma de relacionamento dentro da cidade.

P: Achei interessante o que você falou sobre o comércio. Então essa classificação de níveis era refletida no meio social, as pessoas se manifestavam, ou melhor, dizendo, se relacionavam em função disso?

X: É. Gritante essa manifestação. Inclusive tinham dois clubes que separavam os moradores, 1,2,3,4 e 5 e 6, dois clubes. Então era separada, separação mesmo, para não se misturar né (MORADOR HÁ 27 ANOS).

Nesse relato, percebe-se a segregação nas relações pessoais, segundo a entrevistada “A.” de 44 anos que chegou à cidade em 1986, esposa de ex-funcionário da usina hidrelétrica nível 2, atualmente cargo no poder público.

A: [...] os barrageiros gostavam muito de ser separado né. O barrageiro tem assim um sistema, como tem em algumas partes até hoje, mas mudou muito isso daí, era cada um no seu cantinho, mesmo vizinho de parede e meia um não se preocupava com o outro. Diferente de muitas cidades onde um se preocupa com o outro, conversa, Primavera não, ainda mais com essa história de nível né, nível 1, nível 2, nível 3. Nível 3 então num queria esta se misturando com nível 1, era aquela coisa bem né... Mas hoje está bem diferente. Hoje ainda tem aquela resistência entre Primavera e Rosana, um não quer participar de algo em Rosana, e outro não quer participar de algo em Primavera, hoje quebrou um pouco disso (MORADORA HÁ 27 ANOS).

O funcionário de nível 1 era aquele que residia no alojamento, ou na cidade de Rosana, era o chamado “peão”, o último cargo na hierarquia, embora a contagem comece por ele a sua importância é tida como irrisória devido ao fato de sua atividade ter um tempo previsto para encerrar, não tendo a necessidade de compor o quadro de operação⁴², sendo útil apenas no período de construção, além disso trata-se de uma atividade que não exige conhecimento específico, e pode ser realizada por qualquer indivíduo, é um atividade braçal.

Os funcionários da categoria do nível 1 que tinham interesse em trazer sua família para perto do seu trabalho tinham como opção a cidade de Rosana, que já existia na região quando a CESP chegou. Boa parte da mão de obra braçal foi requisitada nessa

⁴² Operação é a atividade que mantém a usina hidrelétrica produzindo, ela está em operação a partir do momento que começa a gerar energia elétrica.

cidade, mas a companhia não interferia na administração urbana, os recursos eram aplicados ao distrito de Primavera, tornando este local mais interessante para a moradia.

A qualidade de vida em Rosana era inferior à de Primavera, o que trouxe disputas entre os habitantes. Durante a administração CESP, o habitante de Primavera não se dirigia à Prefeitura Municipal de Rosana na busca de qualquer auxílio, e sim ao setor de vilas, pois não havia necessidade de procurar a administração municipal. Como descreve a moradora “A.”:

A: Ninguém de Primavera, nunca que eu saiba, e até mesmo eu que fui moradora de lá e sou até hoje, nunca tinha vindo à prefeitura reivindicar algo porque totalmente era a CESP. Porque tudo que às vezes o cidadão talvez precisasse já tinha dentro de Primavera. Médico, hospital era pertencente a CESP, água, luz: CESP, limpeza: CESP. Então tudo era a CESP, todos que moravam ali tinham seu emprego. Era estabilizada, não precisava do município, tanto que quando o prefeito foi prefeito de Rosana, não assim municipal que pegasse também Primavera ela também não tinha tantos problemas porque ele cuidava só de Rosana e gleba naquela época estava se criando ainda. Então não era tão complicado (MORADORA HÁ 27 ANOS).

A presença da estrutura de trabalho era constante na vida das pessoas, não havia como o morador se desvincular da organização da companhia porque tudo pertencia à ela e, desse modo, por meio de um decreto estadual que lhe concedia o direito a uma administração especial, a presença das regras da mesma era determinante nas relações sociais. O primeiro morador tem 70 anos de idade, ex-funcionário da usina hidrelétrica, contratado diretamente pela CESP como nível 3, mudou-se no ano de 1980, quando descreve o momento de sua chegada, relata o convívio entre os diferentes níveis:

P: Então foi chegando o pessoal do vilão, que era nível 2 e 3?

Y: É, aí foi chegando um atrás do outro.

P: Aí começou a divisão de níveis?

Y: É, aí, tinha o povo (níveis 5 e 6), mas esse povo ia trazer as mulher deles, num ia querer né (casas do vilão)... Porque vinha para cá com esse negócio (divisão de níveis). A dona Lurdes eu acho, mulher do finado Otacílio, era gente fina “pra caramba”, não tinha orgulho não tinha nada. Um dia eu fui fazer manutenção na casa dela, ela me disse então seu Y o senhor é o primeiro morador? Eu, pois é. Ela, nós também, nessa parte aqui nós somos os primeiros, nesse rancho, barracão de seda!

P: Barracão de seda?

Y: É porque ela morava numa casa melhor em Loanda. Ela era gente boa, o marido dela também, na casa delas num sabia o que fazer com a gente.

P: Ele era amigo do senhor?

Y: Naquela época eu bebia, faz oito anos que parei, graças a Deus. Ele (Otacílio) sentava, cruzava a perna e falava: cadê o limão, acendia o cigarro. aí foi inchando, inchando... Aquilo (bebida) era terrível naquela época.

P: Todos os engenheiros eram assim iguais a ele?

Y: Não, mas tinha uns três engenheiros que era gente boa.

P: E o resto não?

Y: Vixe o resto, olha, *Dr. Almeida* que era chefe geral né, aquilo era bravo, “pra” manda um embora... hum!

P: Era bravo?

Y: Ele podia passar perto de você assim ó! [...] Você quer ver a mulher do *Dr. Draúlio*, que vivia mais em São Paulo, nós fomos fazer um serviço para ela, aí o rapaz estava com sede, era um meio dia mais ou menos, tinha acabado de chegar do almoço. Naquela época eles já me colocavam para tomar conta, eu era pedreiro, devagar, mas cai na deles! Então o cara foi e pediu água pra empregada, aí a mulher do *Dr. Draúlio*, nem tinha visto essa mulher, falou peão bebe água de torneira. Juro por Deus! Cheguei, ele nem tinha falado nada para mim, se não eu tinha falado para ele: Vou buscar ali em cima. Ai um falou a mulher falou assim: Não tem água não porque peão bebe água de torneira. Eu vi ele assim no canto chateado, e perguntei: O que aconteceu? O rapaz: Pedi uma água ali seu Y e a mulher falou isso! E eu falei: Quando você vê empregada finge que nem viu, pedi nada não, pelo amor de Deus, esquece esse povo! Eu tinha um medo danado porque eu sabia já. Aí o chefe chegou e perguntou tá tudo bem por aí? E eu falei: a mulher que não tá muito boa não. O rapaz foi pedi uma água gelada aí para empregada e ela disse: torneira! O chefe: aí está vendo como é o negócio (divisão de níveis)! Hum. Só que aí quebraram! O Carlito chegava era: Oi seu Carlitos, chega vamos toma café. Carlitos: Não!

P: O *Carlitos* defendia vocês?

Y: A vixe, ele se doía. A dona *Teresinha* mulher dele também, gente muito boa. É o seguinte esse pessoal aí, vinte por cento (pausa), tinha um pessoal que era bom, mas tinha umas mulheres que chegavam e falavam para o pessoal da empreiteira: Eu não gosto que fica olhando para empregada⁴³. Eu perguntava: Você tá olhando para empregada? Respondia: Não seu Y! Eu num podia sair nem um pouquinho. O chefe falava: Cuida direitinho desses peões aí, você sabe que casa de engenheiro é casa de engenheiro, nível 5 é nível 5, você toma cuidado! Falei, Não... (cara de espanto) mas eu fico cuidando! É (pausa), elas não falavam nada na hora, mas quando os maridos chegavam à noite elas contavam, aí era o chefe. Aí então se fosse uma coisa dessas, a CESP mandava embora na hora sem direito a nada. Era difícil, mas o povo não era fácil não. Depois me passaram para o campo, me mandaram com uma turma lá com bastante gente. O *João* que é encanador ia lá e falava: a dona coisa perguntou por você, que você é caprichoso no serviço. Falei: *João* nem fala nesse povo não... (risos) (MORADOR HÁ 32 ANOS).

A sociabilidade estava comprometida pela divisão administrativa da CESP, que estabeleceu diferentes formas de tratamento para os seus funcionários diretos (CESP) e

⁴³ Para empregada doméstica da casa do engenheiro onde estavam trabalhando.

indiretos (terceirizados). O tratamento desigual começa nas instalações das moradias, pois, como demonstrado, anteriormente, às habitações eram diferentes.

4.4 – O procedimento de distribuição das habitações

A administração da cidade ocorria por meio de um regime especial concedido à Companhia Energética de São Paulo – CESP – pelo governo do Estado. O poder municipal não tinha influência sobre a administração da cidade, os habitantes de Primavera não se dirigiam ao poder público para resolver questões relativas à vida na cidade, e sim até a CESP, especificamente ao setor de vilas, que exercia função administrativa. O entrevistado “W.” tem 58 anos de idade, mudou-se no ano de 1982, funcionário direto da CESP, trabalhou nas edificações das residências e no setor de vilas (setor responsável pela administração da cidade, atuando como uma prefeitura), fala sobre as edificações e administração urbana.

P: Nessa época era o setor de vilas que tomava conta da cidade?

W: O setor de vilas era a mesma funcionalidade de uma prefeitura. Era responsável pela distribuição de casas, também pela transferência de funcionários ou contratados, que entravam na fila de espera de casa. Promovido, ele ia daquela fila pra outra de casa superior. Só que normalmente não tinha disponibilidade, nunca tinha casa vazia, então ele estava numa fila de espera e aquilo ia movimentando todo mês. Eram feitos relatórios e hoje eu não sei lhe dizer onde estão, porque o setor de vilas acabou tudo foi transferido para a prefeitura. Só que essa parte pertencia a uma parte interna da CESP, parte de distribuição [...]

P: O tamanho das casas tem a ver com a qualificação profissional?

W: Quando se fala de níveis tem uma diferenciação de tamanho e padrão. Havia mais conforto em casa de nível 6 em relação a casa de nível 2 e 1. Essas casas de nível 2 e 1 eram casas de rotatividades, o trabalhador também estava em rotatividade e também pelo número de casas, eram construídas muito mais casas. O nível 6 e 5 eram em número menor, em torno de 100 casas, isso garantia o privilégio de se morar em casa melhores. O alojamento era para os solteiros, algumas situações de níveis 4,5 e 6 a CESP disponibilizava repúblicas, mas havia alguns casos no alojamento, no caso de contratados por empreiteiras, os contratados pela CESP ficavam em repúblicas. As empreiteiras seguiam as diretrizes da CESP. A classificação existia para manter a organização do canteiro (MORADOR HÁ 32 ANOS).

A rotatividade do trabalhador de nível baixo (1, 2, 3, 4) é considerada como critério para justificar o projeto de habitação destinado a eles, o que não se aplica ao caso de funcionários de nível alto (5 e 6) em rotatividade, estes não eram encaminhados

ao alojamento de solteiros, tinham a opção de se instalar no hotel ou em repúblicas, casas cedidas para moradia de funcionários solteiros de mesmo nível ocupacional.

4.5 – As opções de lazer na “vila”

No desenvolvimento do texto, quando levantada a hipótese de segregação socioespacial em função do planejamento urbanístico da CESP na construção da cidade, trechos dos relatórios sobre a construção da cidade foram citados, em um deles descreve-se que havia uma diferença entre os dois clubes que foram construídos, tratavam-se da forma de associação. Para o entrevistado “L.” de 61 anos, que se mudou no ano de 1983, ex-funcionário terceirizado da usina hidrelétrica, nível 4, a classificação de níveis tinha seus lados positivos e negativos.

L: Sempre foi muito mais rentável trabalhar numa empresa como Camargo Correia, CESP, Hidroserve, CBPO, Techint. Muito mais seguro, você tinha uma segurança pessoal e para a família. Então essa questão de nível, você administrava isso daí. Tinha como administrar.

P: Tinha um lado positivo?

L: Tinha um lado positivo.

P: Tinha algum lado negativo nisso daí?

L: O lado negativo era na parte de diversão, na parte social que seria na questão de clubes em função dos adolescentes que não entendiam isso daí como funcionava essa lógica. Essa era a única dificuldade que se tinha para administrar.

P: Era a opção de lazer, que eram duas?

L: Sim, só que eles tinham um sistema, porque eram duas, mas sempre teve a mesma posição para as duas.

P: A mesma posição? Como assim?

L: Por exemplo: tem o clube, tinha o REC e tinha o AAPP. O pessoal do AAPP não podia frequentar o REC, mas o pessoal do REC poderia, poderiam não, eles sempre frequentavam o AAPP. Porque o AAPP era um volume maior de adolescentes, de jovens, de casais, de pessoas. O AAPP tinha muito mais vida social do que o REC, o REC tinha esporadicamente enquanto o AAPP era continuamente, era todo final de semana que tinha discoteca, tinha baile, tinha o que movimentasse essa moçada (MORADOR HÁ 29 ANOS).

Para ele, assim como para os demais, o lado negativo de viver em Primavera estava concentrado na área de lazer porque atingia os filhos, crianças e adolescentes,

que não entendiam as regras e não conseguiam compreender o porquê da existência das mesmas.

P: Como que era para você passar em frente a um clube onde você não pode entrar, mesmo que tenha como pagar a mensalidade?

X: Nunca me preocupei com isso não. Isso não ia tirar meu sono.

P: Em algum momento você parou para pensar nisso?

X: Também não, não dou murro em ponta de faca. Algumas pessoas ficavam chateadas, mas vamos supor, se tivesse só uma opção eu iria ficar sentido, mas não é o caso. Esse é tipo de coisa, por exemplo, faz falta né, de você querer e não poder, isso afeta o psicológico de algumas pessoas né.

P: Os sócios do AAPP não podiam frequentar o REC, mas os sócios do REC podiam frequentar o AAPP. Isso não incomodava as pessoas?

X: Então eu via acontecer pouco isso aí, uma porque eu era de frequentar, eu evitava justamente por que tinha esse tipo coisa.

P: Você evitava?

X: Eu evitava, ia só a bailes, não era todo fim de semana, uma porque eu já tinha família também.

P: Mas nem como lazer, à tarde para frequentar a piscina?

X: Sinceramente não.

P: E suas crianças?

X: Eu era sócio por causa das crianças. Um deles sempre quis ir no outro clube, mas não podia.

P: Ele sempre pedia para ir? Ele falava alguma coisa?

X: Não... hum... Nunca falou nada, só ouvia.

P: Ouvia e depois voltava a pedir?

X: Não, mas eu sentia que ele queria ir né. Não era de ficar pedindo sempre, um tempo depois ele parou, mas eu sentia no olho dele que ele queria ir.

P: Você sentia que ele tinha curiosidade de conhecer aquele espaço?

X: Exatamente, e depois eu continuei percebendo a vontade por que o ciclo de amigos dele, de um deles, frequentava lá. Evitar, eu usei a palavra evitar, mas verdade não era assim, evitar frequentar, eu não queria participar dessas conversas, justamente do que a gente está tendo aqui, do porque disso ou daquilo. E é um assunto que discutindo ou não ia ser daquele jeito né. Ao não ser que se fizesse uma revolução para que alguma coisa para... Isso no meu ponto de vista naquele momento não ia acontecer nunca. Ia se perde muito tempo conversando sobre um negócio que não ia ter mudança naquele momento por que a CESP era a dona (MORADOR HÁ 27 ANOS).

O entrevistado “X” declara não se importar com essa divisão de níveis porque um dia ela iria acabar. Ela não o atingia diretamente, mas indiretamente através de seus filhos. Essa divisão interferia nas relações entre os moradores, passando por todos os segmentos, mas na área de lazer era intensa.

4.6 – As regras de disciplina da CESP – Companhia Energética de São Paulo

O morador de Primavera deveria se preocupar com sua conduta dentro da cidade sob o princípio das regras do local de trabalho não apenas como um habitante, mas sim enquanto funcionário. Ele deveria pensar a sua conduta na cidade não pelos princípios de direitos e deveres de um cidadão, mas sim com um trabalhador, para preservar seu emprego. A garantia de emprego era também a garantia para a moradia, não havia atuação do setor imobiliário naquele período, apenas edificações de posse da CESP. A manutenção das regras era realizada pelo setor de Assistência Social.

C⁴⁴: [...] Não podia ficar devendo, ser “nó cego”. Eles (comerciantes) tinham um negócio de ir lá na assistência social.

P: Os comerciantes?

C: Sim, o pessoal vendia as coisas, e ligava (na CESP) para falar que fulano estava devendo.

P: A empresa chamava a atenção do funcionário?

C: Chamava, ela era tipo responsável pelos seus empregados.

P: Ela (CESP) interferia na vida pessoal dos funcionários?

C: Ela não dizia assim: você tem que comprar! Ela não dosava seu salário, mas você sabia que não podia ficar “sujo na praça” sabe?

P: É como se fosse uma regra?

C: Olha, eu não consigo entender bem se era como uma regra, naquela época o pessoal procurava andar mais na linha.

P: As pessoas não se preocupavam com o SERASA, SPC, e sim com as reclamações na assistência social?

C: Ninguém falava nisso, estavam preocupadas com a CESP, em ser bom empregado.

P: Essa preocupação era por medo de ser demitido?

⁴⁴ “C.” de 61 anos de idade, mudou-se para a cidade em 1982, funcionária contratada diretamente pela CESP, nível 2, transferida da usina de Água Vermelha no Estado de São Paulo para Primavera.

C: Era, de ser demitido, de perseguição no trabalho (MORADORA HÁ 30 ANOS).

O medo de perseguição no trabalho era uma condicionante na autodisciplina. As formas de controle aconteciam por meio do poder conferido a categorias que pertenciam ao grupo de nível alto por concentrarem chefes de divisão. A manutenção do poder ocorria com o auxílio de membros dos níveis baixos, que se utilizavam da fofoca para delatar seus colegas de trabalho em troca de uma promoção.

A ascensão social ocorria por meio da promoção de categoria e a elevação de nível implicava a troca de casa. As pessoas faziam-se valer das regras para que de alguma forma pudessem se beneficiar, por exemplo, questões como o conflito entre vizinhos possibilitava mudar de residência sem a promoção de nível, então um desentendimento poderia acarretar uma transferência do local de moradia,

Várias formas de burlar a hierarquia da distribuição de habitações foram utilizadas por algumas pessoas que queriam mudar-se de localização, ou de modelo de casa, como a fofoca e a delação. A entrevistada “C.” explica como se dava o intercâmbio de informações, como eram propagadas e de que forma isso interferia na vida pessoal dos habitantes:

C: O centro telefônico era lá embaixo com as telefonistas que você ia lá telefonar e escutava e ficava sabendo da vida de todo mundo (risos). Rolava muita fofoca também porque aqui tinha os “chifrudos” né (risos).

P: Elas (telefonistas) tinham como saber o que as pessoas conversavam e repassavam?

C: Tinham e outra coisa os guardas ficavam de olho, tudo eles ficavam sabendo.

P: E as conversas nas casas com as paredes geminadas?

C: Nossa menina parece que aquelas paredes era pior, escutava tudo, até a intimidade das pessoas. Menina, mas a assistente social trabalhava aqui heim?! Em noventa e pouco, quando eu fazia estágio ainda tinha alguns casos, mas antes era terrível. Essa casa com a janela uma de frente para a outra, a mulher trocando de roupa e o vizinho olhando, ai ela já queria aprontar a barraco! Naquele tempo não ia na polícia, ia na assistente social, no setor de vila. Chamava esse empregado que estava olhando, o marido da mulher, e era um tal de relatório. Tinha que fazer relatório e tudo era a assistente que fazia. E as visitas, visitava as casas porque o outro brigou porque o gato subiu no telhado, a outro jogou a água e escorreu no quintal dela.

P: Visita, como assim?

C: Quando havia conflito entre vizinhos, tinha reclamação, por exemplo, você falava a Catarina tem uma água que escorre para o meu quintal, aí ia lá

para ver o que estava acontecendo. Aí vinha aqui no hospital reclamar que o forro da casa era de lã de vidro e estava dando alergia nas crianças. Você tinha que ir lá na casa fazer visita, peguei essa época ali no hospital, aí vinha para a gente fazer relatório, o médico dava um pedido para a pessoa trocar de casa. Muitos forçavam a barra.

P: Para conseguir mudar para outra casa?

C: Teve gente aqui que morou em tudo que é casa, não sei como conseguiu, mas mudava. Às vezes brigava, e para não ver coisa pior trocavam as pessoas de casa. A assistente social no começo disso daqui trabalho fia! Era briga de casal...

P: Até isso?

C: Até isso. Brigava, sabe porque, às vezes a mulher estava com problema porque o marido estava bebendo muito aí ia à psicóloga e assistente social. Outra porque o marido estava indo muito para a “zona”.

P: Interferiam?

C: Interferia, chamavam a atenção, chamavam lá na sala.

P: E se a mulher separasse saía da casa porque o empregado era o homem, ele perdia o direito a casa?

C: Perdia, porque sozinho não ficava não, ia para o alojamento. Depois de um tempo foi afrouxando, liberando, mas antes não fica sozinho não, ia para república, tinha muita república. No alojamento ficava o pessoal da Camargo, o pessoal que era CESP tinha umas repúblicas, por exemplo, as casas se transformavam em república.

P: Não ficavam no alojamento porque eram da CESP?

C: Acho que é bem por aí, você não ouvia falar que Cespiano ficava lá. Ficavam em república porque também não eram muitos, mas os outros ficavam lá no alojamento (MORADORA HÁ 30 ANOS).

A entrevistada confirma o que já fora discutido sobre a distribuição das edificações. Em seu relato, ela menciona que os funcionários solteiros contratados diretamente pela CESP, chamados Cespianos, não ficavam no alojamento como os demais funcionários solteiros, era uma regra para o alojamento de funcionários, ou seja, mais diferença entre os habitantes/funcionários. No próximo capítulo inicia-se a discussão sobre a segregação e se mantém os relatos dos entrevistados como evidência empírica.

4.7- Considerações sobre o conceito de Segregação

Pensar a cidade e seus agentes, com suas práticas e representações é a forma encontrada para entender o impacto que ambos causam um ao outro, a cidade sobre seus agentes e os agentes sobre a cidade. Falar em agentes impõe a consideração de uma pluralidade de sujeitos (FRÚGOLI *et al*, 2006 p. 09).

A investigação dos processos contemporâneos de segregação e de distinção (social, política e simbólica) resulta na análise de espaços exclusivos (FRÚGOLI *et al*, 2006 p. 11). Entende-se a segregação por três aspectos (ora simultâneos, ora sucessivos): o espontâneo, que é proveniente das rendas; o voluntário, que estabelece espaços separados; e o programado sob o pretexto de arrumação.

“Segundo Preteceille (1994), é muito esquemático reduzir a questão da segregação à oposição binária ricos-pobres, mesmo que os sinais físicos e estéticos dos contrastes sociais estejam cada vez mais exacerbados” (LAGO, 2000 p. 23). A segregação neste estudo de caso não é entendida sob o ponto de vista dual, mas compreende-se que:

O termo segregação, de acordo com Caldeira (2000), é empregado num sentido mais geral, pela separação forçada e institucionalizada de pessoas, ou seja, de um tratamento desigual de grupos, seja por motivos religiosos, raciais, econômicos, sexuais, culturais, espaciais, etc. (DOURADO *et al*, 2003 p.02).

Na teoria popular, o termo segregação é discutido através das expressões: separação e divisão. Durante as entrevistas essas palavras foram mencionadas inúmeras vezes. O resultado do trabalho de campo desta pesquisa conclui que houve uma segregação socioespacial na cidade de Primavera em consequência do projeto urbanístico desenvolvido pela Companhia Energética de São Paulo – CESP. Essa segregação ocorre em função da separação dos habitantes dentro da cidade, dividindo-os, de acordo com sua categoria ocupacional, em agrupamentos específicos para sua qualificação profissional.

O entrevistado “W.”, de 58 anos de idade, mudou-se em 1982 para a cidade de Primavera, funcionário contratado diretamente pela CESP, acompanhou o processo de construção das edificações de perto, incluindo as áreas de lazer, que ele descreve como um espaço segregado, utilizando-se da palavra segregação na sua descrição. Em uma primeira entrevista, realizada informalmente, “W.” utiliza a palavra segregação no

momento em que descreve o padrão de organização da CESP, ao tentar explicar a importância de manter uma hierarquia funcional no quadro de funcionários por ser ela necessária para, segundo ele, “não misturar todo esse pessoal numa mesma panela, era necessário manter uma segregação”(MORADOR HÁ 32 ANOS). Durante a entrevista formal retorno a questão sobre segregação:

P: Você comentou sobre segregação na primeira entrevista.

W: A segregação não era em função de casa, a segregação que eu comentei daquela outra vez que a gente conversou, foi em termo do clube. Um clube abrangia o nos níveis 1,2,3 e 4, e outro para 5 e 6. Isso acontecia em Ilha Solteira também. Um clube não dava conta de atender, para atender todo mundo, então foi feito o REC, uma coisa melhor um pouquinho para o nível 5 e 6, na época ele tinha uns trezentos associados. O AAPP chegou a ter 2.500 associados. Às vezes, a gente ia ao AAPP, por algum motivo, a trabalho, qualquer outra razão, e você encontrava trezentas pessoas na piscina. Podia ter feito dois clubes para atender a população sem distinção nenhuma, um clube era pouco, teria que fazer dois clubes. Então o que a CESP pensou na época: vamos fazer um clube um pouquinho melhor para atender uma parcela de nível superior, nível técnico e foi o que foi feito. Isso é segregar porque você está separando sua esposa de um convívio com uma família mais simples (MORADOR HÁ 32 ANOS).

Nota-se nas falas do entrevistado a concordância com o caráter segregador como uma forma de manter a organização e a segurança, era importante no cuidado com as mulheres e preservação de seu modo de vida em relação ao modo de membros do outro grupo. A disjunção da organização no canteiro de obras não é possível, torna-se difícil explicar o convívio entre os habitantes sem esbarrar na junção desses universos. “Segregação significa separação, ou homogeneidade interna e heterogeneidade externa na distribuição dos grupos no espaço” (MARQUES, 2005 p. 34) não há possibilidade dos sujeitos conviverem com a segregação sem tornarem-se segregados.

Os demais entrevistados utilizam a palavra separação, ou divisão. A segregação estava em todos os segmentos inclusive na educação como descreve “F.” de 53 anos de idade, mudou-se no ano de 1992, nível 4, educadora, casada com funcionário contratado diretamente pela CESP.

P: As cinco escolas eram para nível fundamental e médio, os professores, seus colegas, faziam diferença entre os alunos?

F: Ah, eu acho que sim, eu não tinha medo de dizer aqui não tem cor, credo, posição social, raça, sobrenome, aqui tem o aluno. Tinham outras pessoas, que às vezes tinham receio, ou medo, do esposo ser mandado embora proveniente de uma desavença em sala de aula com aluno. Isso era possível. Era uma divisão, que hoje graças a Deus está aí em um por cento apenas (MORADORA HÁ 20 ANOS).

No canteiro de obras, a organização era sentida com desconforto como descreve “Y.”, primeiro funcionário a mudar-se para Primavera – SP.

P: Como era no local de trabalho essa coisa de divisão de níveis, como o senhor se sentia?

Y: Eu tentava falar com as pessoas, mas eles nem davam atenção, diziam é só pedir classificação, classificação...

P: Desde aquela época o senhor já sentia se mal com essa história?

Y: Já sentia, chateado, mal, *vixe!* Foi difícil para aguenta, eu aposentei por causa disso daí, vi que isso não estava dando futuro não, eu carreguei muita gente nas costas, carreguei caras aí que num foi brincadeira. Depois disso daí ela (CESP) falou: vocês vão aposentar ou a empresa vai mandar embora, eu falei vamos, eu estou com 20 anos de empresa, a hora que quiser mandar embora eu estou a disponível (MORADOR HÁ 32 ANOS).

A classificação de níveis era considerada um plano de carreira, mas na prática não ocorria para todos. Por esse motivo, a companhia respondeu a vários processos trabalhistas.

P: Então o senhor chegou aqui como pedreiro?

Y: Como pedreiro é como fiquei na empresa.

P: Nível 2, quando o senhor passou a mestre de obras passou a ser nível 3?

Y: Passei a nível 3.

P: E quando o senhor virou encarregado?

Y: Aí que é problema que nós brigávamos muito, não foi só eu não, o José também, porque eles prometiam classificação, mas não davam, então foi passando, aquele negócio! Mas ali era tipo panelinha... Para uns... Os caras não entendiam metade do que entendia e veio classificação, para outros... (expressão de descontentamento) (MORADOR HÁ 32 ANOS).

A promoção sofria a influência das relações pessoais, ela não se estendia a todos de acordo com a justificativa de plano de carreira.

P: Você chegou a ver alguém ser promovido?

F: Os “puxa saco” sim. O meu marido é Cespiano, mas não conversamos a respeito de trabalho, ele não fala nada do que acontece lá em cima. É difícil eu mencionar com certeza absoluta porque não veio de alguém que tenha total e plena confiança, porém você conversando com as pessoas em volta você pensa como? Você? Você sabia que não tinha competência para fazer aquilo e estava na função (MORADORA HÁ 20 ANOS).

Os entrevistados apresentam representações sobre a segregação entre os moradores, injustiças contra os trabalhadores, diferenças entre os níveis mais baixos da empresa e um tratamento profissional que não está pautado apenas em elementos profissionais, mas presente nas relações de amizade, entre vizinhos, de consumidor, no atendimento público e nos espaços de lazer. Consequentemente as pessoas apresentam formas de resistência a essa segregação, alguns burlando regras em benefício próprio, outros se negando a ver determinadas situações sobre o ponto de vista da classificação, não atribuindo importância à relação de status nem temendo a força que ela representava na Companhia energética de São Paulo.

As evidências empíricas construídas com o trabalho de campo, somadas à análise dos documentos produzidos pela CESP para descrever suas atividades na construção da usina hidrelétrica e da cidade resultaram na confirmação da hipótese levantada no início deste estudo: existe uma segregação socioespacial fruto do planejamento urbanístico desenvolvido pelo corpo técnico da CESP, isso afetou a vida dos moradores que foram influenciados pelas regras administrativas da companhia. Com a confirmação da hipótese demonstrada e comprovada numa discussão sobre as representações sociais e sobre o conceito de segregação socioespacial, o trabalho segue para a sua conclusão por meio de considerações finais sobre o objeto de estudo, de sua composição e sobre os resultados alcançados.

CAPÍTULO 5

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De que nos vale toda essa descrição? Talvez não a única coisa, mas uma coisa muito importante, é que ela nos ajuda a evitar o pensamento convencional. Um obstáculo significativo para a descrição e a análise adequadas de fenômenos sociais é que pensamos já conhecer a maior parte das respostas.

Howard S. Becker

Acredita-se que ao finalizar este trabalho os objetivos foram alcançados, ou seja, as representações sociais dos habitantes/trabalhadores da usina hidrelétrica Engenheiro Sergio Motta foram estudadas com o objetivo de revelar a segregação sócioespacial fruto do projeto urbanístico desenvolvido pela Companhia Energética de São Paulo - CESP. Optou-se por esse tema por considerá-lo fundamental na investigação da realidade social vivenciada no período em que a cidade de Primavera foi administrada pela CESP.

Trabalhando com a hipótese de que a organização espacial realizada pelo corpo técnico responsável pelo projeto urbanístico do núcleo residencial de Primavera interferiu nas relações sociais, a investigação teve como ponto de partida a descrição do espaço geográfico, na sequência a descrição da organização do canteiro de obras para entender o significado da terminologia níveis e o que ela representou no meio social.

Com uma descrição física da cidade apresentada ao leitor para fazê-lo entender a composição do espaço foi possível perceber que a diferença de tratamento entre os funcionários esta comprovada e demarcada por meio da distribuição das habitações que são de diversos modelos, mais precisamente dezoito, sendo um coletivo e dezessete individuais. O modelo coletivo recebeu a nomeação de “alojamento”, destinado à categoria profissional de nível 1, as demais categorias teriam direito a residências

individuais, ou seja, para o trabalhador e sua família. O direito a residências individuais, que não ocorreu para o nível 1, é a primeira forma de tratamento diferenciado.

A segunda forma estava presente na distribuição dessas habitações e nos modelos desenhados para cada categoria e de acordo com empresa pela qual foi contratado, pois a CESP terceirizou parte de suas atividades. Sendo assim, o funcionário contratado por outras empresas era um funcionário indireto da companhia. Como as fotos puderam demonstrar algumas casas destinadas a mesma categoria têm formas diferentes e são apresentadas pelo modelo e pelo nome da empresa que a construiu.

As áreas de lazer configuravam a terceira forma de tratamento diferenciado, existem dois clubes que foram construídos como opção de lazer para os trabalhadores e suas famílias. A classificação de níveis era o critério para associação. O primeiro clube construído, Associação Atlética de Porto Primavera (A.A.P.P.), permitia a associação de todos os níveis, já o segundo, Rosana Esporte Clube (R.E.C.), era reservado aos níveis ocupacionais 6 e 5.

As diferenças de tratamento são evidentes, mas o significado para aqueles que a vivenciaram foram reconhecidos na pesquisa através do trabalho de campo que trouxe relatos de sentimentos desenvolvidos pelos entrevistados. Discriminação, humilhação, estranheza e irritação são alguns dos sentimentos apresentados pelos moradores quando indagados sobre as diferenças de tratamento para os níveis ocupacionais em Primavera. Dentro do canteiro de obras o sentimento é de revolta por parte de alguns que não tiveram seu trabalho reconhecido de acordo com os critérios utilizados pela companhia para classificá-los, mas há aqueles que concordavam com a divisão entre trabalhadores e moradores.

A justificativa da companhia para essa classificação de níveis seria desenvolver um plano de carreira em que o funcionário seria promovido por mérito profissional, ou seja, pelo seu bom desenvolvimento nas atividades ele subiria na escala de classificação e conseqüentemente receberia as vantagens auferidas para a sua nova categoria. Na prática não foi o que ocorreu, gerando revolta em alguns trabalhadores com relação a esse fato, porém a maior parte dos homens entrevistados concorda com a classificação dos trabalhadores no canteiro de obras e das residências devido ao tamanho do empreendimento. Discordam e revoltam-se com o tratamento diferenciado, não se importavam de pertence a um nível de classificação, mas da desigualdade gerada no

tratamento diferenciado onde não se reconhece o mérito do trabalho desenvolvido e sim a influências das relações pessoais que passam por cima do plano de carreiras embasado na classificação de níveis de categorias profissionais.

Outros relatos apresentam a concordância com a divisão de categorias dentro do canteiro de obras, mas discordam da presença na organização cidade. Todos são favoráveis a essa organização no local de trabalho, mesmo aqueles que concordam que ela era necessária para a administração do núcleo urbano, descrevem os mesmos sentimentos em relação à divisão social, concordando ou discordando com ela, sentiram o mesmo peso na diferença de tratamento.

Os sentimentos giram em torno das relações entre vizinhos, no atendimento na iniciativa privada e nas instituições públicas como na área de saúde e até mesmo nas escolas, que não se apropriavam da classificação de níveis ocupacionais como garantia da matrícula de alunos, mas desenvolviam o discurso da divisão na comunicação entre pais e professores e entre alunos. A divisão entre os níveis foi marcante na vida dos moradores de Primavera, ela esteve presente nas relações que estabeleciam uns com os outros, era impossível o distanciamento das relações de trabalho no meio social.

O fato de pessoas que trabalhavam no mesmo setor manterem um contato constante no meio social impossibilitava a mudança de rotina, o mundo do trabalho era uma constante em suas vidas, elas acabavam sempre esbarrando nos diálogos em questões vivenciadas no seu ambiente de trabalho. Primavera era um núcleo fechado, cercado por relações de trabalho, as regras do canteiro de obras predominavam sobre o social.

Como a condição necessária para viver em Primavera era pertencer ao quadro de funcionários da CESP, aquele que se descontentava com as regras elaboradas por ela para administração do núcleo urbano tinha como única opção para permanecer na cidade construir sua própria casa. A opção de trabalho nesse contexto, além da usina hidrelétrica, era a iniciativa privada, ou seja, tornar-se um comerciante. Para isso era preciso ter um capital para a construção de sua própria residência e de seu estabelecimento, não havia outra forma de garantir a subsistência nesse espaço a não ser pela usina ou pela iniciativa privada.

Dessa forma, o trabalhador que necessitava do emprego para sobreviver não tinha alternativa a não ser aceitar as regras da companhia. Tratando-se do período de 1980, a década perdida caracterizada pela recessão, precarização do trabalho, pobreza e concentração de renda (LAGÔ, 2000), garantir um emprego numa empresa que oferecia moradia, luz elétrica, abastecimento de água e manutenção das residências sem custos era um atrativo determinante para o consentimento por parte dos funcionários, mesmo que tudo acontecendo de forma diferenciada, alguns com mais privilégios que outros, todos tinham assistência por parte da companhia.

O trabalhador, ao comparar sua realidade em Primavera com a de outras pessoas com a mesma profissão em outras cidades, percebia que estava em vantagem aos demais, pois a assistência que a companhia oferecia era proveitosa financeiramente mesmo com a divisão de categorias profissionais, não pagavam aluguel, água, luz elétrica, IPTU, e mesmo os reparos necessários nas casas eram custeados pela companhia. As despesas das famílias dos funcionários da usina eram menores que a de outros profissionais, isso dava ao trabalhador uma possibilidade maior de acumular renda, o salário estava livre do pagamento de impostos e tributos.

Dessa forma, porque questionar as regras da companhia? A diferença de tratamento era destinada aos últimos níveis da hierarquia funcional que são membros representantes da classe baixa, que hoje classificamos como classe “C”. A opção para quem não estava a favor era abandonar uma realidade de dimensão micro para uma macrossocial, isso consistia num aumento de despesas a custear. O conforto econômico garantia o interesse em permanecer no emprego e na cidade, por outro lado, o cronograma com prazo determinado para a conclusão da construção da usina deixava a certeza que uma hora iriam se desligar dessa situação, a divisão de níveis ficaria para trás.

Pensar no fim da divisão de níveis era um dos motivos para os moradores suportarem a realidade social. Os funcionários estavam cientes que as obras terminariam, para alguns havia possibilidade de transferência para outro núcleo, e os demais seriam desligados. Para aqueles que seriam dispensados no término da construção, havia um interesse em seguir barragens, ou seja, procurar emprego em uma nova obra de geração de energia mesmo sabendo da existência da divisão de níveis ainda era interessante pelas vantagens financeiras auferidas.

Nem todos seguiam as regras como autodisciplina, alguns usavam meios para burlar a diferença de tratamento e se movimentar na hierarquia social. Nem todos os funcionários esperavam a promoção de nível para mudar-se de habitação, buscavam de acordo com as regras meios para o deslocamento. Nos critérios estabelecidos pela própria companhia, alguns moradores conseguiam a troca de residências, inclusive de modelos, a preservação da saúde era uma dessas formas, a alergia ao material utilizado em algumas edificações era usada como motivo para a retirada de alguns habitantes.

Os empregados utilizavam dos próprios critérios da companhia para alcançar o objetivo desejado sem ter que esperar pela manifestação da mesma, eles não contrariavam as regras, mas se valiam das mesmas para mudar sua condição dentro da cidade e da empresa. Para a mudança de nível sem reconhecimento da companhia, os funcionários faziam-se valer da posição de status, aqueles que não pertenciam ao grupo privilegiado, níveis 6 e 5, e não tinham força para influenciar decisões usavam as relações com esse grupo para alcançar um fim desejado.

Os artifícios utilizados por quem pertencia ao grupo de privilegiados era utilizar o prestígio que o seu status lhe conferia, já os membros do grupo desprestigiado usavam do contato com o outro grupo para isso. A fofoca, a delação, a bajulação por parte dos empregados descrita pelos entrevistados como “puxa sacos” garantiam a alguns trabalhadores a promoção e manutenção do emprego e outro tipo de tratamento pelos dirigentes. O poder que os membros dos níveis 6 e 5 tinham era transferido a seus familiares e manifestado dentro da cidade nas relações cotidianas.

As mulheres, esposas, eram temidas pelos trabalhadores subalternos, qualquer reclamação feita ao esposo, membro do grupo privilegiado, seria facilmente repassado a diretoria e poderia acarretar uma demissão. Dessa forma, os trabalhadores perceberam que através dos membros do grupo formado pelos níveis 6 e 5 as informações chegam com maior facilidade à diretoria, pois os membros desse grupo compõe a diretoria e a gerência. Esse foi o caminho encontrado por alguns trabalhadores para alcançar o objetivo desejado sem contrariar a empresa e conseguir uma promoção sem ter que esperar a manifestação da companhia, o que poderia nunca ocorrer, o que aconteceu.

Alguns entrevistados declararam o sentimento de mágoa em relação à companhia pelo não reconhecimento de seu trabalho. Nos critérios da CESP para promoção, os funcionários teriam direito a ela, mas não foram contemplados. É evidente

que a influência pessoal fez parte dos arranjos criados na companhia para a contratação, transferência e promoção de categorias, algumas pessoas foram protegidas e, com isso, algumas foram prejudicadas, o que acarretou processos trabalhistas à empresa.

Havia um conflito velado entre os grupos, que ocorria de forma silenciosa, mas que se manifestava através da resistência do grupo desprivilegiado - disfarçada como consentimento, mas usava-se de subterfúgios para o desvio das regras com o objetivo de alcançar determinados fins sem esperar a iniciativa da companhia. A manutenção da ordem ocorria pelo grupo privilegiado e também por parte do grupo desprivilegiado, através da fidelidade à companhia e cumprimento disciplinado às regras. O grupo desprivilegiado era maioria na empresa e na cidade, mas minoria no poder de manifestação e influência no sistema criado para a manutenção do espaço urbano. A divisão proporcionava a distribuição de poder por meio da atribuição de status, o que favorece o grupo privilegiado e diminui a autonomia do outro grupo, os desprivilegiados.

Mesmo aqueles que concordavam com a divisão entre os funcionários descrevem o sentimento que ela provocava nas pessoas: angústia, frustração, revolta, mágoa. Alguns documentos produzidos pela CESP descrevem a possibilidade do desenvolvimento desse tipo de sentimento fundamentada em experiências anteriores. A palavra segregação foi citada durante as entrevistas, porém, acredita-se que é uma divisão específica das áreas de lazer, que não alcançaria o meio social.

A história dessa cidade é recente, existe há 32 anos por isso permanecem vivas na memória dos seus atuais habitantes. Os diálogos sobre a sua formação iniciam-se pela separação entre as pessoas que existiam durante a administração CESP por conta da divisão entre as categorias ocupacionais na hierarquia funcional desenvolvida pela mesma. Essa separação tornou-se marcante na vida das pessoas que passaram por ela, os relatos do trabalho de campo descrevem traços de uma segregação planejada sobre o pretexto de arrumação e plano (LEFEBEVRE, 2001).

Com os dados que foram encontrados em campo, percebe-se a necessidade de um estudo a respeito do conceito de segregação socioespacial que pode acontecer em outro momento, em uma pesquisa de doutorado. Nesta pesquisa, o objetivo era trazer à luz os relatos dos entrevistados a respeito da organização espacial realizada pelo corpo técnico da Companhia Energética de São Paulo para entender se a mesma teve

influencia nas relações sociais, quais foram essas influências e como foram sentidas por seus habitantes.

Por ora essa pesquisa nos fornece dados a respeito da organização espacial de Primavera e as representações de seus moradores sobre ela. O resultado obtido oferece material para continuidade na investigação desse campo, mas até o momento o estudo nos permite entender como surgiu, como foi planejada e construída a cidade de Primavera, além disso, nos permite observar qual a interpretação dos seus habitantes/trabalhadores a respeito do espaço que ajudaram a construir.

A contribuição deste estudo está na compreensão de uma organização social específica, que deixa traços marcantes na vida daqueles que a presenciaram e nos fornece material como ponto de partida para uma investigação mais complexa, que possa se aprofundar nas questões encontradas no discurso dos moradores. A diferença de tratamento que a companhia oferecia aos seus funcionários, transferidas para o meio social, permitiu que algumas pessoas tivessem uma autonomia maior em suas manifestações pessoais e no deslocamento em detrimento de outras.

Esta investigação é o ponto de partida para questões de interesse das Ciências Sociais, sua relevância está na comprovação da existência de um universo com uma forma de organização social específica ainda não estudado. A partir daqui, tem-se a constituição de dados empíricos como base para o estudo de vilas de operadores que surgem como apoio a construção de usinas hidrelétricas.

BIBLIOGRAFIA

- ARAUJO, Marivânia Conceição de. *O Bairro Santa Felicidade por ele mesmo. Espaço urbano e forma de representações sociais em Maringá, Paraná*. Universidade Julio de Mesquita Filho. 2004, 290 fls. Tese de Doutorado em Sociologia.
- BECKER, Howard S. Segredos e truques da pesquisa. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- BOSI, Eclea. *Memória e Sociedade – lembranças de velhos*. 3º Ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- BOTT, Elizabeth. Família e rede social. 2º Ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S. A., 1976.
- CAMARGO, Apásia. O uso da história oral e da história de vida: trabalhando com elites políticas. *Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, Vol. 27, nº1, 1984, p. 5 a 28.
- CARVALHO, José M. de. *Cidadania no Brasil: O longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- CESP. Cidade Porto Primavera. Plano diretor de estudo de Viabilização. Estudo preliminar. São Paulo: CESP, [s.d.].
- CORRÊA, Roberto Lobato. *O Espaço Urbano*. São Paulo: Ática, 2002.
- D'ALMEIDA, Carolina H. Do canteiro à cidade: ilha Solteira, um caso. I Encontro de Ciências Sociais e Barragens. Rio de Janeiro, 2005.
- DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Y. *O Planejamento da Pesquisa Qualitativa. Teorias e Abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- DEMO, Pedro. Metodologia Científica em ciências sociais. São Paulo: Atlas, 1989.
- DOURADO, Lidia C.; SILVA, Edima A.; HERNANDEZ, Fernando B. T.; VANZELA, Luiz S. *Ilha Solteira contraste de uma cidade planejada*. XII Encontro de Sul-Matogrossense de Geografia. Três Lagoas - MS, Setembro de 2003.

DOURADO, Lidia Aparecida Campos. *O espaço público e a territorialidade do lazer na estância turística de Ilha Solteira – SP*. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Programa de Pós Graduação Stricto Sensu em Geografia, Campus Aquidauana. 2007.

DUARTE, Rosália. *Pesquisa Qualitativa. Reflexões sobre o trabalho de campo*. Cadernos de pesquisa, São Paulo, nº 115, Março de 2002.

ELIAS, Nobert; SCOTSON John L. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. 24ªed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

ENGELS, Friedrich. *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*. Coleção grandes obras do pensamento universal - 2. 2ª Ed. São Paulo: Escala, 2008.

FRANCO, Maria Laura P. Barbosa. *Porque o conflito entre tendências metodológicas não é falso*. Caderno de pesquisa, São Paulo (66): 75-80, 1988.

FRÚGOLI JR, Heitor. *Sociabilidade Urbana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

FRÚGOLI JR, Heitor. *Segregação Espacial e Dinâmicas Culturais. A arena em torno do futuro plano diretor de São Bento do Sapucaí (SP): novos significados da relação entre cidade e campo*. In: FRÚGOLI JR, Heitor; ANDRADE, Luciana Teixeira de; PEIXOTO, Fernanda Arêas. *As cidades e seus agentes: práticas e representações*. Belo Horizonte: PUC Minas/ Edusp, 2006. Parte III, p. 277-304.

FRÚGOLI JR, Heitor; ANDRADE, Luciana Teixeira de; PEIXOTO, Fernanda Arêas (orgs). Apresentação. In: FRÚGOLI JR, Heitor; ANDRADE, Luciana Teixeira de; PEIXOTO, Fernanda Arêas. *As cidades e seus agentes: práticas e representações*. Belo Horizonte: PUC Minas/ Edusp, 2006. p.09-20.

FOUCAULT, Michel. *Segurança, Território, População*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Nascimento da Biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GASS, Sidnei Luis B. Planos diretores participativos na região fronteira noroeste do Rio Grande do Sul. *Participe*, Ijuí, ano 6, n. 10/11, p. 5-15, Jan./ Jun. 2006.

- HABERMAS, J. *Mudança estrutural da esfera pública*. In. : COSTA, S. Movimentos sociais, democratização e a construção de esferas públicas locais. *Revista brasileira de ciências sociais*, v.12, n.25, p. 121-131, outubro de 1997.
- HAGUETTE, Teresa Maria Frota. *Metodologias Qualitativas na Sociologia*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- HALLER, Archibal O. *Teoria empírica da estratificação social baseada no poder – uma visão geral*. In: PORTO, MARIA Stela Grossi; DWYER, Tom (orgs). *Sociologia em transformação – pesquisa social do século XIX*. Porto Alegre: Tomo, 2006, p.63-66.
- HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. *Minidicionário Houaiss de língua portuguesa*. 2º Ed. rev. E aum. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- HIDROBRASILEIRA S/A Engenharia e Consultoria Técnica. Cidade Porto Primavera. Relatório Preliminar. Plano diretor – 1º Etapa. São Paulo, [s.d.].
- IANNI, Octavio. *Teorias da Estratificação Social*. Leituras de sociologia. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973.
- LAGO, Luciana C. do. *Desigualdade e Segregação na Metrópole: O Rio de Janeiro em tempo de crise*. Rio de Janeiro, Revan: Fase Ed., 2000.
- LEFEBEVRE, Henry. *O Direito a Cidade*. 3º Ed. São Paulo: Centauro: 2011.
- LOURENÇO, Cesar Galha Bergstrom; CALDARA, José Carlos. Primavera, cidade nova. Relatório Técnico. São Paulo: CESP, 1989.
- LOPES, José Sérgio Leite. *A Tecelagem dos Conflitos de Classe na Cidade das Chaminés*. São Paulo: Marco Zero, 1988.
- _____. 623p. Introdução; Parte I: O "sistema paulista": a especificidade de uma forma de dominação do padrão de "fábrica" com vila operária; Parte II: A companhia: O governo local de Fato; Conclusão.
- MARQUES, Eduardo; TORRES, Haroldo (Orgs.) *São Paulo: Segregação, Pobreza e Desigualdades Sociais*. São Paulo: SENAC, 2005.
- MINAYO, Maria Cecília S. *O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica*. In: GUARECHI, Pedrinho A. e JOVCHELOVITCH, Sandra. *Textos em representações Sociais*. 13 Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 89-111.

- MOSCOVICI, Serge. *Representações Sociais: investigação em psicologia social*. 8º Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- NUNES, Brasilmar Ferreira. *Patrimônio e segregação em Brasília*. In: PORTO, MARIA Stela Grossi; DWYER, Tom (orgs). *Sociologia em transformação – pesquisa social do século XIX*. Porto Alegre: Tomo, 2006, p. 23-34.
- OLIVEIRA, Lucia Luppi. *Cidade e Cotidiano: uma reflexão sobre o rio de Janeiro*. In: PORTO, MARIA Stela Grossi; DWYER, Tom (orgs). *Sociologia em transformação – pesquisa social do século XIX*. Porto Alegre: Tomo, 2006, p.13-21.
- PASTA, Hélio. *Porque a CESP construiu cidades*. In. : Seminário CESP conta sua história. São Paulo. 1985. Anais, p. 240-253, São Paulo: CESP, 1987.
- _____ *Cidade Primavera: Notas sobre o projeto. Relatório Técnico*. São Paulo: CESP, 1985.
- RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar. Uma utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- REBOÇAS, Lidia M. *O planejado e o vivido: o reassentamento de famílias ribeirinhas no Pontal do Paranapanema*. São Paulo, Annablume: FAPESP Ed., 2000.
- RICHARDSON, Jarry R. *et al. Pesquisa Social: Métodos e Técnicas*. São Paulo: Atlas S.A, 1999.
- RODRIGUES, Ana Lúcia. *A ocupação urbana da região metropolitana de Maringá: uma história de segregação*. *Revista Paranaense de Desenvolvimento*, Curitiba, nº 108, p. 61-86, jan/jun. 2005.
- SANTOS, Vera L. do. *Projetos hidrelétricos de grande porte e efeitos sociais: o exemplo do topocídio provocado pela barragem de Porto Primavera*. Dissertação de Mestrado (Geografia). Rio Claro: UNESP, 1998.
- SGARBOZA, Bento Carlos; OLIVEIRA, Antonio C. Nunes; RODRIGUES, José Antonio. *Vilas temporárias e permanentes como estrutura para a construção de usinas hidrelétricas. A experiência CESP*. Relatório técnico Companhia Energética de São Paulo: Junho de 1996.
- SILVA, Nelson do Valle. *Posição Social das Ocupações*. [S.l]: IBGE, 1974(mimeo).

- SOUZA, Edevaldo A. *Reordenamento socioeconômico e cultural das famílias atingidas pela UHE Eng., Sergio Motta: reassentamentos Pedra Bonita e Santa Emília/Santana em Brasilândia – MS*. Dissertação de Mestrado (Geografia). Presidente Prudente: UNESP, 2005.
- SPERBER, Dan. Como representar as representações culturais? *In: O estudo Antropológico das Representações: problemas e perspectivas*. Cambridge: p. 93-103, 1985.
- SPINK, Mary Jane P. O conceito de representação social na abordagem psicossocial. *Cadernos de saúde pública*, Rio de Janeiro, 9 (3): 300 – 308, jul/set, 1993.
- TÔRRES, João Camilo de Oliveira. *Estratificação social no Brasil*. São Paulo: Difusão européia do Livro, 1965.
- TRIVIÑOS, Augusto NibaldoSilva. *Introdução a pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Atlas, 1987.
- TSUKUMO, Nina Maria J. (Org.) *Arquitetura na CESP*. São Paulo: CESP, 1994.
- VELHO, Gilberto. *A Utopia Urbana. Um estudo de antropologia Social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

APÊNDICE A



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS – MESTRADO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidá-lo (a) a participar da pesquisa intitulada: *Sociabilidade e organização social na cidade de Primavera - SP. Análise das representações sociais construídas pelos trabalhadores da Usina Sergio Motta*, que faz parte do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, e é orientada pela Professora Dra. Marivânia Conceição de Araújo, da Universidade Estadual de Maringá. O objetivo da pesquisa é analisar o processo construção da cidade de Primavera/SP, sob a perspectiva dos moradores e trabalhadores da Usina Hidrelétrica Engenheiro Sergio Motta. Para tanto, a sua participação é muito importante. Esta se dará por meio de uma entrevista, com a utilização de um gravador de voz, a fim de que possamos armazenar todos os dados da mesma.

Informamos que, de acordo com a sua disponibilidade, as entrevistas poderão ter uma longa duração ou até ser divididas em mais de uma etapa. Gostaríamos de esclarecer que sua participação é totalmente voluntária, podendo você: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento, sem que tal atitude acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Informamos, ainda, que toda a gravação de voz da entrevista será utilizada somente para os fins dessa pesquisa, ficando todos os direitos reservados ao uso restrito por parte dos pesquisadores citados abaixo. Informamos ainda que não citaremos os nomes verdadeiros dos entrevistados. Para as citações literais das narrativas gravadas utilizaremos nomes fictícios. Caso você tenha mais dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos, pode nos contatar por meio dos endereços abaixo, ou procurar o Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, cujo endereço consta nesse documento.

Eu,

Declaro que fui devidamente esclarecido e concordo em participar VOLUNTARIAMENTE da pesquisa coordenada pela Professora Marivânia Conceição de Araújo.

Data:

Assinatura ou impressão datiloscópica

Eu, pós-graduanda Regina Maria de Menezes, declaro que forneci todas as informações referentes ao projeto de pesquisa supra nominado.

Data:

Assinatura do pesquisador

Qualquer dúvida com relação à pesquisa poderá ser esclarecida com o pesquisador, conforme o endereço abaixo:

Prof. Dra. Marivânia Conceição de Araújo.
Endereço: Avenida Colombo, 5790. Campus Sede da UEM.
Bloco G 34 – Zona 07
CEP 87020-900. Maringá-PR Tel.: (44) 3011-8905
E-mail: marivaniaaraujo@yahoo.com.br

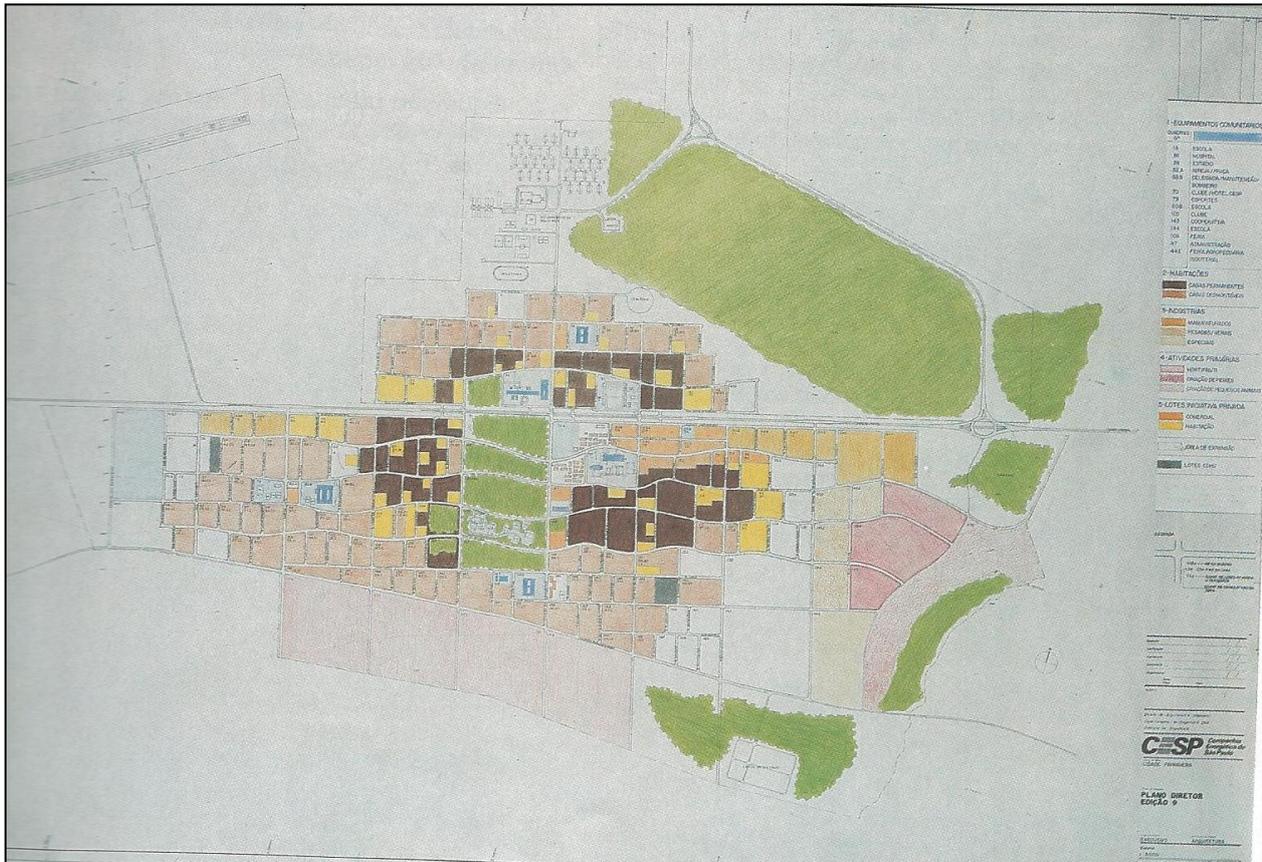
Regina Maria de Menezes
Rua Jaguarão, nº 55, quadra -21.
CEP 19274-000. Primavera – SP Tel.: (18) 3284-3885 ou (18) 8151-5145
E-mail: rgnet@gmail.com.br

Universidade Estadual de Maringá
Programa de pós-graduação em Ciências (PGC-UEM)
Av. Colombo, 5790. Campus Sede da UEM.
Bloco H-12 – Sala 01
CEP 87020-900. Maringá-Pr. Tel.: (44) 3011-8905
E-mail: sec-pgc@uem.br

ANEXO A – PLANTA BAIXA- CIDADE DE PRIMAVERA-SP

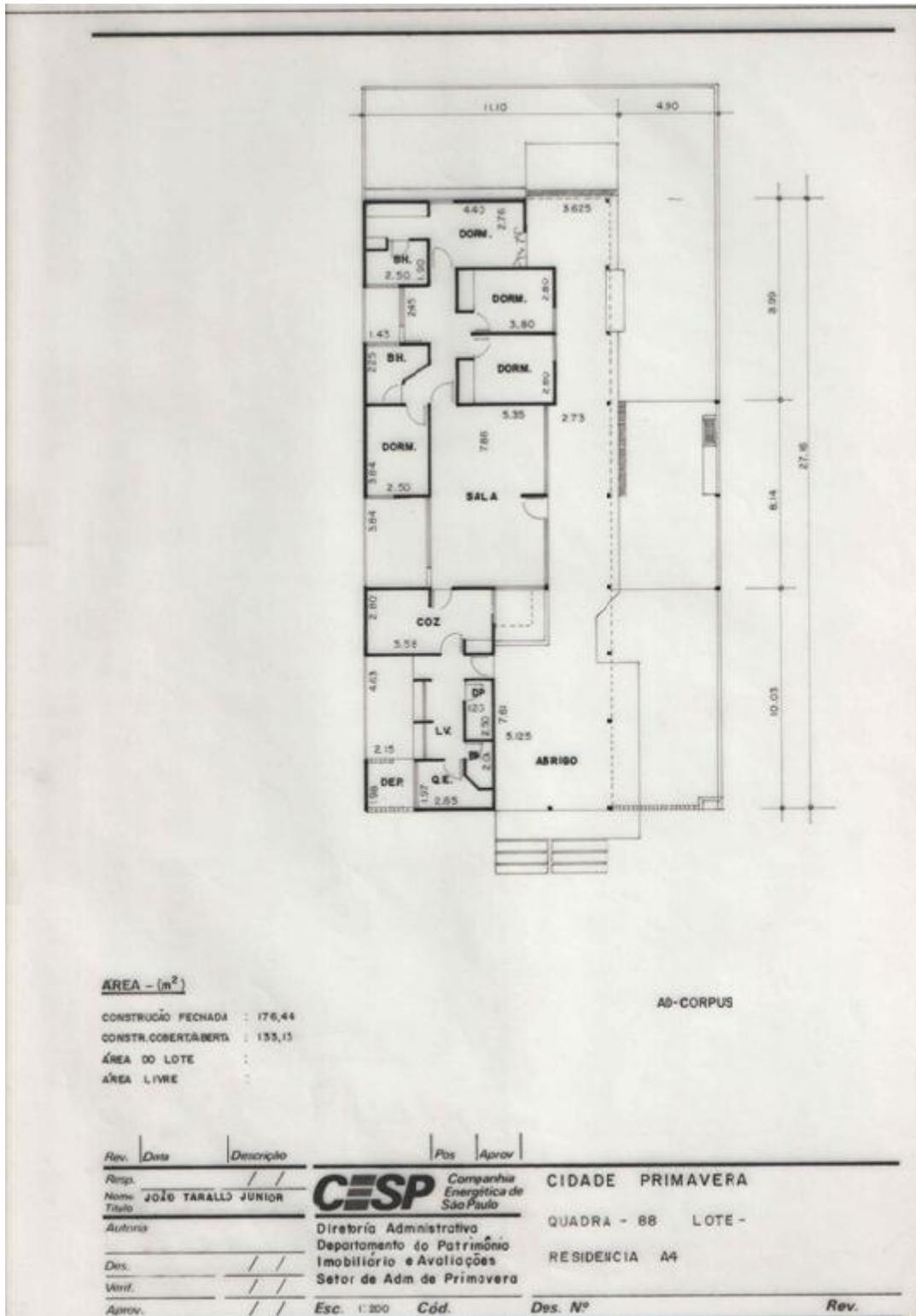
FONTE: Divisão de Obras e Engenharia/ Prefeitura Municipal de Rosana – SP.

ANEXO B - PLANO DIRETOR DESENVOLVIDO PELA COMPANHIA ENERGÉTICA DE SÃO PAULO – CESP



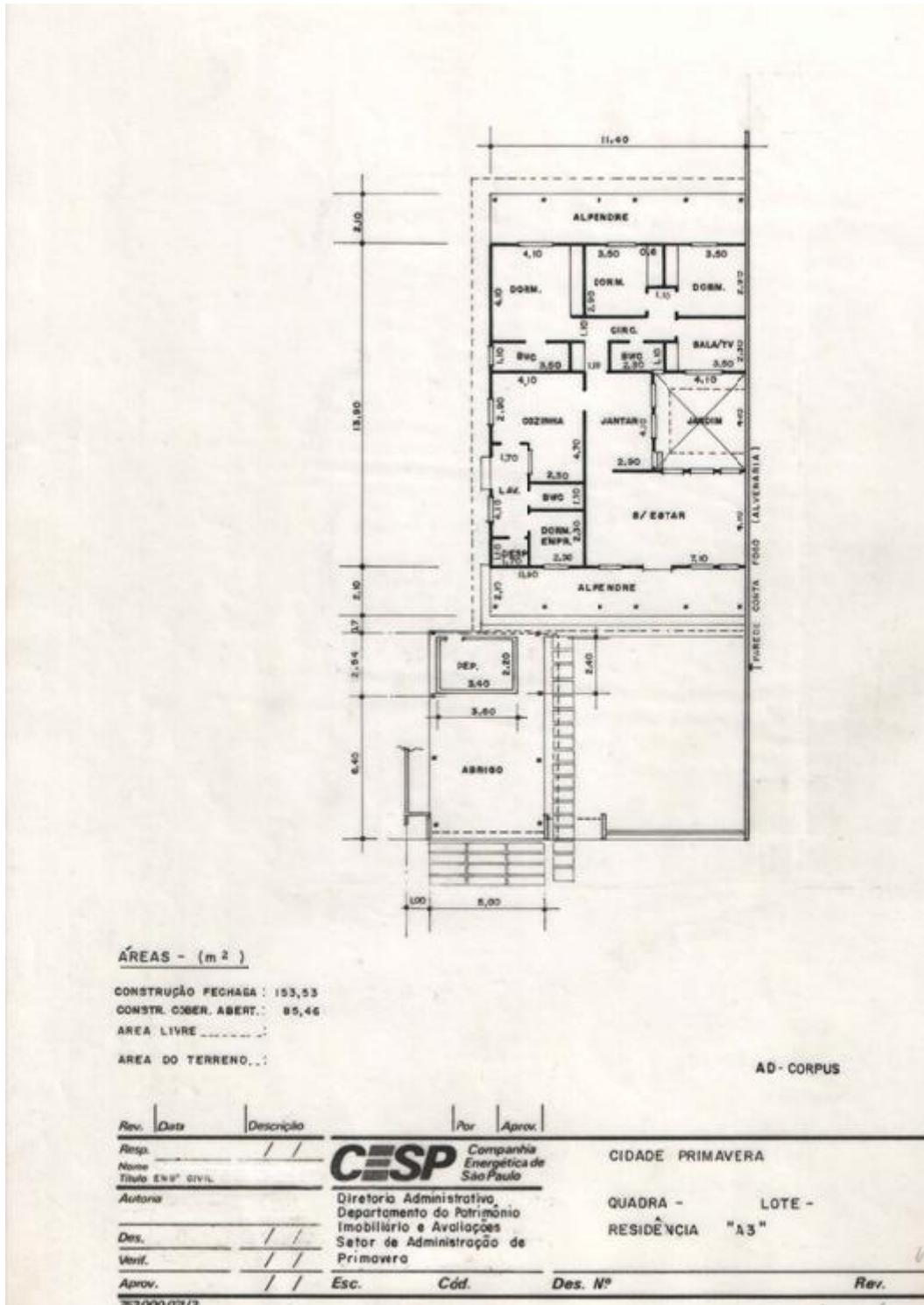
FONTE: TSUKUMO, Nina Maria J. (Org.) *Arquitetura na CESP*. São Paulo: CESP, 1994.

ANEXO C – PLANTA BAIXA – Modelo de residência A4 para nível profissional 06



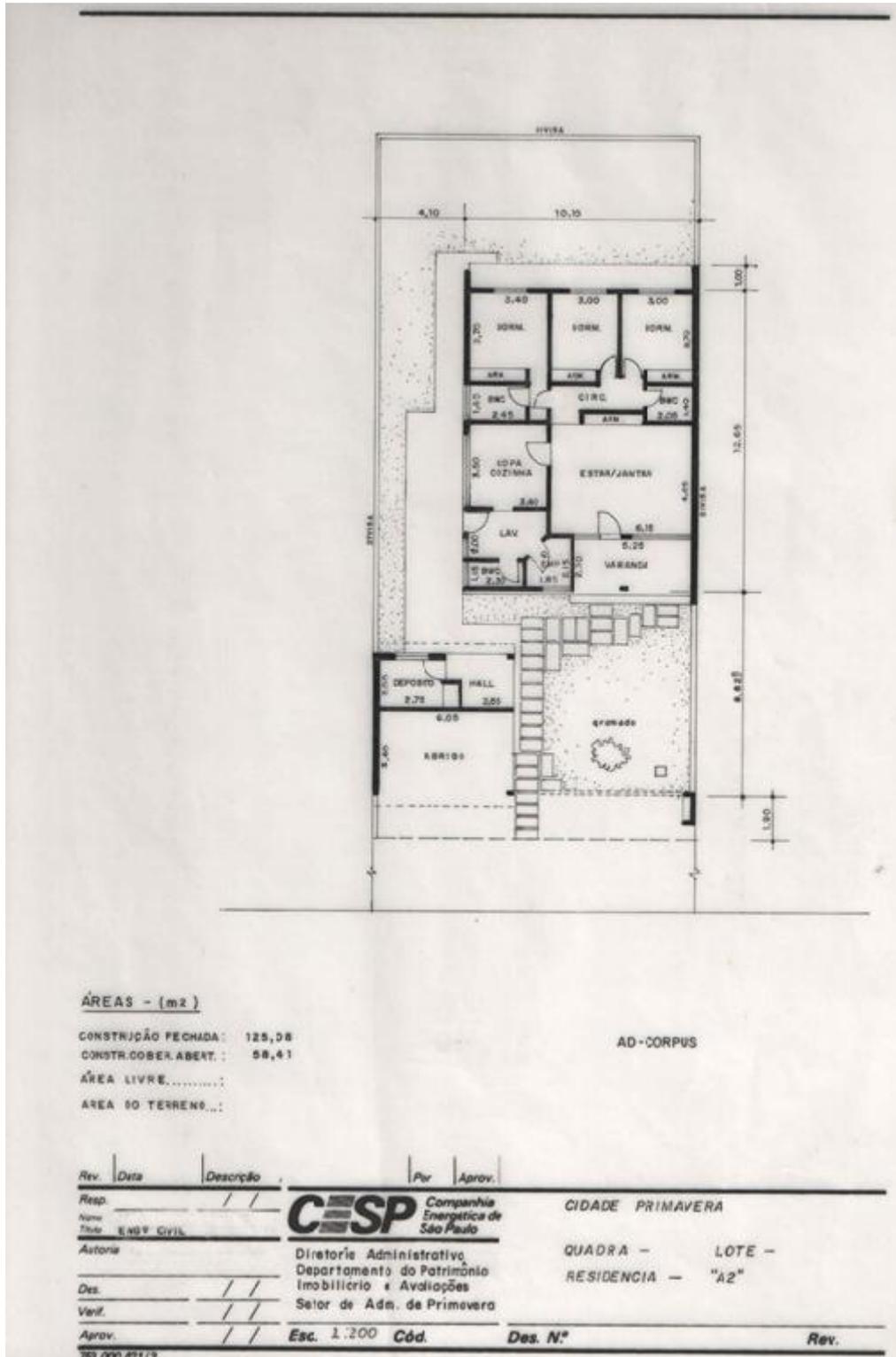
FONTE: Prefeitura Municipal de Rosana/SP – Setor de Obras e Engenharia.

ANEXO D – PLANTA BAIXA – Modelo de residência A3 para nível profissional 06



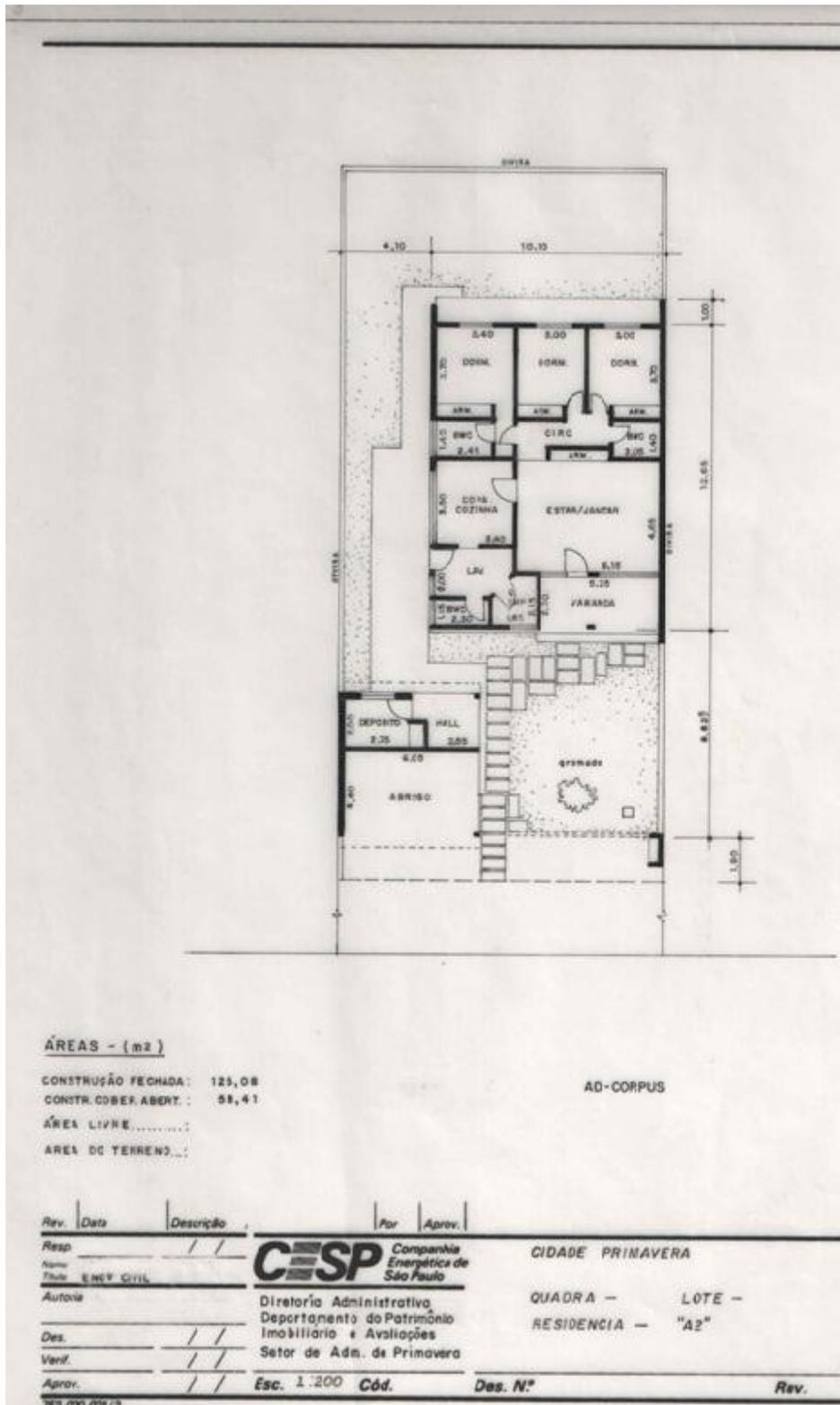
FONTE: Prefeitura Municipal de Rosana/SP – Setor de Obras e Engenharia.

ANEXO E – PLANTA BAIXA - Modelo de residência A2, construído antes de 1986, para nível profissional 05



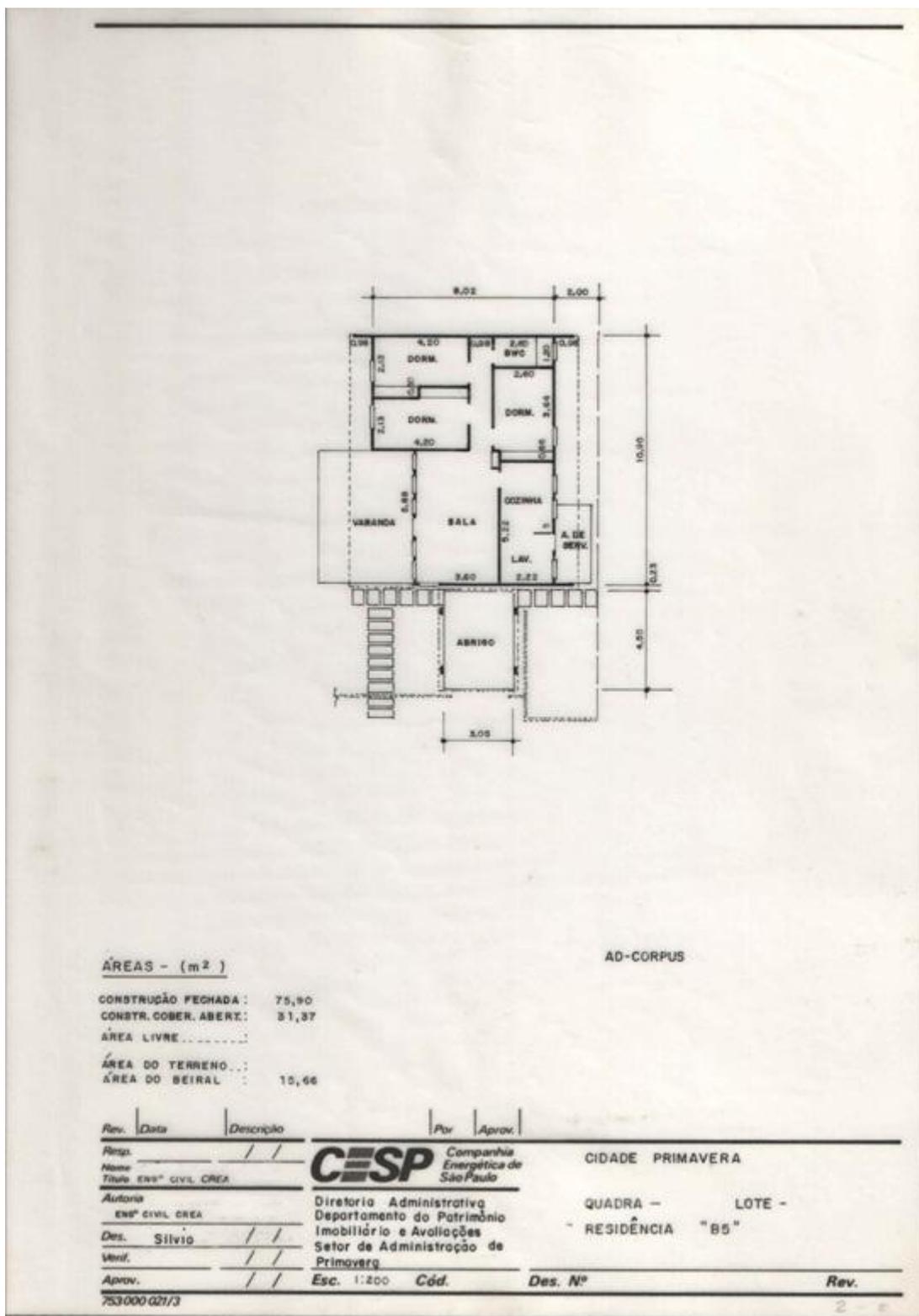
FONTE: Prefeitura Municipal de Rosana/SP – Setor de Obras e Engenharia.

ANEXO F – PLANTA BAIXA - Modelo de residência A2, construído depois de 1986, para nível profissional 05



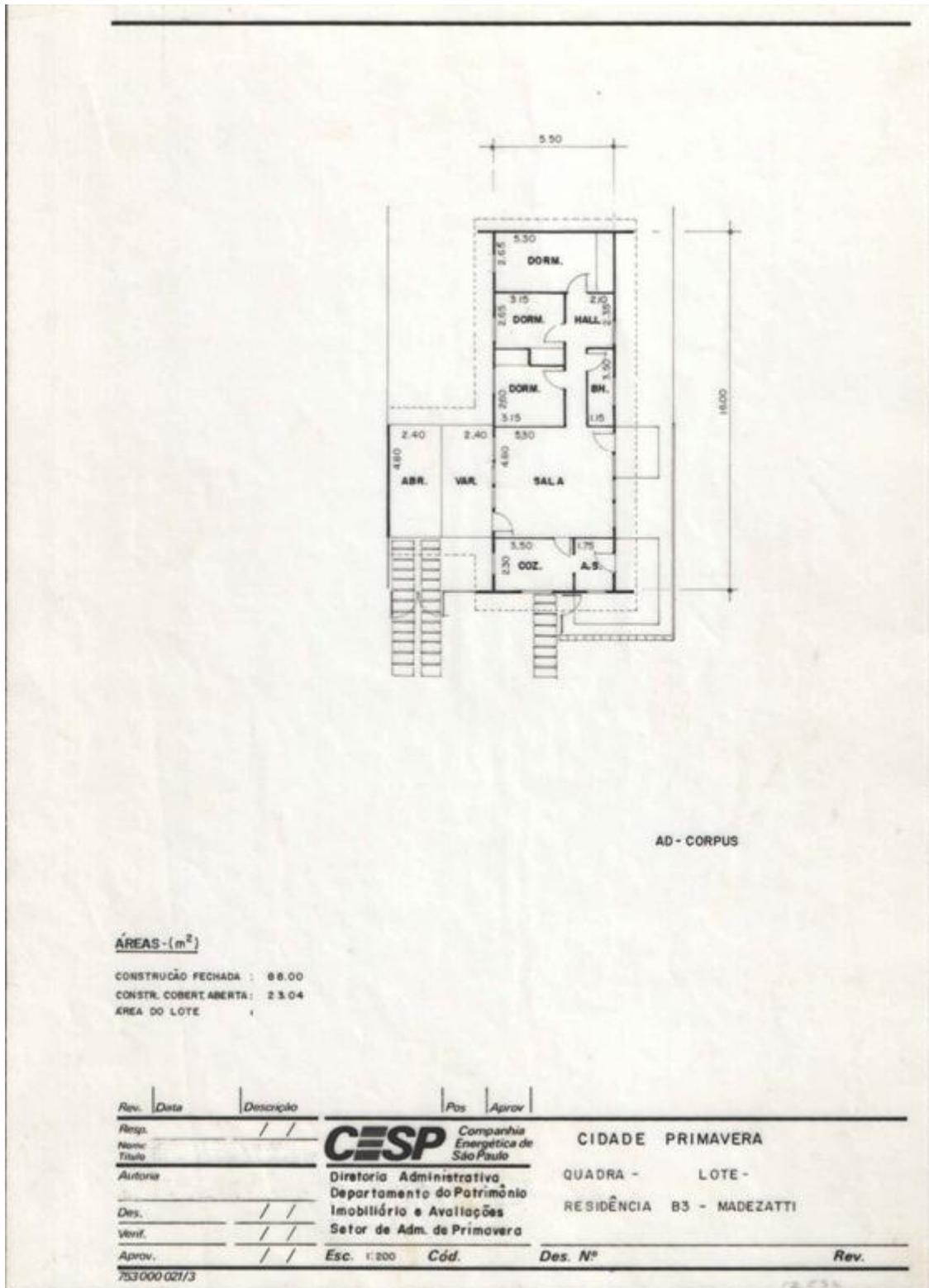
FONTE: Prefeitura Municipal de Rosana/SP – Setor de Obras e Engenharia.

ANEXO G – PLANTA BAIXA - Modelo de residência B5 para nível profissional 04



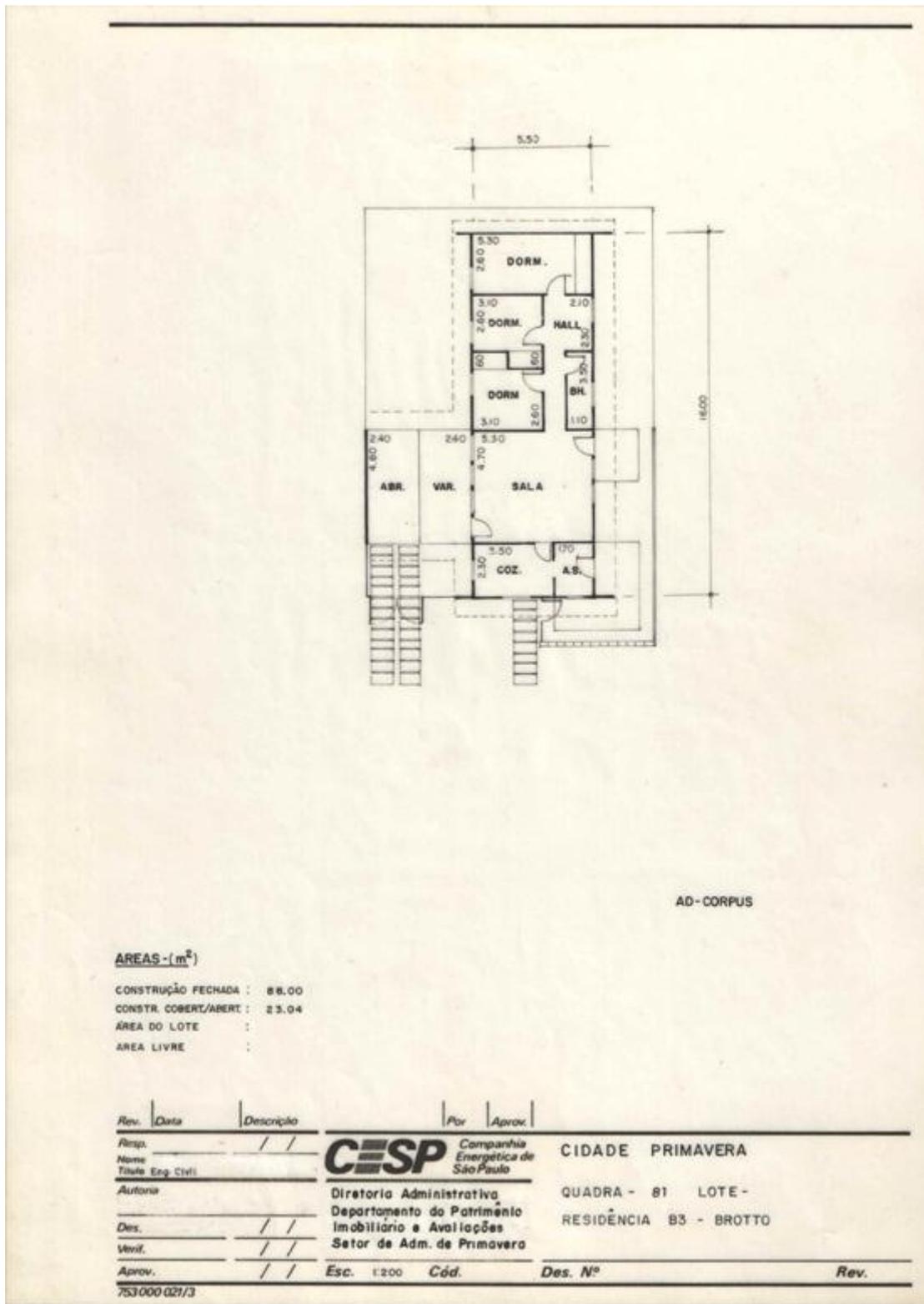
FONTE: Prefeitura Municipal de Rosana/SP – Setor de Obras e Engenharia.

ANEXO H – PLANTA BAIXA - Modelo de residência B3, empresa MADEZATTI, para nível profissional 04



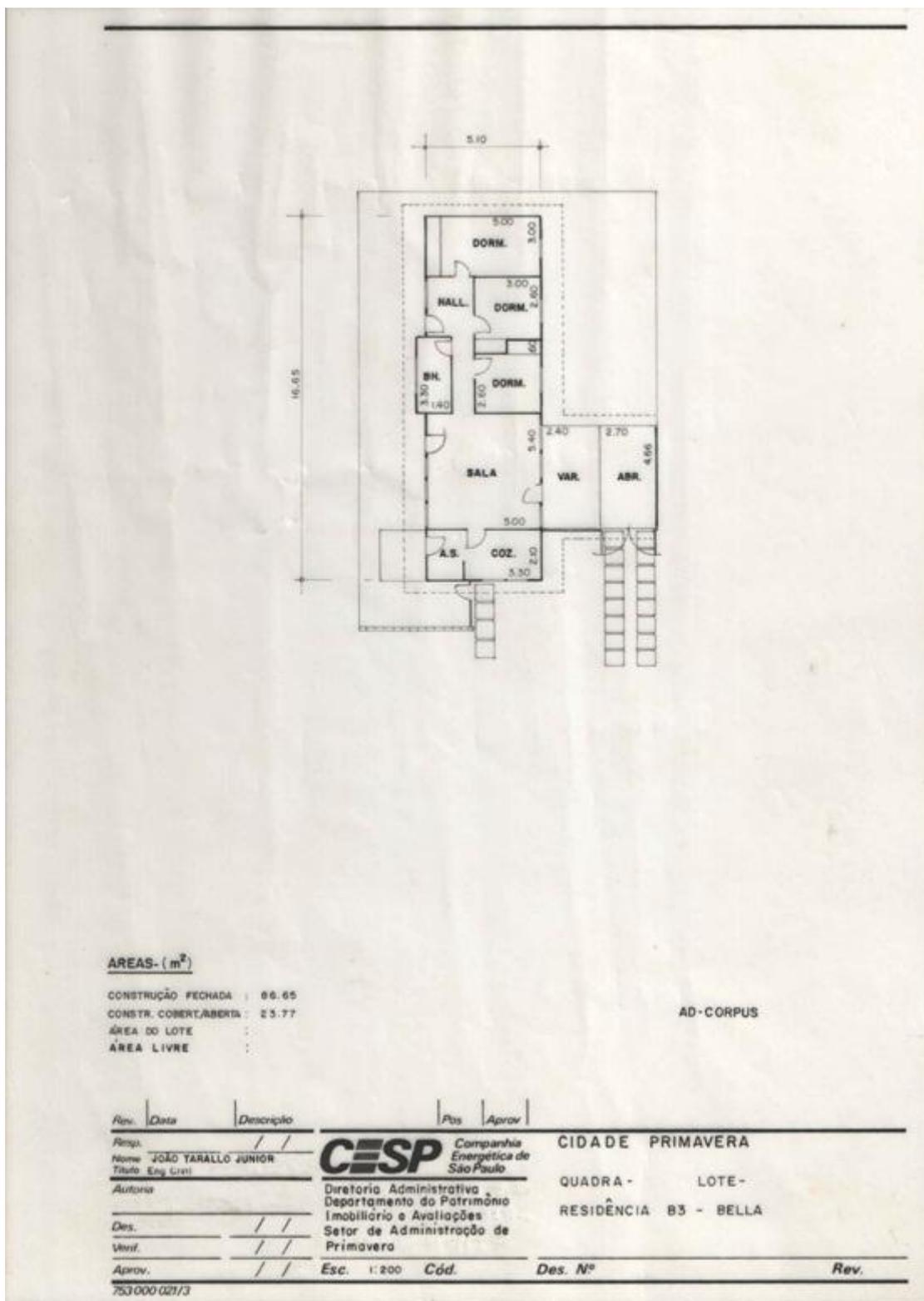
FONTE: Prefeitura Municipal de Rosana/SP – Setor de Obras e Engenharia.

ANEXO I – PLANTA BAIXA - Modelo de residência B3, empresa BROTTTO, para nível profissional 04



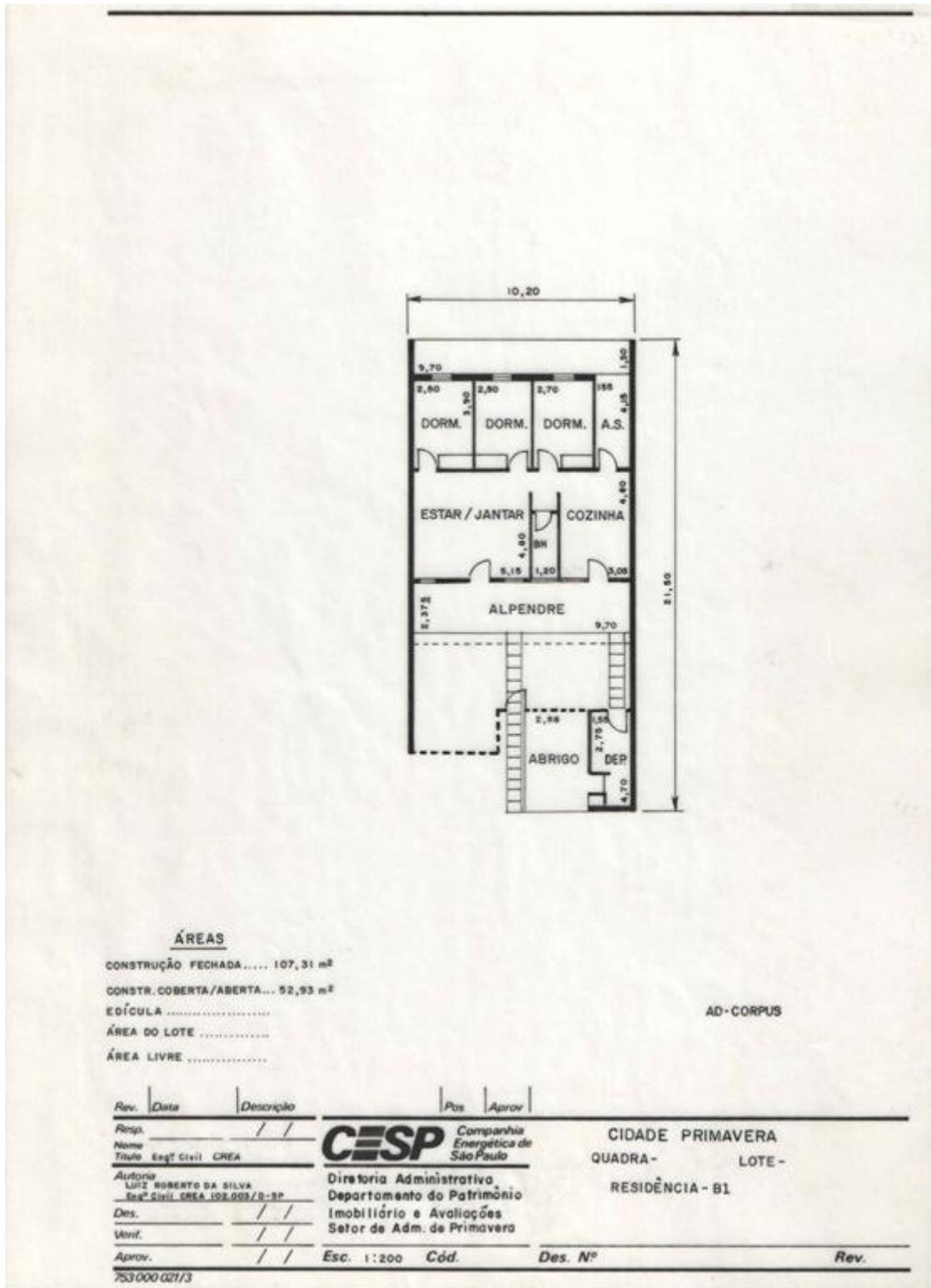
FONTE: Prefeitura Municipal de Rosana/SP – Setor de Obras e Engenharia.

ANEXO J – PLANTA BAIXA - Modelo de residência B3 empresa BELLA, para nível profissional 04



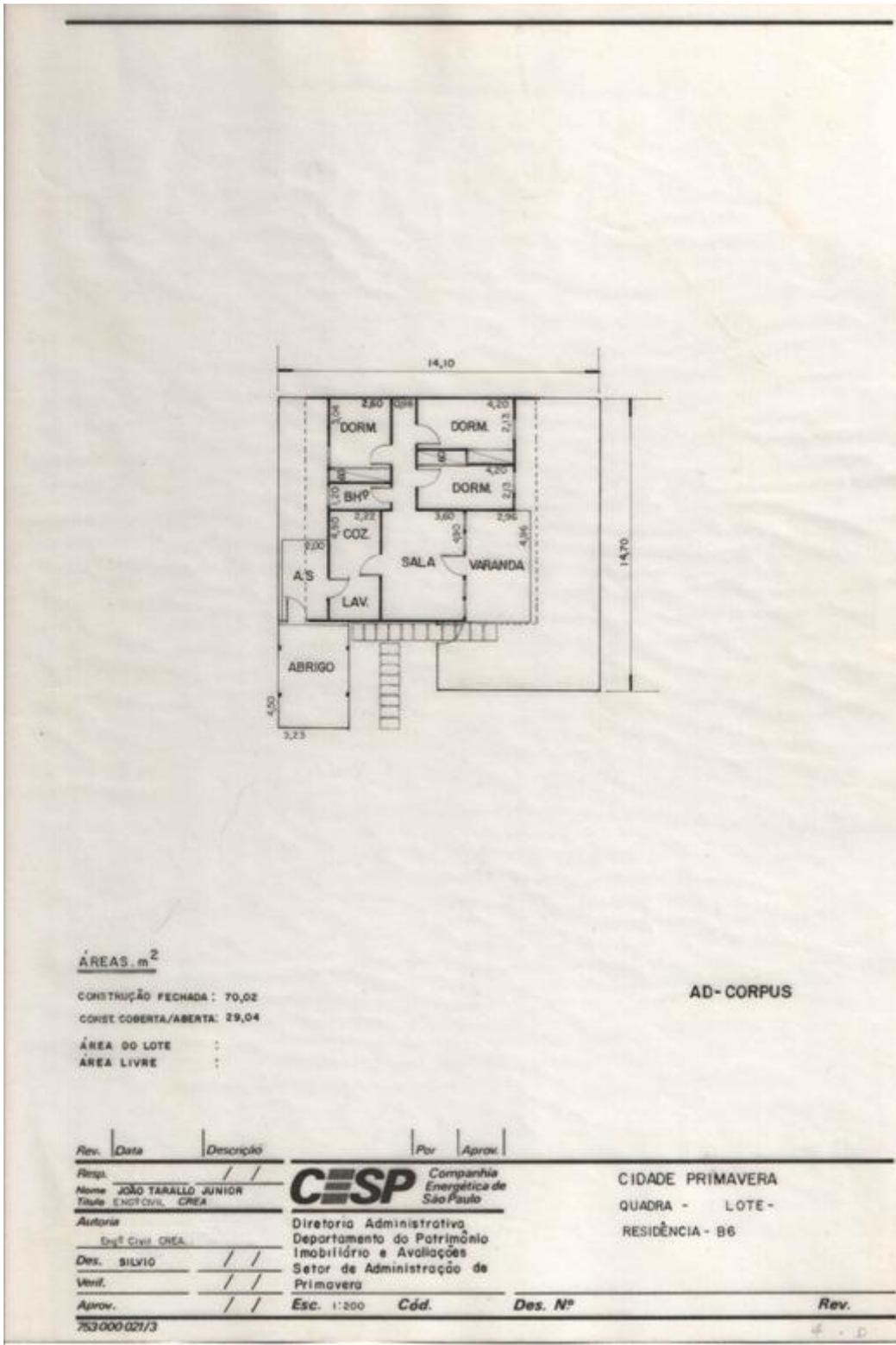
FONTE: Prefeitura Municipal de Rosana/SP – Setor de Obras e Engenharia.

ANEXO L – PLANTA BAIXA - Modelo de residência B1 para nível profissional 04



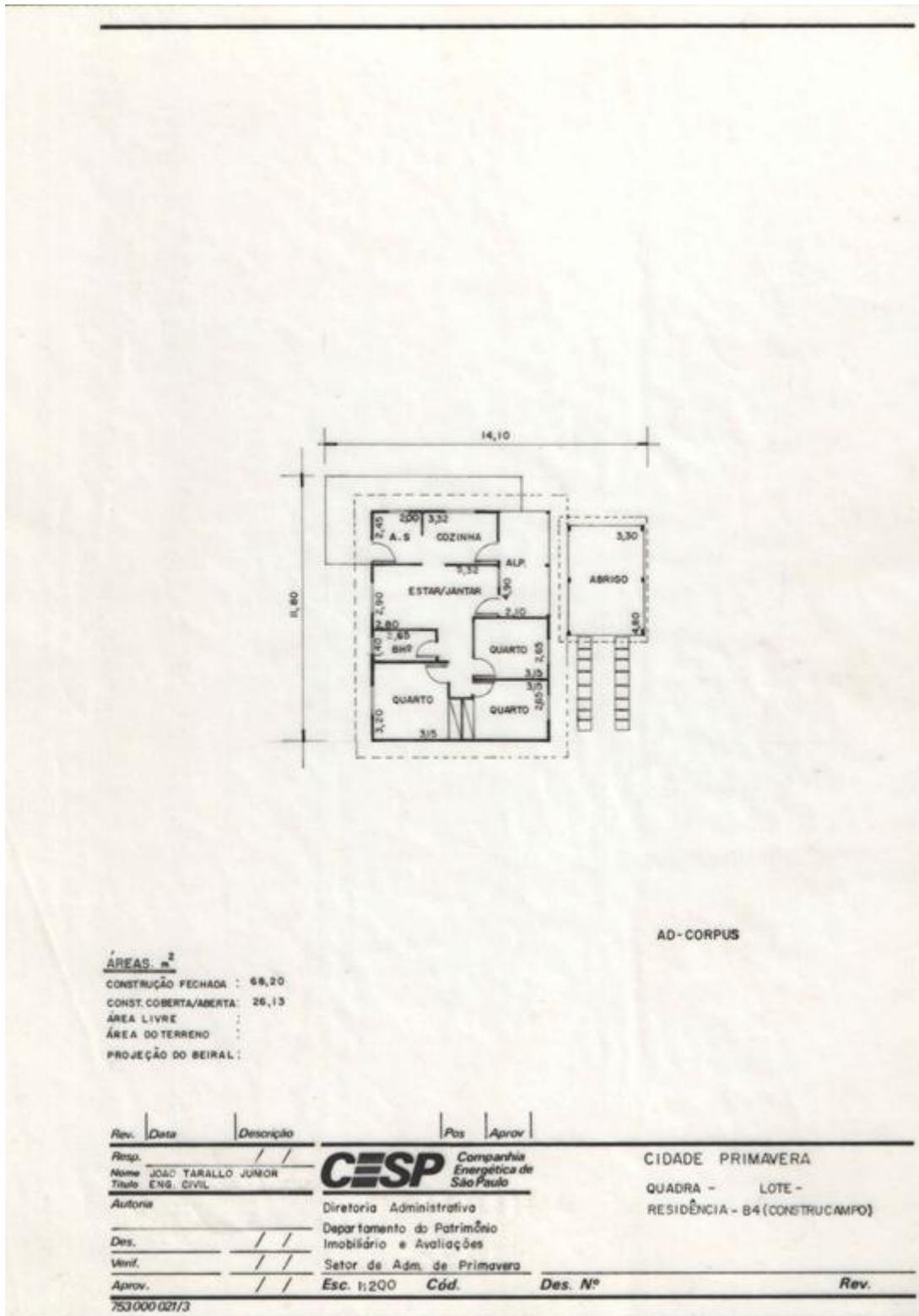
FONTE: Prefeitura Municipal de Rosana/SP – Setor de Obras e Engenharia.

ANEXO M – PLANTA BAIXA - Modelo de residência B6 para nível profissional 03



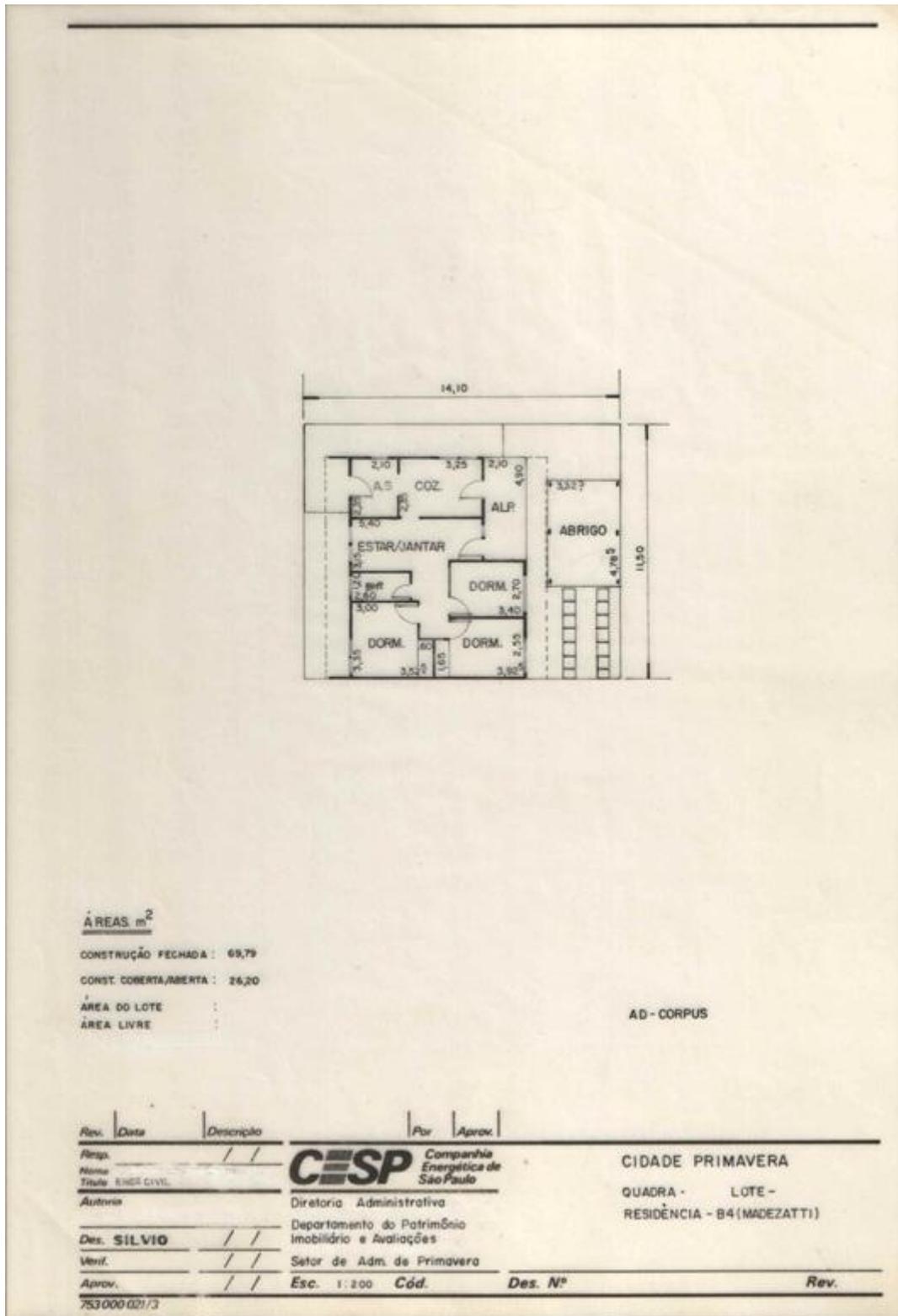
FONTE: Prefeitura Municipal de Rosana/SP – Setor de Obras e Engenharia.

ANEXO N – PLANTA BAIXA - Modelo de residência B4, empresa CONSTRUCAMPO, para nível profissional 03.



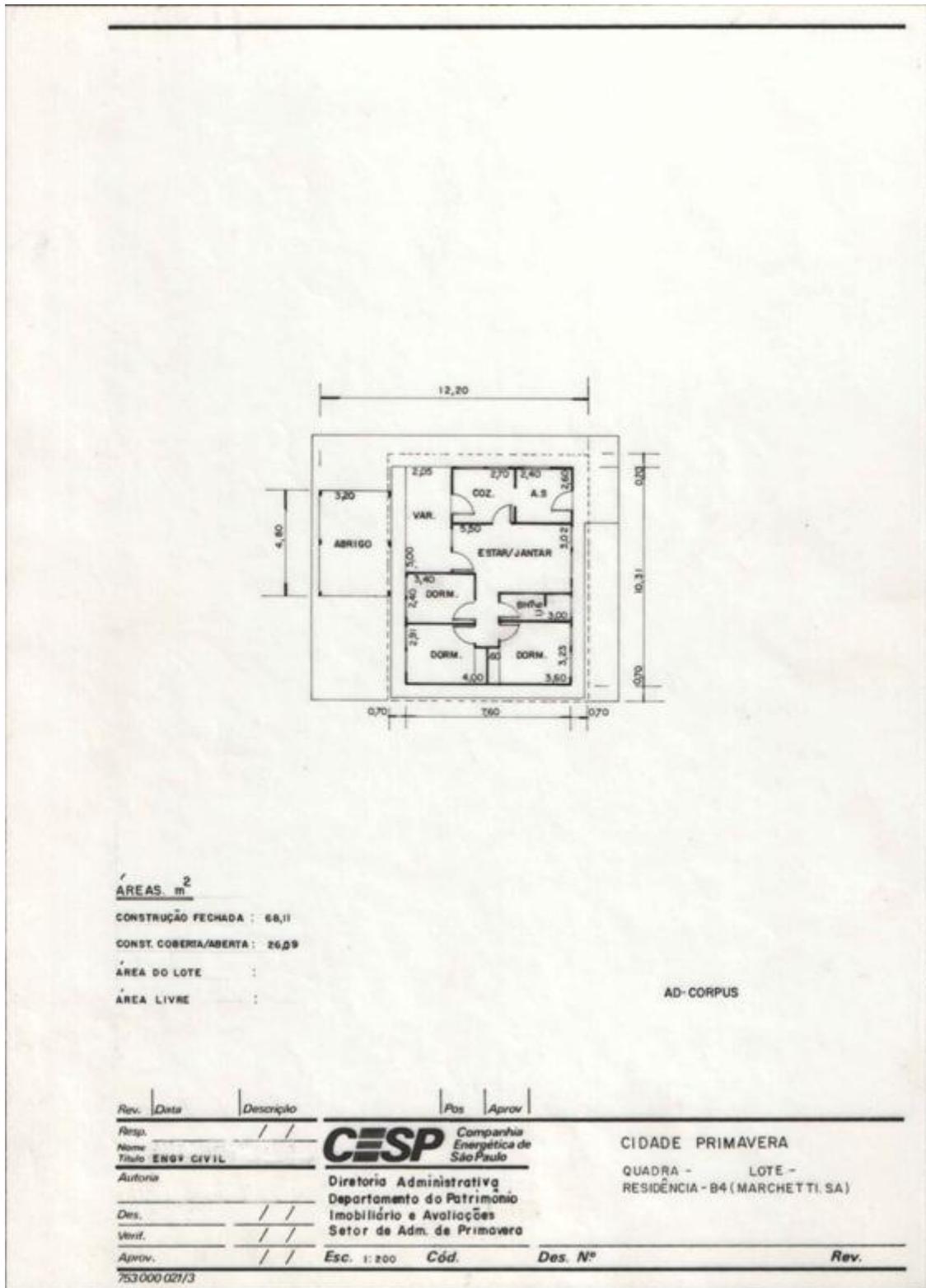
FONTE: Prefeitura Municipal de Rosana/SP – Setor de Obras e Engenharia.

ANEXO O – PLANTA BAIXA - Modelo de residência B4, empresa MADEZATTI, para nível profissional 03



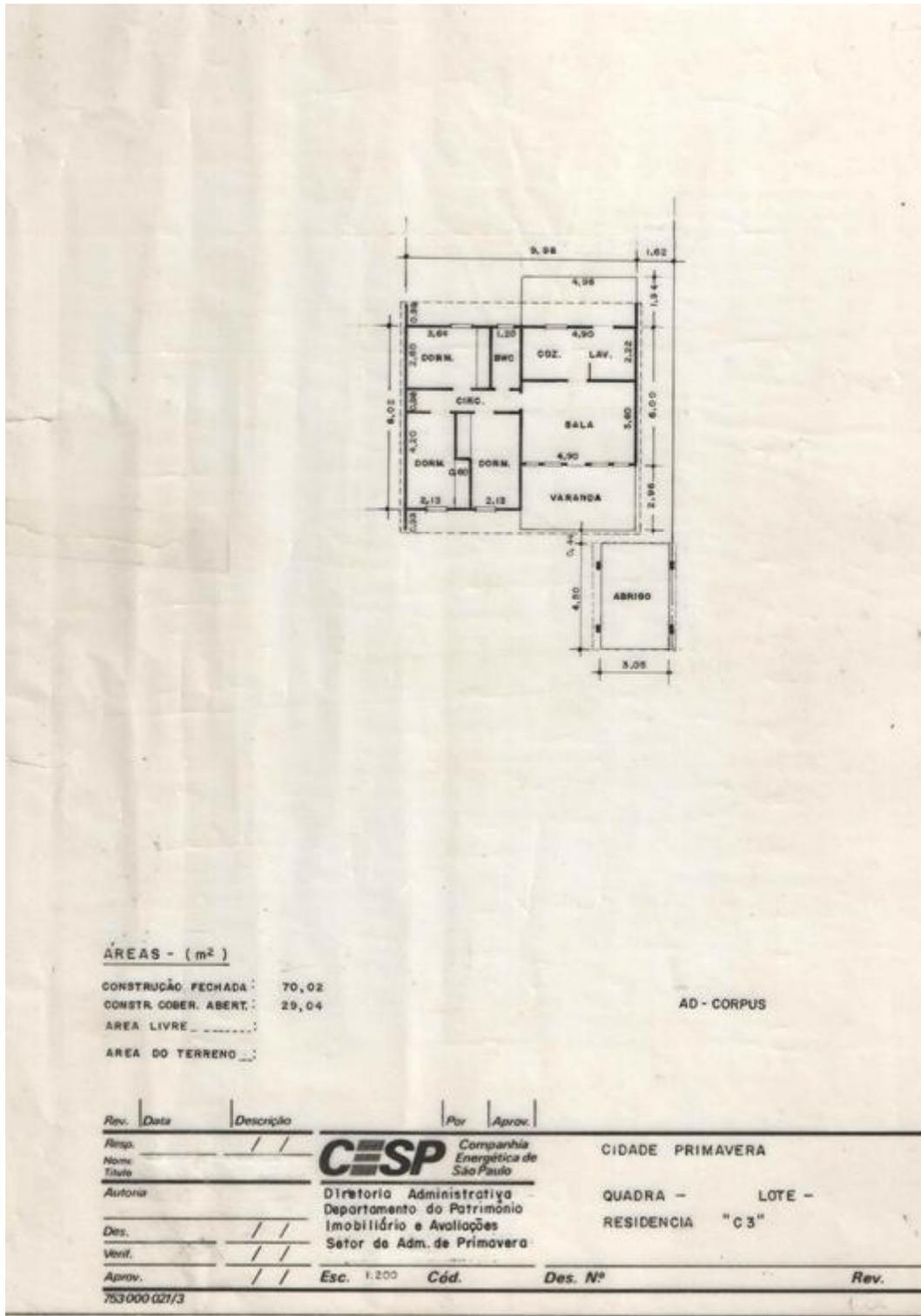
FONTE: Prefeitura Municipal de Rosana/SP – Setor de Obras e Engenharia.

ANEXO P –PLANTA BAIXA - Modelo de residência B4, empresa MARCHETTI S/A, para nível profissional 03



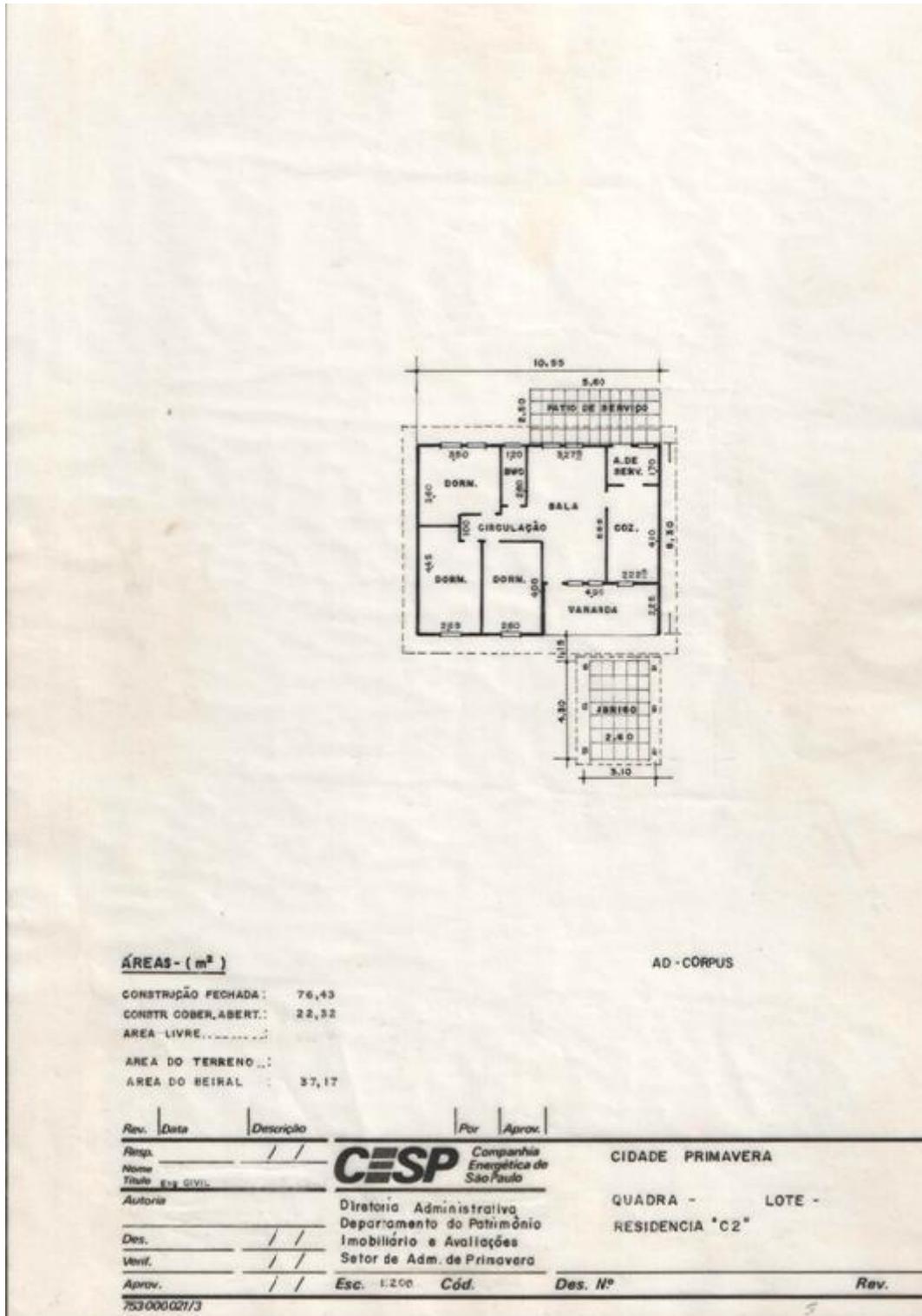
FONTE: Prefeitura Municipal de Rosana/SP – Setor de Obras e Engenharia.

ANEXO Q – PLANTA BAIXA - Modelo de residência C3 para nível profissional nível 02



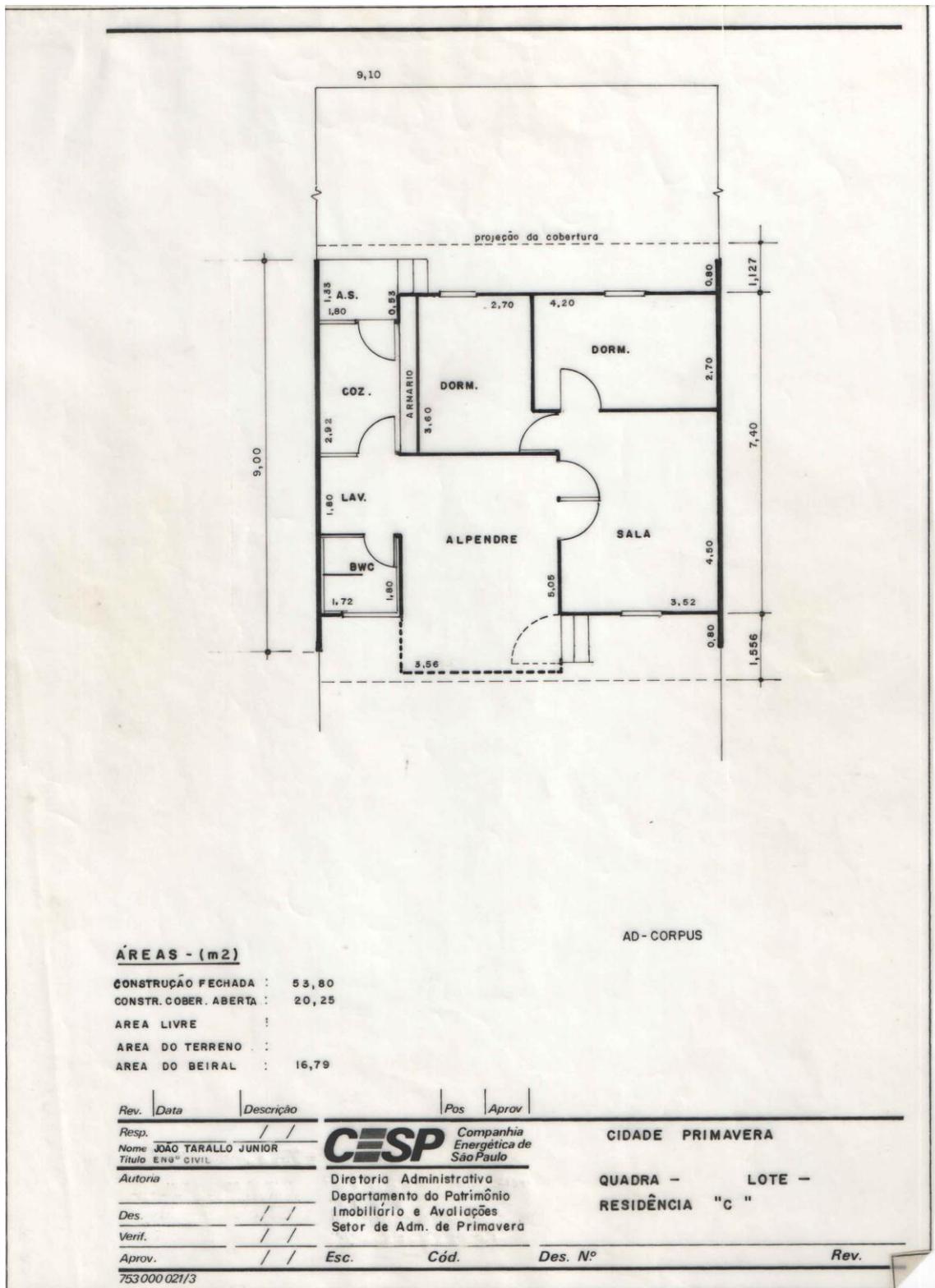
FONTE: Prefeitura Municipal de Rosana/SP – Setor de Obras e Engenharia.

ANEXO R – PLANTA BAIXA - Modelo de residência C2 com 3 dormitórios para nível profissional 2



FONTE: Prefeitura Municipal de Rosana/SP – Setor de Obras e Engenharia.

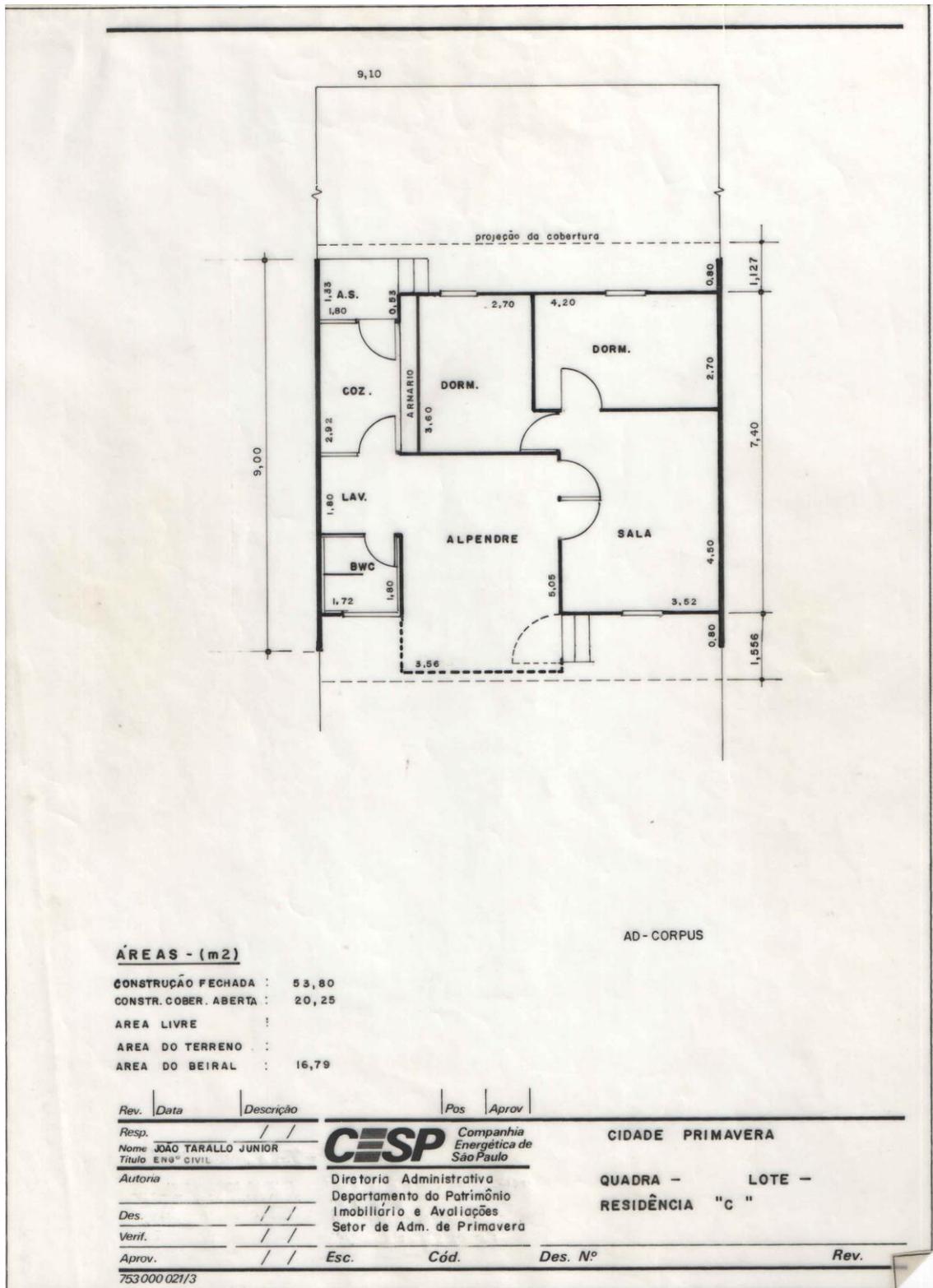
ANEXO S – PLANTA BAIXA – Modelo de residência C2⁴⁵ com 2 dormitórios para nível profissional
02



FONTE: Prefeitura Municipal de Rosana/SP – Setor de Obras e Engenharia.

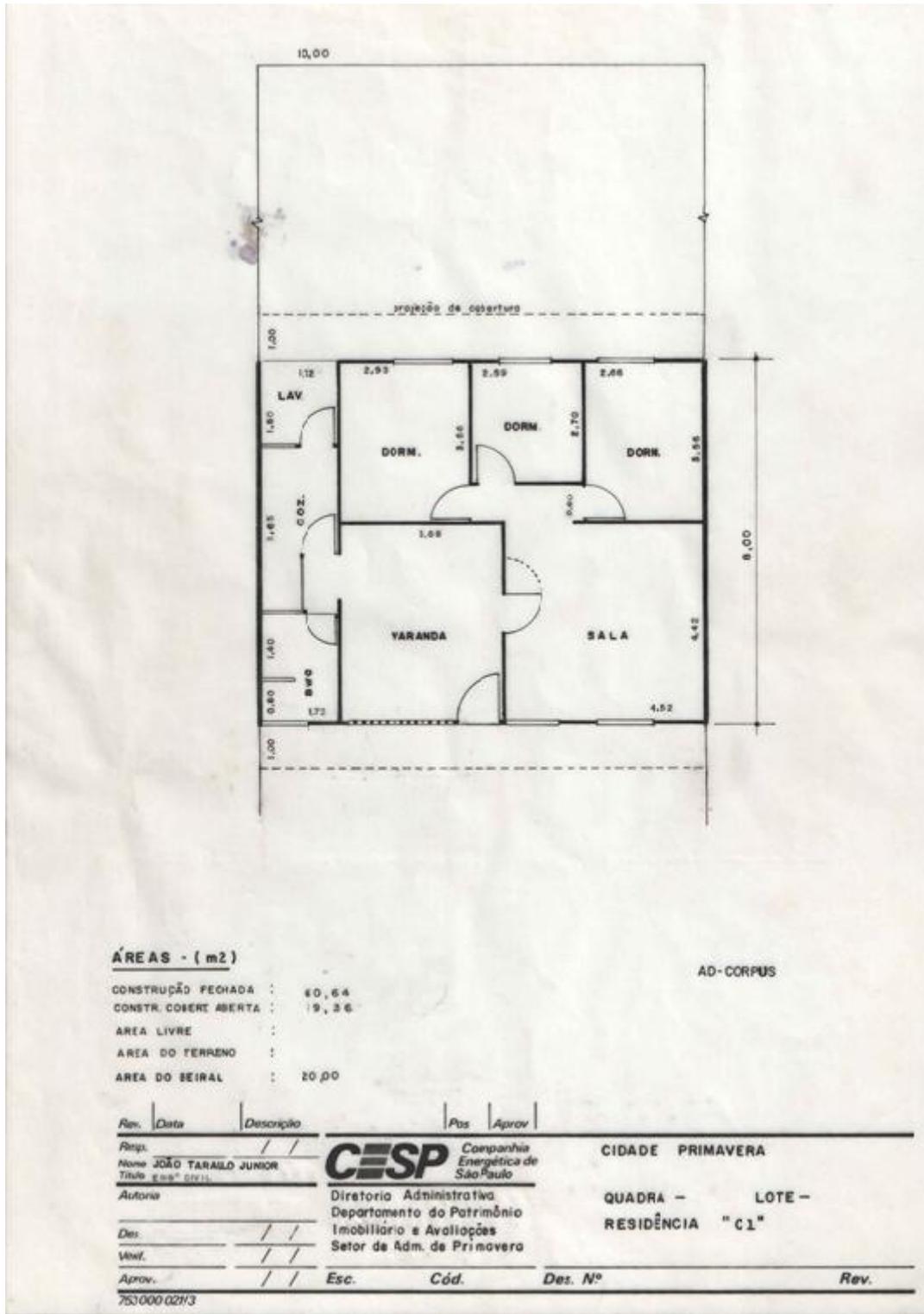
⁴⁵ A referência apresentada na planta é de residência "C", porém a estrutura pertence ao modelo C2 com 2 dormitórios.

ANEXO T – PALNTA BAIXA – Modelo de residência C⁴⁶ para nível profissional 02



⁴⁶ Diferencia-se do modelo de referência C2 para 2 dormitórios apenas na fachada. O modelo de residência C é geminado com o modelo C1, apresentando a mesma fachada.

ANEXO U – PALNTA BAIXA – Modelo de residência C1 para nível profissional 02



FONTE: Prefeitura Municipal de Rosana/SP – Setor de Obras e Engenharia.